RETROSPECTIVA

UNAIDS

RETROSPECTIVA

2019

UNAIDS

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) une esforços de 11 organismos das Nações Unidas para o enfrentamento da epidemia global de AIDS. Nesse sentido, cada organismo possui um determinado mandato, definido durante as reuniões de alto nível da Junta de Coordenação de Programa — conhecida também pela sigla em inglês PCB (Programme Coordinating Board)—, que orienta as ações e os esforços para o enfrentamento conjunto da epidemia global de AIDS.

COPATROCINADORES:

UNHCR ACNUR
Agência da ONU para Refugiados

unicef

WFP

PNUD

UNFPA
Fundo de População das Nações Unidas

UNODC
Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

ONU MULHERES

OIT

Representação da UNESCO no Brasil
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Organização Pan-Americana da Saúde

Organização Mundial da Saúde
Américas

GRUPO BANCO MUNDIAL

6 | INTRODUÇÃO

8 | EIXO 1
ESTRATÉGIA FAST-TRACK: ACELERANDO A RESPOSTA AO HIV

1.1 **Acelerando a prevenção: Apoio para a participação efetiva do Brasil na Coalizão Global para a Prevenção do HIV** 10

Participação do Brasil nas reuniões da Coalizão em 2019 11

Avaliação das políticas de prevenção combinada do HIV no Brasil 14

1.2 **O Brasil no Monitoramento Global da AIDS** 19

O GAM no Brasil 21

1.3 **Cidades Fast-Track - Acelerando a resposta ao HIV nas cidades** 22

1° Seminário Nacional Fast Track Cities – Acelerando a resposta nas cidades 23

Acelerando a resposta ao HIV na maior cidade da América Latina 25

Outras atividades realizadas em São Paulo 26

Rumo ao alcance das metas de prevenção e tratamento na cidade de Salvador 29

Outras ações em Salvador 31

Acelerando a resposta em Porto Alegre com foco nos direitos humanos 32

Transdiálogos 32

Outras ações em Porto Alegre 34

Acelerando a resposta ao HIV na capital do Brasil 35

Apoio à Aceleração da Resposta na região de fronteira 38

Valientes por la Vida 43

Outras ações em Roraima 44

1.4 **Incidência Legislativa** 45

Ações de apoio ao *advocacy* no Brasil 46

Outras ações de incidência política 47

1.5 **Grupo Temático Ampliado sobre HIV/AIDS (GT UNAIDS)** 49

54 | EIXO 2
O PODER DAS COMUNIDADES

2.1 **Juventude e Comunicação** 55
Se liga Aê, Juventude! 56
A criatividade a favor da inclusão de jovens com deficiência 58
Apoio na mobilização de jovens pelo Brasil 59
Juventude latino-americana na #AIDS2019 no México 62
Campanha regional para Dia Mundial contra a AIDS 2019 64
Deu Positivo, e Agora? 65
Capacitação de jovens ativistas em Curitiba e Recife 67

2.2 **Apoio ao fortalecimento das redes de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS** 68
Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+) 68
Movimento Nacional de Cidadãs Posithivas (MCNP) 69
Outras ações com redes de mulheres vivendo com HIV 71
Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV e AIDS (RNAJVHA) 72
Outras ações com redes de jovens vivendo com HIV 74
Rede Nacional de Mulheres Travestis e Transexuais e Homens Trans Vivendo com HIV/AIDS (RNTTHP) 75
Homenagem do GT UNAIDS às redes. 76

2.3 **Integrando direitos LGBTI+ e HIV** 77
Paradas LGBTI e HIV 78
HIV/AIDS será o tema da Parada do Orgulho LGBTI+ de São Paulo em 2021 81
Ativismo LGBTI na resposta ao HIV. 82
Outros eventos 84
Prevenção em festas gays e HSH 85

86 | EIXO 3
ZERO DISCRIMINAÇÃO

3.1 **Índice de Estigma Brasil 2019** 88
Índice de Estigma 89
Dados principais 91
Desdobramentos 92
Artigo de opinião – Informação e solidariedade 94

3.2 **Agenda para Zero Discriminação na Saúde** 96
Lançamento do relatório 'Seminário Zero Discriminação nos Serviços de Saúde' . . 97

3.3 **MOU USP Diversidade** 99
Campanha de Prevenção #partiuprevenção 100
Repositório de Educação Integral para a Sexualidade, HIV/AIDS e Diversidade . . 102
Oficinas Zero Discriminação nos Serviços de Saúde Diversidade. 103

3.4 **Comunicação em HIV e Zero Discriminação** 104

3.5 **Arte e HIV** 106
O.X.E.S. 106
Carta para Além dos Muros 111
Precisamos falar sobre isso 112
Outras ações sobre HIV e nos cinemas 114
Movimentos Culturais e a Prevenção Combinada 116
Camisinha poética 118
Parceria com Agência AIDS 119

120 | EIXO 4
MONITORAMENTO DA MÍDIA E AMPLIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DO UNAIDS

4.1 **Clipping UNAIDS** 121

4.2 **Relatórios e publicações em português** 125

4.3 **Plataformas online UNAIDS Brasil** 126
Redes Sociais 126
Site unaids.org.br 132

INTRODUÇÃO

O ano de 2019 marcou o encerramento de um ciclo de quatro anos de execução do projeto BRA/15/004, fruto de parceria com o então Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais (DIAHV) do Ministério da Saúde—atualmente denominado Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI)—por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), um dos programas, agências e fundos copatrocinadores do UNAIDS, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS.

Esta parceria possibilitou ao UNAIDS desenvolver diversas ações para o fortalecimento da capacidade institucional de governos em nível nacional, estadual e municipal para a promoção dos direitos humanos e a redução do estigma e da discriminação contra as pessoas que vivem com HIV e contra aquelas que se encontram em situação de maior vulnerabilidade à epidemia.

Com este financiamento inicial (*seed funding*) o escritório do UNAIDS no Brasil foi capaz de levantar fundos adicionais, mobilizar contribuições de outros parceiros envolvidos na resposta ao HIV e oferecer seus próprios recursos técnicos (*in-kind contributions*) a todas as atividades e iniciativas realizadas em no período 2016-2019.

Para guiar estas ações, foram definidos como foco três resultados principais no âmbito desta parceria:

> Desenvolver estratégias de apoio ao trabalho da sociedade civil, e também às esferas federal, estadual e municipal de governo, para promover os direitos humanos e os direitos dos mais vulneráveis ao HIV. No cerne de tais estratégias esteve o propósito de reduzir o estigma e o preconceito em relação ao HIV e à AIDS.

> Sensibilizar, conscientizar e capacitar jovens de populações vulneráveis em temas de direitos humanos e liderança, com ênfase na iniciativa Zero Discriminação.

> Desenvolver e implantar uma estratégia de comunicação mais ampla para reduzir o estigma e a discriminação contra populações-chave e contra pessoas que vivem com HIV. Neste sentido, identificar e disseminar boas práticas na resposta à epidemia.

Entre as estratégias implementadas em 2019, destacam-se :

> A oferta de assistência técnica para o fortalecimento das capacidades de *advocacy* das organizações sociedade civil para prevenção combinada.

> O desenvolvimento e a implementação de uma estratégia de promoção dos direitos humanos, equidade de gênero e raça, com o engajamento da sociedade civil e das redes e organizações de pessoas vivendo com HIV.

> O apoio para o fortalecimento das capacidades de jovens nas áreas de liderança, direitos humanos e prevenção combinada.

> A produção e/ou coleta de evidências em estigma e discriminação e seus impactos no acesso à saúde.

> O *advocacy* para leis e políticas que protejam as populações mais vulneráveis e reduzem práticas discriminatórias no nível local.

> A identificação e a disseminação de boas práticas na implementação de uma estratégia de Zero Discriminação, com foco nos serviços de saúde.

> A produção e a disseminação de materiais de comunicação para a promoção da Zero Discriminação com foco nas populações-chave e pessoas vivendo com HIV.

EIXO 1

ESTRATÉGIA FAST-TRACK: ACELERANDO A RESPOSTA AO HIV

Em 2014, o UNAIDS fez um chamado aos países de todo mundo para se juntarem a uma estratégia global de aceleração da resposta ao HIV até 2020. Com base em uma complexa análise de modelagens e projeções estatísticas, demonstrava-se que esta estratégia representava o único caminho viável para o mundo não perder a oportunidade de acabar com a epidemia de AIDS até 2030.

Para alcançar esse objetivo visionário, após três décadas da epidemia mais grave que marcou a memória das últimas gerações, será necessária uma resposta acelerada e mais focada, utilizando melhores dados para mapear e atingir as pessoas nos locais onde estão ocorrendo mais infecções pelo HIV. Ainda mais importante, será necessário garantir que nenhuma população seja deixada para trás.

Essa estratégia de aceleração da resposta (Fast-Track) será fundamental para alcançarmos as metas de tratamento 90-90-90 propostas pelo UNAIDS, garantindo que: até 2020, 90% das pessoas vivendo com HIV estejam diagnosticadas; 90% destas pessoas estejam em tratamento; e que 90% delas tenham a carga viral indetectável. Ao mesmo tempo, a aceleração da resposta impacta diretamente também nas metas de prevenção e de zero discriminação.

A seguir, apresentaremos as estratégias que o escritório do UNAIDS no Brasil implementou em 2019 em apoio à aceleração das respostas em níveis nacional e subnacionais à epidemia de AIDS, em estreita colaboração com diversos parceiros envolvidos neste compromisso.

1.1 Acelerando a prevenção: Apoio para a participação efetiva do Brasil na Coalizão Global para a Prevenção do HIV

Apesar da disponibilidade de um amplo conjunto de ferramentas e métodos eficazes de prevenção do HIV e de uma expansão massiva do tratamento antirretroviral nos últimos anos, não houve diminuição suficiente das novas infecções entre adultos em todo o mundo. A meta da Declaração Política das Nações Unidas de 2016 sobre o fim da AIDS é reduzir as novas infecções por HIV para menos de 500.000 até 2020—em 2018, elas somavam mais de 1,7 milhão.

Como uma das estratégias para apoiar o mundo no enfrentamento desta verdadeira crise da prevenção, em 2017, o UNAIDS e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) convocaram governos e outros atores-chave para a criação de uma Coalizão Global para Prevenção. A Coalizão inclui os 25 países com maior peso em relação às novas infecções por HIV–entre eles o Brasil–, copatrocinadores do UNAIDS, doadores e organizações da sociedade civil e do setor privado. A Coalizão tem como objetivos:

> criar uma plataforma de formuladores de políticas de prevenção do HIV, gestores de programas e sociedade civil para fortalecer o compromisso político;

> definir etapas e marcos críticos para garantir o aumento efetivo do programa de prevenção em um roteiro global de prevenção;

> e fortalecer a responsabilização e a transparência (*accountability*) de todas as partes interessadas, bem como o apoio técnico aos programas de prevenção do HIV, no sentido de alcançar as metas e compromissos de prevenção da Declaração Política de 2016 pelo fim da AIDS.

A Coalizão aspira à manutenção de um processo global de prestação de contas, como a utilização de cartões de pontuação (*score cards*), capazes de refletir, de forma transparente, o progresso em relação às metas nacionais rumo aos marcos de 2020 e 2030.

Com o intuito de orientar os países e organizações associadas, foi lançado o Roteiro de Prevenção para 2020.

Participação do Brasil nas reuniões da Coalizão em 2019

Entre os dias 7 e 9 de maio, em Nairóbi, capital do Quênia, ocorreu a Reunião de Diretores das Comissões Nacionais de AIDS dos Estados-membros da Coalizão Global para Prevenção do HIV. O encontro foi coorganizado pelo UNAIDS e pelo UNFPA, um dos copatrocinadores do Programa Conjunto, com objetivo de analisar o progresso alcançado pela Coalizão e traçar estratégias de Aceleração da Resposta ao HIV para o alcance das metas acordadas.

"A reunião representou uma oportunidade ímpar para o intercâmbio de experiências entre os países empenhados na aceleração da resposta para a redução das novas infecções para o HIV", afirmou Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil, que participou do evento ao lado de representantes do Ministério da Saúde brasileiro. "O Brasil pôde compartilhar os resultados das estratégias que têm desenvolvido no campo da prevenção, reforçando o compromisso com as metas e prioridades estabelecidas no plano de trabalho da Coalizão." A delegação brasileira em Nairóbi também contou com a participação do Assessor para Juventude e HIV do UNFPA Brasil, Caio Oliveira.

O Roteiro de Prevenção do HIV até 2020 estimulou os países a desenvolverem um plano de 100 dias para ações imediatas, incluindo a definição de metas nacionais, a revisão do progresso realizado mediante o plano, e a reavaliação de seus programas nacionais de prevenção. No Brasil, o DCCI atuou em parceria com o UNAIDS na construção do Plano, que foca em ações voltadas para populações-chave e para a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP).

A participação brasileira na reunião da Coalizão Global para a Prevenção do HIV ocorreu em momento estratégico, um mês antes da Reunião Técnica para Analisar o Campo e as Práticas da Prevenção do HIV no Brasil, que aconteceu em Brasília de 12 a 14 de junho de 2019. "Importante destacar que o Brasil pôde compartilhar, em Nairóbi, a experiência da implementação da PrEP no SUS, o que despertou o interesse de outros países que estão iniciando o processo de disponibilização da PrEP como parte de sua política nacional", informou Gerson Pereira, diretor do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde.

Em 11 de novembro de 2019, antes da Cúpula de Nairóbi, na 25ª Conferência Internacional de Desenvolvimento Populacional (conhecida pela sigla em inglês ICPD 25), representantes do Ministério da Saúde do Brasil participaram da reunião de alto nível "Acelerando o progresso rumo aos objetivos de prevenção do HIV para 2020–a promessa da prevenção abrangente do HIV e saúde e direitos sexuais e reprodutivos para todas as pessoas".

O Brasil estava entre os mais de 200 delegados e delegadas, incluindo ministros e vice-ministros da saúde de países da Coalizão e de outros países que estão acelerando suas respostas de prevenção, além de representantes do UNAIDS e UNFPA, outros representantes de governos, sociedade civil e comunidades, agências da ONU e parceiros de desenvolvimento. Durante o encontro, participantes do evento assumiram compromissos e promessas ousadas de ampliar a prevenção do HIV em seus respectivos países até 2020 e além.

Durante o encontro, o Ministério da Saúde brasileiro anunciou seu compromisso de dobrar a oferta de Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) em 2020 no país para as populações mais vulneráveis ao HIV (gays e outros homens que fazem sexo com homens, trabalhadoras do sexo, travestis e pessoas trans e casais sorodiferentes—quando uma pessoa vive com HIV e a outra não). Com este compromisso, a oferta de PrEP passará de cerca de 12.000 (dados de agosto de 2019) para cerca de 24.000 até dezembro de 2020. A apresentação dos dados foi feita pela equipe do DCCI presente no encontro.

No mesmo encontro, os coorganizadores da reunião, UNAIDS e UNFPA, lançaram o 3º Relatório de Progresso sobre a implementação do O Roteiro da Prevenção até 2020. O relatório retrata o avanço e as barreiras enfrentadas pelos 28 países que fazem parte da Coalizão e representam 75% de todas as novas infecções por HIV em todo o mundo—1,2 milhão dos 1,7 milhão de novas infecções por HIV entre adultos em 2018.

O relatório mostra que, entre estes países, as infecções entre adultos diminuíram, em média, 17% desde 2010, em um ritmo um pouco mais acelerado do que a média global, que foi de queda de 13%, mas muito aquém do declínio de 60% que se mostrava necessário em 2018 para o cumprimento das metas globais de prevenção do HIV.

"Estamos há quase 40 anos na epidemia de HIV e é inaceitável que os governos e as lideranças ainda estejam se esquivando de questões delicadas", disse Winnie Byanyima, diretora executiva do UNAIDS. "Os investimentos na prevenção do HIV não atendem às necessidades do nosso povo; em alguns países, mesmo os produtos básicos, como preservativos, não estão disponíveis, não são acessíveis - nem fisicamente, nem financeiramente - principalmente para quem vive em áreas rurais, para jovens e populações-chave."

Avaliação das políticas de prevenção combinada do HIV no Brasil

No âmbito da participação do Brasil na Coalizão Global de Prevenção, e a partir de solicitação de apoio técnico do DCCI, o UNAIDS e a OPAS/OMS apoiaram a realização de um processo de avaliação das políticas e programas de prevenção no país.

O processo de avaliação foi realizado entre os dias 10 a 14 de junho e incluiu visitas técnicas a serviços de saúde em Porto Alegre (RS) e Brasília (DF) e um encontro de dois dias com organismos internacionais, organizações da sociedade civil, gestores do nível federal, estadual e municipal e pesquisadores. O objetivo deste processo foi discutir os avanços e desafios da implementação das políticas e iniciativas de prevenção do HIV no Brasil, bem como construir recomendações para o aprimoramento das políticas para a redução das novas infecções por HIV.

"A realização desta reunião técnica nacional reafirma o compromisso do país em seguir trabalhando para aprimorar suas estratégias de prevenção", explicou Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil. Ao longo de uma semana, os participantes da reunião puderam avaliar e discutir conjuntamente os avanços da resposta à epidemia no campo da prevenção, e também as lacunas e desafios para que o país consiga cumprir seus compromissos em relação às metas de prevenção para 2020 e 2030.

O grupo iniciou os trabalhos da semana com uma visita à organização não governamental Casa Fonte Colombo, que presta serviços de acolhimento, testagem e aconselhamento a pessoas vivendo com HIV ou em situação de vulnerabilidade ao HIV na capital gaúcha.

MARLOWA TRUSS

Natural de Ibirá (RS), MARLOWA TRUSS, travesti de 44 anos, vive com HIV desde 2009. Ela conta que descobriu sua sorologia por acaso. "Eu era trabalhadora do sexo e rodava todo o estado. Um dia, uma amiga travesti me convidou para vir aqui e eu vim, só de curiosidade. Acabei descobrindo tempos depois que vivia com HIV. Hoje, sou frequentadora da Casa Fonte Colombo", conta. "Aliás, me chama para fazer um comercial ou campanha sobre HIV que eu falo tudo, viu? Temos que ter mais campanhas de prevenção, alcançar mais pessoas."

Além de três freis e três funcionários contratados, a Casa Fonte Colombo contava com 47 voluntários em 2019, dos quais pelo menos 25% são sempre pessoas vivendo com HIV. O acolhimento é para todas as pessoas, independentemente de origem étnico-racial, religião, orientação sexual, identidade de gênero e classe social.

"Acolhemos pessoas de todos os tipos, de ricos a pobres. Inclusive fazemos visitas mensais às casas daqueles que não conseguem se locomover, levando roupa, comida e insumos", conta frei Lunardi. "Temos também um grupo que faz um trabalho de base, alcançando cerca de 500 famílias de Porto Alegre com orientações sobre prevenção do HIV.

A Casa Fonte tem estrutura para receber cerca de 36 pessoas por dia, mas chega a colher 80 pessoas em dias mais cheios da semana.

A equipe técnica também visitou o Hospital Sanatório Partenon, que funciona como Centro de Testagem e Aconselhamento coordenado pela Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul. O Serviço de Atendimento e Terapêutica (SAT) conta com cerca de dez mil cadastros e quase cinco mil pacientes vivendo com HIV vinculados. Foi o primeiro centro de saúde a dispensar a PrEP (Profilaxia Pré-exposição) pelo serviço gratuito ofertado pelo SUS, em janeiro de 2018. Ainda em Porto Alegre, o grupo visitou o Centro de Saúde Santa Marta, um dos principais da cidade. Lá, o grupo se reuniu com representantes da Coordenação Municipal de IST/AIDS, Vigilância Epidemiológica, Consultório na Rua e do Serviço de Atendimento Especializado (SAE).

"Nosso objetivo com esta missão foi o de pensarmos juntos em estratégias articuladas com os territórios", explicou Gil Casimiro, coordenador de Prevenção e Articulação Social do DCCI. "Porto Alegre tem uma epidemia de HIV considerada generalizada, mas temos que focar nossa atenção no princípio da equidade, com uma atenção especial às populações excluídas e mais vulneráveis".

No segundo dia da missão, o grupo de especialistas e técnicos visitou também dois serviços de saúde do Distrito Federal: o Hospital Dia e Ambulatório Trans do DF—com um cadastro ativo de cerca de 7.000 pessoas vivendo com HIV, mas nem todas necessariamente fidelizadas—e o Núcleo de Testagem e Aconselhamento (NTA-Rodoviária), localizado na Rodoviária do Plano Piloto, região central de Brasília. No momento da visita, o Hospital Dia fazia a dispensação de PrEP, duas vezes por semana, para cerca de 350 pessoas já cadastradas. E o Ambulatório Trans, que funciona no mesmo prédio, contava um cadastro ativo de cerca de 300 pessoas, a maioria homens trans—dos quais 60% tinham menos de 24 anos.

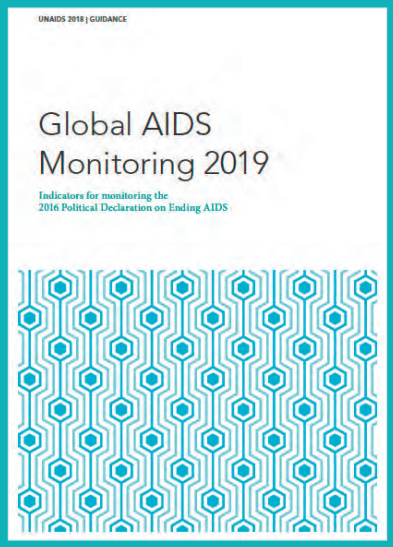
1.2 O Brasil no Monitoramento Global da AIDS

Todo primeiro trimestre de cada ano, o UNAIDS convoca os Países-membros das Nações Unidas para que compartilhem oficialmente com o Programa Conjunto seus dados epidemiológicos e informações estratégicas relacionadas à epidemia de AIDS. Por meio de uma ferramenta online, o processo conhecido como Monitoramento Global da AIDS (Global AIDS Monitoring–GAM–, em inglês) busca compilar informações relevantes sobre o ano anterior para que a equipe de especialistas em dados do UNAIDS possa reuni-las em seus relatórios globais e relatórios de atualização do Secretário Geral da ONU, entre outros documentos.

Através de guias atualizados anualmente, o UNAIDS busca orientar os usuários na produção de um relatório narrativo e com gráficos através da ferramenta online homônima, utilizando-se dos dados relatados. Estas informações estratégicas representam uma janela de oportunidades para influenciar a agenda da AIDS, principalmente no contexto desta próxima década, a fim de acabar com a epidemia até 2030, como uma ameaça à saúde pública.

O processo de Monitoramento Global da AIDS tem sido frequentemente reconhecido como referência para mecanismos internacionais bem-sucedidos de prestação de contas.

COMO FUNCIONA:



O processo de consulta nacional durante o 1º trimestre do ano acelera a consolidação e validação dos dados; isso reduz a necessidade de discussões posteriores sobre os detalhes ou mesmo uma volta à origem dos dados.

O envolvimento da sociedade civil na consulta é fundamental, especialmente na resposta às questões relacionadas a leis e políticas; isso garante que todos os parceiros relevantes sejam engajados e desempenhem seu papel importante na implementação e nos relatórios.

Engajamento oportuno dos provedores de dados desde o início do ano ajuda a garantir que os dados sejam informados no prazo e tenham uma melhor qualidade e uma melhor precisão.

Os dados relatados informam ao Secretário Geral e à Assembleia Geral da ONU sobre o progresso na resposta à AIDS no mundo, além de contribuir para uma melhor compreensão da resposta de cada país à epidemia.

O GAM no Brasil

Assim como tem acontecido nos últimos anos, o Ministério da Saúde, em parceria com o UNAIDS Brasil, realiza uma consulta técnica com a sociedade civil e para preparar o Relatório Brasileiro dentro da plataforma GAM. Igualmente, em 2019, as diferentes redes de pessoas vivendo com HIV e das populações-chave nomearam representantes que se responsabilizaram por coletar e unificar as respostas dentro de seus círculos de abrangência.

O resultado dessa consulta, assim como as atualizações dos principais indicadores para o monitoramento da epidemia do HIV para o relatório de 2019, foram apresentados na 49ª Reunião da Comissão de Articulação com os Movimentos Sociais (CAMS) e 127ª Reunião da Comissão Nacional de IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (CNAIDS), realizadas no mesmo encontro em Brasília.

Esse encontro marcou a primeira reunião do ano, tanto da CAMS quanto da CNAIDS, e também da nova gestão do DCCI, nomeada no início de 2019. Na ocasião, o diretor do DCCI, Gerson Pereira, expôs as cinco prioridades para a resposta ao HIV, Hepatites Virais e Sífilis para os anos de 2019 e 2020:

1. redução da mortalidade das pessoas vivendo com HIV;

2. redução das hepatites virais com foco na hepatite C;

3. redução da sífilis, da hepatite B e a eliminação da transmissão vertical do HIV;

4. ampliação do acesso às ações de prevenção e atenção à saúde em IST, HIV/AIDS e hepatites virais;

5. e a redução dos casos de sífilis adquirida.

1.3 Cidades Fast-Track - Acelerando a resposta ao HIV nas cidades

Para alcançar a meta ambiciosa de acabar com a AIDS como uma ameaça à saúde pública até 2030, engajar apenas os governos centrais dos países não seria suficiente. Nunca houve dúvidas de que as prefeituras desempenhavam um papel fundamental na resposta à epidemia de HIV. Contudo, não havia, no mundo, uma plataforma capaz de ampliar e reforçar o engajamento político e programático das cidades.

Desde o lançamento, em 2014, da Declaração de Paris, mais de 300 prefeituras de todo o mundo já foram mobilizadas. A iniciativa pioneira é apoiada globalmente pelo UNAIDS em parceria com ONU-Habitat, Associação Internacional de Prestadores de Serviços de AIDS (conhecida pela sigla em inglês IAPAC) e a Cidade de Paris. Ao assinar a Declaração de Paris, as cidades se comprometem com o alcance das metas 90-90-90, bem como as metas de prevenção e eliminação do estigma relacionados ao HIV.

As metas 90-90-90 são um dos focos importantes deste compromisso, o que significa que, até 2020, estas localidades precisam garantir que: 90% das pessoas vivendo com HIV estejam diagnosticadas nestas localidades; que 90% das pessoas diagnosticadas estejam em tratamento antirretroviral; e que 90% destas pessoas em tratamento estejam com carga viral indetectável.

No Brasil, 42 cidades, além dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Distrito Federal, fazem parte deste movimento global. Juntas, essas localidades brasileiras respondem por uma população de mais de 47 milhões de pessoas.

Nas próximas páginas, apresentaremos um resumo das principais ações realizadas pelo UNAIDS no Brasil em 2019 para apoiar as cidades na Aceleração da Resposta rumo ao fim da epidemia de AIDS.

1° Seminário Nacional Fast Track Cities – Acelerando a resposta nas cidades

Em outubro de 2019, o UNAIDS e o DCCI do Ministério da Saúde reuniram, em São Paulo, secretários e secretárias municipais e estaduais de saúde, profissionais da gestão pública e especialistas na resposta ao HIV nos níveis municipal, estadual e federal para discutir avanços, desafios e soluções em torno dos compromissos da Declaração de Paris. Este encontro, que reuniu representantes de 15 das cidades e estados brasileiros signatários da Declaração de Paris, aconteceu nos dias 31/10 e 1/11. O evento marcou também a comemoração do Dia Internacional das Cidades, celebrado mundialmente pela ONU.

Em sua fala de abertura, o diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima, destacou o ineditismo e a importância da reunião de um número tão expressivo de secretários e secretárias municipais e estaduais de saúde durante dois dias para discutirem e compartilharem experiências na resposta à epidemia do HIV. "Quando conseguimos avançar na resposta à epidemia do HIV, avançamos também em outros campos que vão além da área de saúde como, por exemplo, nas questões sociais."

Durante o seminário, foram debatidos não apenas dados epidemiológicos e as cascatas de tratamento, mas também aspectos como populações-chave e direitos humanos, prevenção combinada do HIV, intersetorialidade e justiça social, parcerias com a sociedade civil, financiamento e compromisso político.

O encontro também contou com compartilhamento de experiências focadas em monitoramento e avaliação do HIV, o papel fundamental dos dados e estatísticas

para a construção de uma resposta mais efetiva à epidemia, e rodadas de diálogos sobre linha de cuidado e gestão de serviços, além de um balanço final dos participantes sobre as discussões levantadas durante o evento.

"O engajamento da resposta ao HIV é fundamental, especialmente a nível local, para alcançarmos as metas 90-90-90 de Aceleração da Resposta à epidemia. O Brasil tem todos os instrumentos e todo o potencial para conseguir enfrentar esse desafio com sucesso, especialmente em um contexto de acesso universal à saúde", destacou Clarissa Barros, analista técnica de políticas sociais do DCCI.

"Foram dois dias intensos de discussões políticas e programáticas que evidenciaram que não existe uma solução única para alcançar as metas 90-90-90, mas que essa conquista é possível quando há liderança política e comprometimento de todos", concluiu o diretor interino do UNAIDS no Brasil.

O relatório *Fast-Track Cities: Acelerando a resposta ao HIV nas cidades*, resumindo as discussões e apresentando as principais conclusões do grupo, será lançado em 2020 para apoiar as cidades signatárias em suas iniciativas e políticas para o alcance das metas até o final de 2020.

Acelerando a resposta ao HIV na maior cidade da América Latina

São Paulo é a cidade mais populosa da América Latina e lar de quase 12 milhões de pessoas. Foi também o epicentro da epidemia de HIV no Brasil, ao identificar o primeiro caso do país em 1980. Nas últimas décadas, o município tem trabalhado para expandir os serviços de prevenção combinada, incluindo testes itinerantes, distribuição de preservativos, atividades de conscientização sobre estigma e discriminação e expansão de centros de atendimento especializados.

Dada a importância da cidade para a epidemia e a resposta do HIV, em 2019, pelo segundo ano consecutivo, o UNAIDS no Brasil prestou apoio técnico à cidade *in loco* a partir do trabalho realizado pela consultora Silvia Almeida. Ao longo do último ano, as ações tiveram como foco o enfrentamento do estigma e da discriminação relacionados ao HIV, bem como o fortalecimento da sociedade civil, especialmente do Movimento Nacional das Cidadas Posithivas.

Além disso, o apoio técnico local oferecido pelo UNAIDS ao longo de 2019 incentivou a inclusão das temáticas relacionadas ao HIV nas ações implementadas pelo Fórum de Empresas e Direitos LGBT.

Por fim, destaca-se a participação do UNAIDS no comitê de especialistas para validação da eliminação da transmissão vertical do HIV nos municípios. Em novembro de 2019, a cidade de São Paulo foi certificada pelo Ministério da Saúde (MS) como município que eliminou a transmissão vertical do HIV, ou seja, a transmissão do HIV de mães que vivem com o vírus para seus bebês. Apenas outras duas cidades do País haviam obtido esta certificação: Curitiba, com 1,9 milhão de habitantes, e Umuarama com 111 mil.

Outras atividades realizadas em São Paulo

FEVEREIRO

| Em parceria com a ONG Gestos, o UNAIDS realizou, em São Paulo, o treinamento de pessoas vivendo com HIV e pessoas vivendo com AIDS que atuariam como entrevistadores e entrevistadoras no âmbito da pesquisa Índice de Estigma e Discriminação em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil. Além de São Paulo, as entrevistas foram realizadas em outras seis capitais brasileiras.

MARÇO

| Com o objetivo de alertar foliões e foliãs dos blocos de Carnaval de São Paulo sobre a importância da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e ao HIV, o UNAIDS apoiou as ações do Programa Municipal de DST/AIDS na distribuição de preservativos e informações durante os blocos João Capota na Alves, Jegue Elétrico e Pipoca da Rainha—que movimentou milhares de pessoas com a cantora Daniela Mercury. As ações foram realizadas nos locais de concentração dos blocos, antes da saída para a folia.

JUNHO

| No âmbito das celebrações do mês do orgulho LGBTI, o UNAIDS apoiou diversos eventos realizados na cidade de São Paulo, incluindo a participação na **Feira da Diversidade** e na **Parada do Orgulho LGBTI**, organizados pela Coordenação de Políticas para LGBTI da cidade de São Paulo e parceiros.

OUTUBRO

| São Paulo foi escolhida para sediar o **1° Seminário Nacional Fast Track Cities – Acelerando a resposta nas cidades**. A Coordenadora do Programa Municipal de HIV/AIDS, Cristina Abatte, foi convidada para apresentar a experiência do projeto "Tudo de Bom" durante o encontro. Esta é uma das iniciativas da cidade de São Paulo para alcançar e mapear as populações-chave em seu território. O projeto é inovador, pois também oferece uma bolsa com recursos do próprio Programa para que o mapeamento e o acolhimento sejam feitos entre pares. Através desta iniciativa, diversas pessoas trans tiveram sua primeira oportunidade de trabalho e agora podem servir de ponto de apoio para outras pessoas trans na adesão ao tratamento, assim que diagnosticadas.

OUTUBRO/NOVEMBRO

| Em parceria com a Coordenação de Políticas LGBT da Secretaria Municipal de Direitos Humanos de São Paulo, o UNAIDS apoiou o processo de mobilização das organizações da sociedade civil para a construção da **3ª Caminhada da AIDS de São Paulo**. Foram mobilizadas organizações que trabalham com as temáticas de HIV e direitos LGBTI. O Programa USP Diversidade atuou como um dos parceiros do UNAIDS no apoio a estas ações.

DEZEMBRO

| A realização da **3ª Caminhada da AIDS** em São Paulo da Coordenação de Políticas para LGBTI da Secretaria Municipal de Direitos Humanos contou com apoio e participação e diversos parceiros do governo, sociedade civil e academia. A Caminhada da AIDS é um evento realizado há 35 anos em Los Angeles e que se espalhou por diversas cidades no mundo. O objetivo é conscientizar a sociedade sobre o preconceito que ainda existe em relação às pessoas vivendo com HIV e com AIDS no país, além de reforçar a necessidade da prevenção. Além de se caracterizar como um momento de solidariedade e conscientização a respeito da epidemia de HIV, a Caminhada contou com ações de testagem e consultas à comunidade LGBTI.

ACELERANDO A RESPOSTA AO HIV EM TODO O ESTADO DE SÃO PAULO

Diversas ações na resposta ao HIV também ocorreram em âmbito estadual, lideradas pelo Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS de São Paulo (CRT-SP) da Secretaria Estadual de Saúde. O UNAIDS participou ativamente de reuniões de diferentes grupos técnicos que contam com a participação de gestores, profissionais, especialistas e representantes da sociedade civil, incluindo o Grupo Temático Zero Discriminação, Fórum Comunitário PrEP Injetável, Comitê Técnico de Prevenção, do Fórum de Dirigentes em IST/AIDS e do Fórum Estadual da Tuberculose.

O UNAIDS colaborou também com diversas atividades organizadas pelas redes e movimentos sociais atuantes na resposta à AIDS, incluindo: 1º Encontro de Juventude, Comunidade e Ativismo em IST/HIV/AIDS; Rodas de Conversas do Mães pela Diversidade; Encontro Nacional da RNP+ e a Reunião ampliada do Movimento Paulistano de Luta contra a AIDS (MOPAIDS). Nessas oportunidades, o UNAIDS pode compartilhar documentos técnicos e experiências exitosas com foco nos princípios de Zero Discriminação nos serviços de saúde e na prevenção do HIV entre jovens de populações-chave.

Especificamente em relação ao Movimento Nacional de Cidadãs Posithivas no estado de São Paulo, o UNAIDS contribuiu para o aprimoramento do planejamento do grupo, bem como para ampliação de conhecimentos e habilidades no uso de ferramentas de comunicação.

Importante destacar também as contribuições do CRT-SP em atividades organizadas pelo UNAIDS, como o Encontro Nacional de *Fast Track Cities* e a reunião técnica para construção de recomendação para o aprimoramento e a expansão das políticas de prevenção combinada do Ministério da Saúde. Por fim, as duas organizações continuaram, em 2019, como parceiras no apoio à organização dos encontros estadual e nacional de saúde liderados pela Associação da Parada do Orgulho LGBTI de São Paulo.

Rumo ao alcance das metas de prevenção e tratamento na cidade de Salvador

A cidade de Salvador foi uma das primeiras do Brasil a assinar a Declaração de Paris, ainda em 2014, comprometendo-se a acelerar a resposta local à Aids para atingir as metas de tratamento 90-90-90. A Cascata de Atenção ao HIV, realizada pela Secretaria Municipal de Saúde de Salvador, em 2017, indica que 22.000 pessoas vivem com HIV em Salvador, das quais 12.000 são diagnosticadas (57%), 10.000 (83%) estão em tratamento antirretroviral e 8.000 com carga viral suprimida (80%).

Em 2019, o escritório do UNAIDS no Brasil manteve seu apoio técnico à cidade in loco com foco no desenvolvimento de ações para o enfrentamento do estigma e da discriminação relacionados ao HIV e no apoio à implementação do projeto Viva Melhor Sabendo Jovem, liderado pelo UNICEF em parceria com o GAPA Bahia e o governo local.

Salvador também foi uma das sete capitais brasileiras que serviram de campo para a realização da pesquisa do Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS. Em parceria com a ONG Gestos, o UNAIDS realizou, na cidade, o treinamento para as pessoas vivendo com HIV que iriam trabalhar na aplicação dos questionários.

Diversas outras ações receberam apoio do UNAIDS e seus copatrocinadores em 2019, em Salvador. As atividades do chamado Dezembro Vermelho, por exemplo, buscaram sensibilizar a população quanto à importância do acesso à informação adequada sobre HIV, sobre a evolução dos métodos de prevenção e de tratamento. Estas ações buscam apoiar o município no avanço das estratégias de prevenção do HIV e de inclusão de pessoas no tratamento antirretroviral.

Fizeram parte das atividades conjuntas do Dezembro Vermelho as seguintes organizações, instituições e entidades públicas:

> Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (CEDAP)

> GAPA Bahia

> Instituição Beneficente Conceição Macedo (IBCM)

> UNAIDS

> UNICEF

> UNFPA

> SAE São Francisco

> SAE Marymar Novais

> Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB)

> Secretaria Municipal de Saúde

> RNP+/BA

> Cidadãs PositHIVas/BA

> Projeto PrePara Salvador

Além da III Mostra Baiana de Prevenção e Testagem do HIV e ISTs, que aconteceu dia 27/11, no auditório ICS-Canela, a programação seguiu com diversas atividades. No dia 1º de dezembro (Dia Mundial contra AIDS), houve o show Solidariedade, na Praça Teresa Batista, no Pelourinho; houve também uma ação de prevenção combinada (testagem, orientações, serviços com Unidade Móvel e Pipoca da Prevenção) no Porto da Barra – em frente ao forte de Santa Maria. Esta ação no Porto da Barra contou também com a distribuição de autoteste de HIV para populações mais vulneráveis, como jovens gays e outros homens que fazem sexo com homens, travestis e mulheres trans, além de jogos interativos com o público jovem sobre sexualidade, orientação sexual, HIV e AIDS, com apresentações performáticas de drag queens.

Nos dias 2, 3 e 4 de dezembro, as atividades do Dezembro Vermelho incluíram ações de testagem rápida para HIV e sífilis na loja do Esporte Clube Bahia. No dia 5/12, aconteceu o IV Seminário Positivamente, na Associação Baiana de Medicina, com organização do SAE Marymar Novais, a Secretaria Municipal de Saúde e parceria do UNAIDS, que ministrou uma palestra sobre como a comunicação pode minimizar comportamentos, atitudes e práticas estigmatizantes em relação às pessoas que vivem com HIV ou AIDS.

Outras ações em Salvador

Em maio de 2019, o projeto Viva Melhor Sabendo Jovem Salvador contou com a presença de quase 100 profissionais de saúde, gestores e ativistas das organizações da sociedade civil de Salvador para participar na Roda de Conversa sobre AIDS, direitos humanos, acolhimento, cidadania sexual, testagem para o HIV e cuidado integral de pessoas usuárias do SUS. O evento foi organizado pelo GAPA Bahia, com apoio do UNICEF e parceria do UNAIDS e da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador.

Acelerando a resposta em Porto Alegre com foco nos direitos humanos

Diversas ações, reuniões, encontros e atividades de capacitação com apoio do UNAIDS e seus copatrocinadores marcaram a agenda de 2019 em Porto Alegre, a cidade signatária da Declaração de Paris com a maior taxa de detecção de casos de AIDS no país.

Transdiálogos

O ano foi marcado pela continuidade da implementação do projeto Transdiálogos, desenvolvido pela Política de Saúde Integral LGBTQI+ da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre desde 2014, em parceria com o UNAIDS, PNUD e organizações locais de travestis e pessoas trans. A iniciativa é uma estratégia de educação continuada que busca, a partir da capacitação de profissionais, melhorar o acolhimento das pessoas trans e LGBTQI+ nas 141 unidades de saúde do município.

Como parte da metodologia do projeto, a atriz Evelyn Ligocki, que interpreta a travesti Beth, procura uma unidade de saúde relatando algum problema de saúde comum, sem muita complexidade. Durante o atendimento, observa de que maneira esse atendimento é feito.

Até o início da discussão, os funcionários envolvidos na atividade desconhecem que a travesti interpretada por Evelyn faz parte dessa atividade de formação. Ao final, a discussão ganha uma nova perspectiva quando ela revela a todos que é uma atriz.

A participação de uma atriz mulher cisgênero fazendo o papel de uma travesti durante a capacitação foi pensada para evitar situações de constrangimento entre os envolvidos e para não expor a população trans e travesti uma vez mais à carga emocional gerada por uma situação de preconceito e discriminação. Uma vez feita a intervenção da atriz, a equipe técnica da Secretaria Municipal de Saúde e uma mulher travesti ou transexual, representando o movimento local desta população, participam da reunião de capacitação que acontece como parte do trabalho de sensibilização e conscientização.

Até 2019, 84% das unidades de saúde já tinham recebido o projeto, o que significou a capacitação de 71% de todos os profissionais ligados a estes serviços. Uma pesquisa de avaliação com estes profissionais mostrou que 89% deles afirmaram que o treinamento ajuda a melhorar os serviços de saúde e 82% disseram que o método de capacitação foi excelente para estimular a discussão e o entendimento dos temas abordados.

Em setembro de 2019, a assessora técnica de Saúde Integral LGBTQI+ da SMS, Simone Ávila, também responsável pela implementação do Transdiálogos, apresentou o poster do projeto no 1º Encontro Internacional das Cidades Fast-Track, organizado pela IAPAC, UNAIDS e outros parceiros.

Outras ações em Porto Alegre

Além do projeto Transdiálogos, diversas outras atividades foram realizadas em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul com apoio do UNAIDS. Todas estão descritas ao longo deste relatório em suas diferentes sessões. Seguem abaixo, alguns destes destaques:

MARÇO

| UNAIDS realizou uma missão conjunta à capital gaúcha para encontros com as autoridades locais e acompanhamento das atividades implementadas com apoio e parceria da ONU. Na ocasião, como parte do Plano Conjunto da ONU para AIDS 2019, representantes do Programa Conjunto acompanharam também a implementação da última sessão da formação de entrevistadores para a construção do Índice de Estigma, ação coordenada pela ONG Gestos Soropositivade Comunicação e Gênero, de Recife.

JUNHO

| Uma equipe de técnicos e gestores nacionais do DCCI e de especialistas internacionais da OPAS/OMS e do UNAIDS realizou uma série de visitas técnicas a serviços de saúde estaduais e municipais em Porto Alegre (RS): ONG Casa Fonte Colombo, que presta serviços de acolhimento, testagem e aconselhamento a pessoas vivendo com HIV ou em situação de vulnerabilidade ao vírus na capital gaúcha; Hospital Sanatório Partenon, que funciona como Centro de Testagem e Aconselhamento coordenado pela Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul; e o Centro de Saúde Santa Marta, um dos principais de Porto Alegre.

OUTUBRO

| Como parte das ações do Plano Conjunto da ONU para AIDS 2019, o UNFPA e UNAIDS realizaram, nos dias 10 e 11 de outubro, a oficina "Testagem rápida por amostra de fluido oral no âmbito das ações de prevenção combinada" para jovens da organização da sociedade civil SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade, na cidade de Porto Alegre (RS). O encontro faz parte das ações de prevenção combinada do projeto #BoraSaber.

Acelerando a resposta ao HIV na capital do Brasil

O UNAIDS Brasil recebeu, no início de 2019, o "Certificado de Mérito do Distrito Federal" em reconhecimento à sua participação e contribuição para a resposta à epidemia de AIDS no DF, uma das localidades signatárias da Declaração de Paris. A homenagem foi entregue à então diretora do UNAIDS no Brasil, Georgiana Braga-Orillard, por Juvenal Araújo Junior, subsecretário de Direitos Humanos do DF, e Pedro Alves, assessor do Ministério Federal de Justiça e Cidadania.

Em 2019 , o UNAIDS organizou e/ou participou de diversas atividades em Brasília com foco na avaliação da situação da resposta local à epidemia, no enfrentamento ao estigma e discriminação relacionados ao HIV e no fortalecimento das capacidades das organizações e redes da sociedade civil que atuam na resposta à epidemia, incluindo de juventudes.

Veja abaixo alguns dos principais eventos e iniciativas que marcaram as ações de aceleração da resposta ao HIV no Distrito Federal:

FEVEREIRO

| Em parceria com a ONG Gestos, o UNAIDS realizou em Brasília o treinamento dos/das pessoas vivendo com HIV e pessoas vivendo com AIDS que atuaram como entrevistadores no âmbito da pesquisa Índice de Estigma e Discriminação em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil. As entrevistas foram realizadas em Brasília e outras seis capitais.

JUNHO

| O **IV Festival Internacional de Cinema LGBTI+ de Brasília**, que teve o UNAIDS como um de seus apoiadores, exibiu no dia 30/5, no teatro da Aliança Francesa, na Asa Sul, a série de curtas-metragens do curso de formação audiovisual "Luz, Câmera, Zero Discriminação", produzidos pelas 16 travestis e pessoas trans que participaram da formação, ocorrida em 2017, em São Paulo, com apoio do M.A.C. AIDS Fund e apoio da Coordenação de Políticas LGBTI+ da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Ao final da exibição, houve um debate sobre essa experiência, com participação do ativista do movimento trans e estudante de produção em áudio e vídeo João Henrique Machado e da pedagoga e ativista do movimento trans Janaína Lima—ambos participantes do curso.

NOVEMBRO

| Como parte da inauguração das celebrações da **Semana Distrital de Prevenção do HIV**, o UNAIDS participou da roda de conversa "Precisamos falar sobre isso" organizada pela Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal. A atividade contou com a participação de mais de 100 estudantes do ensino fundamental e ensino médio, que puderam tirar suas dúvidas sobre HIV. O UNAIDS participou também da roda de conversa "**O papel da juventude no enfrentamento do HIV/AIDS"**, organizada pela Rede Nacional de Adolescente e Jovens Vivendo com HIV e AIDS (RNAJVHA) e Polo de Prevenção da Universidade de Brasília, como parte das celebrações do **Dezembro Vermelho** na universidade.

DEZEMBRO

| Representantes da sociedade civil que trabalham na área de HIV e AIDS no Distrito Federal participaram, no dia 13/12, de um café da manhã no escritório do UNAIDS em Brasília. Composto por pessoas vivendo com HIV, além de representantes de organizações não governamentais (ONG) envolvidas no tema, o grupo teve a oportunidade de debater o cenário atual da epidemia de HIV no DF e os avanços e desafios no trabalho de incidência comunitária em resposta à AIDS na região.

| O UNAIDS apoiou também a segunda edição da **"Jingle Ball"**, um evento realizado anualmente no DF pelo coletivo House of Hands Up. A equipe do UNAIDS ajudou na distribuição de autoteste de HIV, na realização de conversas sobre a mandala da prevenção combinada ao vírus e na distribuição de outros insumos de prevenção durante todo o evento. O encontro trouxe propostas de discussões que buscavam visibilizar e enaltecer recortes dentro da comunidade LGBT como questões de raça, gênero e sexualidade.

Apoio à Aceleração da Resposta na região de fronteira

A Equipe Conjunta do UNAIDS no Brasil, acompanhada de uma representante do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e IST (DCCI) do Ministério da Saúde, esteve na cidade de Boa Vista (RR), no início de julho, para um ciclo de encontros com parceiros locais, incluindo representantes dos governos municipal e estadual, da sociedade civil e de outras agências e programas das Nações Unidas que atuam no local.

O objetivo foi avaliar os principais desafios da resposta ao HIV no estado e prospectar possíveis oportunidades de apoio à coordenação de projetos em andamento e à implementação de novas iniciativas conjuntas com foco na prevenção e cuidados em relação ao HIV e à AIDS.

Durante os três dias da missão, que aconteceu entre 10 e 12 de julho, foram realizadas conversas com diversos grupos, que ofereceram à Equipe Conjunta uma visão ampla do contexto local da epidemia e do que está sendo realizado em relação ao HIV no estado e na cidade de Boa Vista, principalmente, nas esferas da saúde, segurança, educação e direitos humanos.

"É fundamental coordenar as ações da Equipe Conjunta do UNAIDS na região e alinhá-las com as prioridades e necessidades locais. À medida em que somamos esforços, conseguimos ter um maior impacto e trazer mais benefícios para as pessoas", explicou Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil. "Além disso, pudemos conhecer as necessidades e lacunas no município e no estado para, em conjunto com estes gestores e parceiros, pensarmos em projetos e ações conjuntas que possam contribuir para a aceleração da resposta ao HIV, em especial para aquelas populações mais vulneráveis, que, no contexto de fronteira, incluem também os migrantes e refugiados."

A equipe conheceu as ações realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde (SMSA), principalmente em relação à capacidade municipal de prevenção e manejo clínico do HIV, sífilis, hepatites e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). Recebeu também dados sobre o acesso de venezuelanos aos serviços de saúde no município, com informações sobre tratamento para HIV e serviços de saúde sexual e reprodutiva.

Durante a missão, o grupo se reuniu com representantes da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (SEJUC) para conhecer o trabalho com as pessoas privadas de liberdade, que, segundo o governo, têm recebido testagem rápida e tratamento no caso das pessoas diagnosticadas com HIV. Segundo as autoridades

locais, o público LGBTI do sistema carcerário do estado fica em celas especiais. Contudo, informaram que ainda não existe uma política de estado voltada para seu atendimento.

As seguintes atividades também aconteceram durante esta missão da Equipe Conjunta à Boa Vista:

ORGÃOS PÚBLICOS–Encontros com o Conselho Estadual LGBTI, com a Secretaria Estadual de Saúde e com a Secretaria Municipal de Educação. Todas essas reuniões serviram para que a Equipe Conjunta do UNAIDS pudesse construir um relatório com informações e recomendações aos demais membros do Sistema das Nações Unidas no Brasil e ao Ministério da Saúde.

SOCIEDADE CIVIL–Projetos que visam à população LGBT – tanto no auxílio de brasileiros, como de imigrantes – e encontros com representantes da sociedade civil também estiveram no foco da missão. O grupo teve conversas com a Associação de Bem com a Vida (ABV), com o Fórum de ONG AIDS, representantes do Posithivas, do coletivo Mães pela Diversidade e a Pastoral da AIDS, além de uma roda de conversas com a Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado de Roraima (Aterr).

MIGRANTES E REFUGIADOS–No abrigo Latife Salomão, que acolhia no momento da visita cerca de 470 venezuelanos, e no Posto de Triagem de Boa Vista (PTRIG), que recebia diariamente 300 venezuelanos para realização de atendimento humanitário, entre outras coisas, o grupo conheceu as ações lideradas pela Operação Acolhida, do governo federal, e que conta com apoio de organismos da ONU para algumas de suas ações.

UNIVERSIDADE E NAÇÕES UNIDAS–O grupo visitou também o Centro de Referência para Refugiados e Migrantes na Universidade Federal de Roraima (UFRR), com ações coordenadas de ACNUR, OIM, UNICEF e UNFPA para o atendimento de imigrantes e venezuelanos demandantes de imigração e refúgio. Além do atendimento, as equipes das ONU distribuem preservativos e outros insumos de prevenção, oferecem testagem para HIV e fazem encaminhamento para os serviços de saúde. Folhetos informativos, como este, também são distribuídos aos visitantes.

As informações coletadas durante as visitas foram sistematizadas em um relatório técnico que incluiu também recomendações para o aprimoramento da resposta local à epidemia de maneira coordenada. O relatório foi compartilhado com os diversos atores envolvidos na resposta. Como um dos resultados da missão, o UNAIDS se incorporou a Plataforma Resposta para Venezuelanos (R4V).

VALIENTES POR LA VIDA

O grupo visitou também a ONG Valientes por La Vida, criada pela venezuelana Nilsa Hernandez, 62 anos, que cruzou a fronteira da Venezuela com o Brasil, em 2018, em busca de tratamento para o HIV.

"Não tinha tratamento para minha condição e o lugar mais perto, para mim, era o Brasil. Não sabia como era o sistema de saúde aqui, mas, não queria morrer. Vendi várias coisas e vim para o Brasil. Vim pela minha vida", explica Nilsa. Após dois anos sem tratamento, Nilsa chegou ao Brasil e ficou vivendo nas ruas com sua família. "Vivemos muitas coisas, passamos muitas dificuldades, mas consegui atingir meu objetivo: consegui tratamento".

Por conta de sua história e de sua vitória, Nilsa resolveu criar a organização para poder possibilitar aos seus irmãos venezuelanos a busca pelas oportunidades que teve no Brasil. "O nome 'Valientes' veio porque, desde pequena, quis ajudar as outras pessoas. E meu sonho sempre foi ajudar meu país e meus irmãos. 'Valientes' porque precisamos sê-lo para enfrentar a vida. Nossa marca é a luta para conseguir o que precisamos. Nas ruas pedi comida, sentimos medo, mas sempre tivemos esperança."

Há um ano em funcionamento, a ONG já recebeu 70 pessoas que vivem com HIV, e já ajudou também pessoas com outros tipos de necessidade. Todos venezuelanos, mas Nilsa deixa claro que há espaço para todos: "Brasileiros também podem nos procurar. Não temos diferenças, somos todos irmãos", encerra.

Outras ações em Roraima

SETEMBRO

| O UNAIDS apoiou o Sistema das Nações Unidas no Brasil e a sociedade civil no lançamento da Plataforma R4V (Resposta para Venezuelanos), com dados sobre o fluxo de venezuelanos no Brasil para auxiliar na resposta humanitária na região de fronteira com a Venezuela. O objetivo da iniciativa é fortalecer as ações relacionadas à Operação Acolhida, a resposta humanitária integrada pelo Governo Federal, ONU e sociedade civil. A página brasileira da Plataforma R4V disponibiliza dados recentes sobre o fluxo de venezuelanos no país, como a situação de solicitações de refúgio e migração. O site regional da plataforma reúne dados de todos os países afetados pelo fluxo de mais de 4 milhões de venezuelanos e venezuelanas que tinham deixado seu país em 2019.

DEZEMBRO

| O UNAIDS ministrou um treinamento para pessoas que atuam no Espaço de Apoio (EA) a refugiados e migrantes em Boa Vista (RR). A oficina teve como tema central Identidade de Gênero e Orientação Sexual, e abordou os fatores determinantes na vulnerabilidade de refugiados e migrantes. Além disso, a intervenção do UNAIDS buscou oferecer informação sobre tecnologias de tratamento e de prevenção ao HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, prevenção combinada, populações-chave, e interseccionalidade, entre outros temas relacionados. O objetivo foi treinar estas pessoas para fornecer informações importantes aos refugiados e migrantes que vivem com HIV ou receberam um diagnóstico recente, a fim de guiá-los para o acesso a serviços que garantam seus direitos e sua qualidade de vida.

1.4 Incidência Legislativa

O UNAIDS enxerga a saúde como um elemento inerente e fundamental para o exercício dos direitos humanos e acredita que a falta de compromisso político e a falha em investir em programas e estratégias de eficácia comprovada para resposta ao HIV—particularmente para jovens e populações-chave—pode representar uma ameaça concreta de retrocesso em relação aos avanços acumulados nestas últimas quatro décadas de epidemia.

Acabar com a epidemia de AIDS é uma meta viável se focarmos nas pessoas, não nas doenças, se criarmos roteiros seguros para pessoas e localidades que estão sendo deixadas para trás, e se adotarmos uma abordagem baseada nos direitos humanos para conseguir alcançar aquelas afetadas pelo HIV. E para isso, a necessidade de uma maior liderança política é urgente.

A defesa de pessoas vivendo com HIV e AIDS e afetadas pelo vírus tem sido fundamental para o progresso alcançado na resposta ao HIV desde o início da epidemia. O trabalho de *advocacy* (defesa de uma causa, na tradução livre para o português) pode desencadear ações diante dos obstáculos e da indiferença, mobilizar recursos financeiros e permitir que as comunidades participem dos projetos de construção de serviços de saúde capazes de atender suas necessidades.

O UNAIDS acredita que o trabalho de *advocacy* é capaz de definir os rumos da resposta à epidemia de AIDS e é um fator crucial para a definição dos níveis de investimento e de compromisso político dedicados a esta resposta, incluindo a formulação, debate e aprovação de projetos de lei e de políticas públicas. Por acreditar nestes princípios e na força do *advocacy*, em 2019, o UNAIDS no Brasil investiu tempo e esforço em ações de incidência política capazes de apoiar a sociedade civil, os movimentos de pessoas vivendo com HIV e a sociedade na construção deste debate.

Ações de apoio ao advocacy no Brasil

Como parte da semana de celebrações do Dia Internacional de Enfrentamento à LGBTIfobia (IDAHOT, da sigla em inglês), comemorado mundialmente todo dia 17 de maio, o UNAIDS foi convidado para participar de audiência pública realizada no âmbito da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em Brasília. O objetivo do encontro foi debater os projetos de lei voltados para a efetivação da igualdade de direitos e proteção jurídica da população LGBTI+. O diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima, participou do debate ao lado de deputados, sociedade civil, academia, Ministério Público Federal e Defensoria Pública da União.

A celebração do Dia Internacional contra a Homofobia, a Transfobia e a Bifobia acontece desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais, em 17 de maio de 1990. A data já recebeu reconhecimento oficial de vários Estados, instituições internacionais, como o Parlamento Europeu, e inúmeras autoridades locais, incluindo as agências das Nações Unidas.

Durante a audiência, Lima mencionou que, em cerca de um terço dos países do mundo, as relações entre pessoas do mesmo sexo são criminalizadas e que a violência LGBTfóbica ainda é muito presente no Brasil. "No Brasil, ser LGBTI+ não é crime, não há nenhuma lei que criminalize as relações entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, todos os anos, centenas de pessoas LGBTI+ são assassinadas no país, o que coloca o Brasil como campeão no assassinato de pessoas trans em todo o mundo, de acordo com a ONG Transgender Europe", destacou. "Apesar de a violência LGBTfóbica ser a face mais grave da LGBTfobia, ela também tem impacto em outras áreas da sociedade. Na economia, por exemplo, a homofobia tem um custo muito alto para os países. O UNAIDS calcula que 7,6 bilhões de dólares são perdidos na América Latina por ano por conta da homofobia."

Segundo o relatório do UNAIDS **Lacuna na Prevenção** (2016), a quantificação do custo da homofobia reforça a importância de leis e políticas inclusivas como parte dos esforços para melhorar o desenvolvimento econômico e social. O custo da homofobia é calculado a partir de aspectos de discriminação institucional (legislação) e social (aceitação da diversidade sexual), e considera perdas relacionadas à produtividade (desemprego) e ao impacto na saúde (saúde mental, física, morte por crime de ódio). O custo da homofobia no Brasil, em relação ao PIB, é maior, por exemplo, do que no Uruguai, Argentina e México.

O diretor interino do UNAIDS também destacou o impacto do estigma e da discriminação no acesso da população LGBTI+ aos serviços de saúde. "A discriminação é uma das principais barreiras da população LGBTI+ no acesso à saúde", disse. "Em muitos serviços de saúde, pessoas LGBTI+ enfrentam dificuldades de conseguir acesso a serviços de saúde de qualidade e livres de discriminação, o que torna essa população mais vulnerável a questões de saúde, como o HIV. Convido as senhoras e senhores parlamentares que se somem a essa iniciativa para construirmos serviços de saúde livres de discriminação no SUS."

Outras ações de incidência política

MAIO

| Como parte das celebrações do **IDAHOT 2019**, o UNAIDS Brasil participou da **Semana de Combate à LGBTfobia** no Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT) no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil. Na ocasião, os convidados discutiram dados nacionais sobre a violência contra a população LGBTI e políticas públicas e desenvolveram recomendações para o Governo Federal.

JULHO

| A convite da Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados, o UNAIDS participou da audiência pública para debater os efeitos do Decreto 9.795/19 na política de enfrentamento da AIDS. O decreto presidencial modificou a estrutura do departamento responsável pela resposta à AIDS no Ministério da Saúde, mudando o nome do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais (DIAHV) para Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI).

OUTUBRO

| Ao lado de outras agências, fundos e programas do Sistema ONU no Brasil, o UNAIDS participou dos grupos de trabalho formados na reunião preparatória da **XIII Cúpula Hemisférica de Prefeitos e Governos Locais da Confederação Nacional de Municipais (CMN)**, a qual adotou a Agenda 2030 e os ODS como parte de seus objetivos.

NOVEMBRO

| A nova legislatura do Congresso lançou a **Frente Parlamentar Mista de Enfrentamento às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**, do HIV/AIDS e Hepatites Virais do Congresso Nacional, que irá até 2022. Historicamente, o UNAIDS oferece apoio técnico e institucional às frentes parlamentares dedicadas ao HIV e à AIDS por acreditar no poder do debate político a respeito do tema. De acordo com parlamentares de diferentes partidos políticos, o principal objetivo dos trabalhos da Frente é chamar a atenção das novas gerações para a urgência da prevenção ao HIV e monitorar o avanço das políticas e projetos de lei que definem a resposta ao HIV no país.

| O UNAIDS participou da reunião da Frente Parlamentar de Luta contra a Tuberculose, do Congresso Nacional, que teve como pauta central a revisão das atividades realizadas em 2019, a elaboração da **Carta para Reunião Stop TB**, em Jakarta, na Indonésia, e a construção da agenda para o ano de 2020.

DEZEMBRO

| O mês de dezembro marcou diversas ações em parceria com o poder legislativo, tanto em âmbito nacional quando estadual. No Rio Grande do Sul, o diretor interino do UNAIDS, Cleiton Euzébio de Lima, participou do **Lançamento da Frente Parlamentar de Enfrentamento ao HIV/AIDS, Hepatites Virais, Sífilis e outras IST da Assembleia Legislativa**, em Porto Alegre. Na ocasião, houve também a abertura oficial da exposição "Para além dos muros", organizada pelo Fórum ONG/AIDS-RS.

| A convite do gabinete do Deputado Distrital Fábio Felix, o UNAIDS participou da reunião aberta na Câmara Legislativa Distrital para discutir as Políticas Públicas para HIV/Aids e outras ISTs no Distrito Federal.

| No dia 11 de dezembro, o diretor interino do UNAIDS, Cleiton Euzébio de Lima, participou de uma sessão da Comissão de Seguridade Social e Família, apresentando os resultados do estudo Índice de Estigma em Relação às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS no Brasil 2019.

1.5 Grupo Temático Ampliado sobre HIV/AIDS (GT UNAIDS)

A complexidade da epidemia de AIDS demanda uma mobilização de vários setores e parceiros em seu enfrentamento. É por meio de uma abordagem multissetorial que a ONU busca apoiar a resposta à epidemia no país. Essa mobilização coloca o HIV entre os temas prioritários de atuação conjunta do Sistema ONU há vários anos.

Desde 1997, a ONU se une a parceiros de diversos setores em um grupo Temático Ampliado sobre HIV/AIDS (GT UNAIDS). Ao incluir representantes de Agências da ONU, do governo, de parceiros de cooperação internacional, da sociedade civil (incluindo redes de pessoas vivendo com HIV/AIDS) e do setor privado, o GT UNAIDS é um espaço privilegiado para a promoção de ações que visam o apoio e o fortalecimento de uma resposta nacional multissetorial à epidemia. Trata-se do maior e mais antigo grupo interagencial da ONU no Brasil e o mais ativo grupo do tipo no mundo.

A coordenação do Grupo é compartilhada de forma rotativa entre as Agências da ONU, e o UNAIDS atua como seu secretariado. Em 2019, a Dra. Socorro Gross, Representante da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) no Brasil assumiu a presidência do grupo. A OPAS/OMS é responsável pela condução da resposta global à epidemia do HIV na área da saúde. Como copatrocinadora do UNAIDS, assume a liderança no tratamento e cuidados relacionados ao HIV e à coinfecção do HIV e tuberculose, e coordena o trabalho em conjunto com o UNICEF sobre a eliminação da transmissão vertical do HIV.

Ao longo do ano, foram realizados dois encontros. A primeira reunião, que aconteceu em agosto, teve como tema a eliminação da transmissão vertical do HIV e da sífilis. O encontro reuniu cerca de 30 representantes de governos, embaixadas, organismos da ONU e organizações da sociedade civil, representadas por pessoas vivendo com HIV/AIDS. O objetivo principal foi debater estratégias que impactem na redução da transmissão vertical no Brasil. A reunião teve como destaque a participação do município de Curitiba, que foi o primeiro no Brasil a receber a certificação de eliminação da transmissão vertical do HIV, concedida pelo Ministério da Saúde.

O diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima, reforçou a importância das metas durante o encontro. "Elas são fundamentais para estimular os gestores e profissionais de saúde a melhorar suas estratégias e políticas públicas relacionadas ao HIV", explicou.

A segunda reunião do grupo foi realizada em Dezembro e teve como tema o impacto do estigma e da discriminação na resposta ao HIV. Durante a reunião, foram lançados os resultados do estudo inédito no Brasil: o Índice de Estigma e Discriminação em Relação às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS.

O Índice de Estigma é uma iniciativa inédita no país, e a versão brasileira contou com o apoio de diversas organizações e instituições: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+); Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas (MNCP); Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV e AIDS (RNAJVHA); Rede Nacional de Mulheres Travestis e Transexuais e Homens Trans vivendo e convivendo com HIV/AIDS (RNTTHP); ONG Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero; Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) no Brasil; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil; e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Os dados levantados pela pesquisa mostram que a realidade de quem vive com o vírus ainda é afetada pelo estigma e pela discriminação. Do total de entrevistados, 64,1% das pessoas relataram já terem sofrido alguma forma de preconceito pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS. Comentários discriminatórios ou especulativos já afetaram 46,3% delas, por muitas vezes vindos de membros das próprias famílias das pessoas entrevistadas (41%).

"É importante reconhecer os desafios das pessoas vivendo com HIV. Dentre eles, o de garantir o respeito e o direito delas viverem plenamente e livres de estigma. O preconceito representa barreiras para conscientização e tratamento. Reforçamos o compromisso para respeitar a dignidade humana e acabar com a desigualdade", defendeu Katyna Argueta, representante do PNUD no Brasil, durante o lançamento.

Também foi lançado na reunião o documento técnico Zero Discriminação nos Serviços de Saúde no Brasil, uma iniciativa do UNAIDS com o DCCI- MS. O documento apresenta análises de especialistas sobre o impacto da discriminação na saúde, descrição de cinco boas práticas identificadas de prestação de serviços de saúde sem discriminação para populações-chave; e como parte principal, um conjunto de recomendações para a construção de serviços de saúde com zero discriminação no Brasil, organizadas em seis áreas: gestão, infraestrutura, formação continuada, participação social, comunicação, e monitoramento e avaliação.

Durante a reunião, foram apresentados também os resultados do estudo Violência e Discriminação em pessoas vivendo com HIV/AIDS, realizado pela Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+), e que contou com o apoio do UNAIDS.

WIFI
pah02016

"Apesar de a violência LGBTfóbica ser a face mais grave da LGBTfobia, ela também tem impacto em outras áreas da sociedade. Na economia, por exemplo, a homofobia tem um custo muito alto para os países. O UNAIDS calcula que 7,6 bilhões de dólares são perdidos na América Latina por ano por conta da homofobia."

EIXO 2

O PODER DAS COMUNIDADES

2.1 Juventude e Comunicação

Em todo o mundo, o UNAIDS trabalha com a juventude enquanto beneficiária, parceira e liderança da resposta ao HIV. Esse trabalho com jovens baseia-se em três princípios fundamentais, com um foco importante e transversal em *advocacy*: política, participação e parceria.

No Brasil, 2019 foi marcado por diversas ações com foco em juventude, em especial jovens de populações-chave e populações mais vulneráveis ao HIV, dando continuidade a mais de cinco anos de investimento do UNAIDS nesta área, buscando a formação e a capacitação de jovens lideranças para atuar na resposta à epidemia.

Se liga Aê, Juventude!

A organização não governamental Nação Basquete de Rua (NBR) lançou, em novembro, o projeto *Se Liga Aê Juventude!*, para levar conhecimento sobre HIV e AIDS a jovens da periferia de Campos dos Goytacazes (RJ). O projeto, que contou com o apoio do UNAIDS, buscou também promover o empoderamento destas comunidades por meio do conhecimento sobre sexualidade e questões sobre o estigma e a discriminação—que ainda têm impacto significativo sobre pessoas que vivem com HIV. O objetivo com estas ações é conscientizar, principalmente a juventude negra de periferia, sobre a prevenção do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

O lançamento, no Instituto Federal Fluminense, contou com a participação de cerca de 300 adolescentes das comunidades da Linha e de Guarus. "Abordamos questões sobre as diversas formas de estigma, por meio de exemplos cotidianos, e também reforçamos que muitas pessoas reproduzem esses problemas por falta de informação adequada", disse Ariadne Ribeiro, assessora para apoio comunitário do UNAIDS no Brasil. "Muitos e muitas jovens relataram que passam por constrangimentos por serem pobres, negros e negras, bissexuais ou gays, e também pelo simples fato de morarem na região onde moram."

O projeto Se Liga Aê Juventude! capacitou jovens de 12 a 18 anos em habilidades para participar de discussões sobre temas de prevenção ao HIV e saúde sexual e reprodutiva. A partir dos conhecimentos adquiridos, estas pessoas poderão produzir materiais educativos em diferentes plataformas de comunicação, com linguagens desenvolvidas por elas mesmas, levando o debate para suas comunidades, principalmente aquelas afastadas dos grandes centros e das capitais brasileiras.

A psicóloga e vice-presidente da NBR, Tamillys Lirio, acredita que a iniciativa pode criar agentes multiplicadores de informações, e até mesmo empreendedores sociais e possíveis novos ativistas juvenis. "Queremos que o município de Campos dos Goytacazes tenha o maior número possível de jovens conscientes e ativos, cientes de seus deveres e direitos, para que, junto às suas comunidades, possam

lutar por uma cidade melhor e mais igual", destacou. "A desigualdade socioeconômica dita quais populações mais adoecem: as que menos têm acesso ao bem-estar e a serviços públicos de qualidade. Diante desse alarmante cenário, nós, da NBR, compilamos as principais demandas e fragilidades percebidas nos contextos das juventudes em seus territórios e desenvolvemos o projeto."

As pessoas que vivem nas periferias têm dificuldades que vão desde a locomoção e as tarifas do transporte público até a alimentação e a nutrição adequadas. Pesquisas demonstram que a população negra e pobre tem 2,4 vezes mais chances de morrer em decorrência de complicações relacionadas à AIDS. Além disso, meninas e meninos, cada vez mais jovens, também estão se infectando por sífilis, o que acaba os tornando ainda mais vulneráveis à infecção por HIV.

A ONG Nação Basquete de Rua (NBR) atua desde 2009 em prol das garantias dos direitos sociais e no combate às causas da violência urbana, com foco no apoio, por meio do esporte, da cultura e da educação, às crianças e aos jovens em situação de vulnerabilidade e grupos socialmente marginalizados. Desde 2015, a ONG já é parceira do UNAIDS e do Ministério da Saúde no projeto Jovens Lideranças, que capacitou jovens de populações-chave e populações vulneráveis ao HIV de todo o Brasil.

A criatividade a favor da inclusão de jovens com deficiência

Uma dezena de jovens com diferentes tipos de deficiências se reuniram em setembro, no Rio de Janeiro, para a II Oficina de Comunicação Digital e Inclusiva, realizada pelo Movimento Estamos TodEs em Ação (META Brasil) e pelo Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS), em parceria com o UNAIDS no Brasil e o Instituto Interamericano sobre Discapacidad y Desarollo Inclusivo (IIDDI), Fundo Luiz Hernan Cambronero e o M.A.C. AIDS Fund.

O objetivo do encontro de dois dias foi fomentar debate sobre autonomia, visibilidade e inclusão das pessoas com deficiência nos espaços de comunicação digital. Também foram abordados aspectos relacionados aos direitos das pessoas com deficiências, principalmente em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, sexualidade segura e saudável, prevenção da violência de gênero, promoção da saúde e prevenção do HIV e outras IST.

"Para nós, do UNAIDS, é muito gratificante participar de uma ação tão importante como essa", destacou o diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima. "A oficina nos mostrou que, mesmo depois de tantos anos de trabalho na resposta à epidemia, ainda temos muito a aprender e muito o que fazer para sermos realmente inclusivos e não deixarmos ninguém trás."

Durante o encontro, as pessoas participantes foram desafiadas a criar conteúdo inclusivo a partir de seus próprios aparelhos celulares, utilizando os recursos e aplicativos práticos e gratuitos disponíveis, como criação de cards e vídeos para redes sociais. "Agradecemos a dedicação, companheirismo e competência da equipe do UNAIDS Brasil durante a oficina", disse a diretora executiva do CEDAPS, Katia Edmundo. "Pelos desdobramentos, estamos certos de que essa foi apenas uma das muitas atividades criativas e férteis na direção de uma abordagem inclusiva de prevenção."

O META, que iniciou suas atividades este ano no Brasil, é um movimento latino-americano formado por pessoas com e sem deficiência e que busca incentivar o ativismo jovem pelos direitos sexuais das pessoas com deficiência, trabalhando para contribuir com o desenvolvimento inclusivo sob uma perspectiva de equidade e igualdade de oportunidade para todas as pessoas. Através do trabalho de ativismo digital, o META Brasil busca também falar sobre HIV e AIDS no contexto da sexualidade e da deficiência.

Apoio na mobilização de jovens pelo Brasil

A ONG ECOS Comunicação em Sexualidade organizou, este ano, a série de seminários e oficinas de comunicação, produção de mídias sociais e novas linguagens juvenis em prevenção combinada. As iniciativas fizeram parte do projeto "Basta de Estigma e discriminação – A Prevenção Combinada tem que ser combinada com os Jovens". A estratégia teve como objetivo propor um debate amplo sobre os diferentes aspectos relacionados à prevenção para encontrar canais de comunicação e alcançar grupos de jovens que dificilmente são acessados pelas estratégias convencionais de prevenção.

Ao lado do DCCI, do Ministério da Saúde, o UNAIDS foi um dos parceiros destes encontros, que contaram também com apoio de UNICEF e UNESCO, entre outros. Os encontros reuniram mais de 60 jovens em Brasília (DF), Salvador (BA) e Belém (PA).

O Seminário, realizado sempre nos primeiros dias do encontro, tinha como objetivo conscientizar os jovens sobre a resposta ao HIV e outras infecções

sexualmente transmissíveis, a defesa dos direitos humanos e o enfrentamento do estigma e da discriminação, com foco em jovens gays, homens que fazem sexo com homens, travestis e transexuais.

As oficinas práticas tinham como objetivo a produção de conteúdo audiosivual e artístico por meio das novas linguagens capazes de alcançar os jovens de forma mais direta e eficaz. O UNAIDS apoiou no desenvolvimento e execução de algumas oficinas incentivando a construção coletiva para produção de conteúdo, análise de realidades e troca de experiências entre jovens sobre temas relacionados à prevenção combinada.

Diversos influenciadores e artistas mobilizados com apoio do UNAIDS e agências copatrocinadoras participaram destes encontros, com o objetivo de engajar a juventude na produção de conteúdo sobre HIV. Em Brasília, por exemplo, o influenciador digital Gabriel Comicholi, do canal HDiário, falou sobre sua experiência no Youtube e nas redes sociais abordando prevenção combinada do HIV para o público jovem. Ele decidiu criar o canal, que contava com cerca de 40 mil inscritos em 2019, quando recebeu o resultado positivo para o teste de HIV em 2016. Até hoje, usa a plataforma para falar abertamente sobre sua vida como jovem gay vivendo com HIV.

unaidsbrasil

curtido por
unaidsbrasil
Ver todos os 234.500 comentários

unaidsbrasil

curtido por
unaidsbrasil
Ver todos os 129.200 comentários

unaidsbrasil

curtido por
unaidsbrasil
Ver todos os 24500 comentários

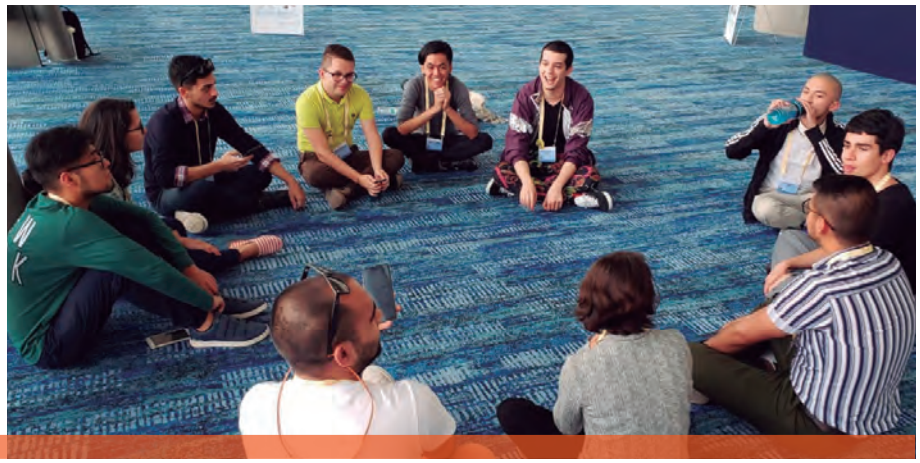
unaidsbrasil

curtido por
unaidsbrasil
Ver todos os 24500 comentários

Juventude latino-americana na #AIDS2019 no México

Treze jovens vindos de nove países diferentes da América Latina, incluindo o Brasil, reuniram-se em julho, durante a 10ª Conferência Internacional de AIDS sobre Ciência do HIV, na Cidade do México, para desenvolver novas estratégias amigáveis de comunicação relacionadas à prevenção do HIV para jovens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). O projeto, que teve a facilitação do UNAIDS Brasil, foi uma iniciativa conjunta dos escritórios regionais para América Latina e o Caribe do UNAIDS, UNICEF e OPAS/OMS em parceria com a Rede Latino-americana de Jovens Vivendo com HIV (J+LAC).

Mobilizados e selecionados quatro meses antes da chegada ao México, o grupo teve diversos encontros virtuais com objetivo de preparar o caminho para o desafio de construir uma estratégia de comunicação pensada por jovens para jovens. Antes de viajar para a conferência, eles trabalharam juntos no mapeamento de campanhas já existentes de comunicação e iniciativas de prevenção de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis. Também discutiram alternativas para transformar conteúdos científicos complexos em mensagens-chave efetivas para seus pares.



Em 2018, jovens de 15 a 24 anos contabilizaram um quinto de todas as novas infecções por HIV na América Latina. Jovens homens gays e HSH, profissionais do sexo, pessoas trans e pessoas que usam drogas injetáveis são particularmente mais afetados na região.

"Muitas vezes os jovens não estão nas mesas de tomada de decisão criando programas de que necessitam para se proteger do HIV. Vocês têm o potencial para dar exemplos de como os jovens podem liderar, defender, criar demandas e fornecer serviços personalizados para acabar com a epidemia, que é a segunda causa de morte entre os adolescentes. Precisamos de novas formas de nos comunciar, gerar demanda e vincular os jovens com alto risco de infecção pelo HIV aos serviços de HIV", disse a eles Shannon Hader, vice-diretora executiva para Programa do UNAIDS, durante a Conferência.

Durante o encontro presencial na Cidade do México, eles dividiram suas ideias com especialistas de saúde e profissionais de comunicação, e discutiram estratégias para alcançar jovens com messagens atraentes sobre prevenção do HIV e o fim do estigma e discriminação. O grupo também teve a oportunidade de conhecer o escritório do Google/Youtube na capital mexicana e passar por um treinamento sobre os caminhos essenciais para se tornar um influenciador digital na plataforma.

"Aprender sobre os últimos avanços e experiências bem-sucedidas na resposta ao HIV, enquanto aprendemos sobre o que acontece do outro lado da tela dos experts digitais, como o YouTube, foi uma experiência enriquecedora", disse Horacio Barreda, um dos coordenadores da J+LAC. "Precisamos de uma estratégia que foque nas necessidades e afinidades dos jovens, que vivem suas vidas dentro e fora do mundo virtual".

Campanha regional para Dia Mundial contra a AIDS 2019

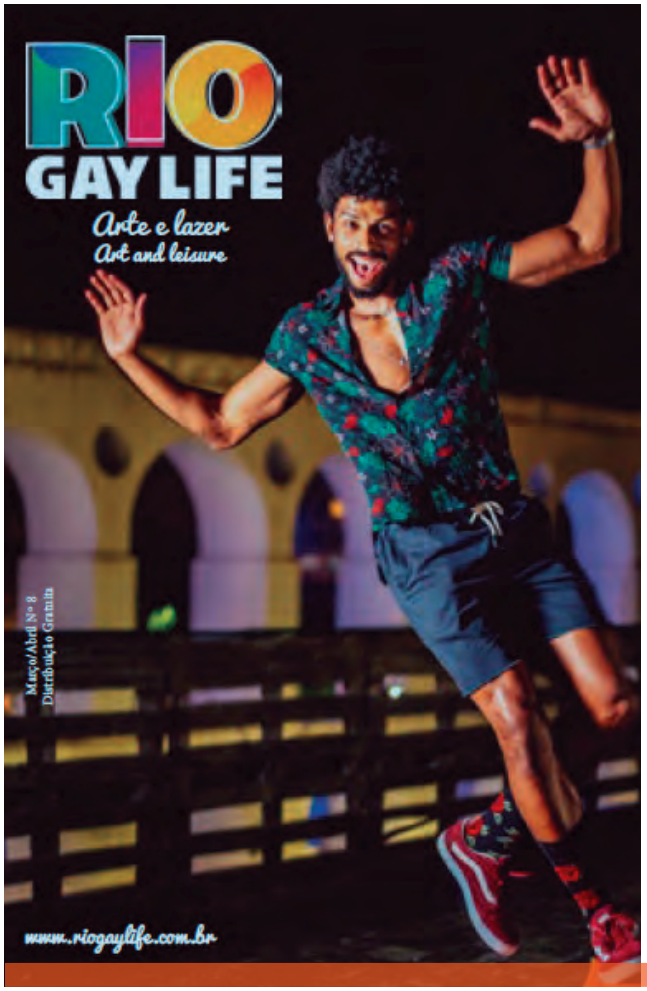
Um dos produtos da estratégia construída por estes jovens foi uma campanha regional para o Dia Mundial contra a AIDS 2019, sob o lema "Fale comigo abertamente", focada no diálogo aberto e franco entre a juventude e profissionais da saúde. Juntos, jovens da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Honduras, México, Peru e Venezuela participaram do desenvolvimento de todos os materiais de comunicação, que incluíram pôsteres, posts para mídias sociais, gifs animados e vídeos. Nos materiais, alguns deles aparecem fazendo perguntas a profissionais de saúde sobre profilaxia pré e pós-exposição (PrEP e PEP), infecções sexualmente transmissíveis, a indetectabilidade do vírus, além do papel do estigma e discriminação e da saúde mental na prevenção e nos cuidados para HIV.

A campanha liderada pela Rede Latino Americana de Jovens vivendo com HIV (J+LAC) contou com o apoio dos escritórios regionais para América Latina e Caribe da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do escritório brasileiro do UNAIDS. As peças buscaram sensibilizar profissionais de saúde para que conversem abertamente sobre o tema com este público, sem preconceitos, sem estigma e sem discriminação.

Também fez parte da campanha uma série de vídeos com cinco desses jovens, que nasceram com HIV ou foram infectados em relações homoafetivas. Nestes filmes, narram, em primeira pessoa, sua experiência de viver com vírus, incluindo as perguntas que os incomodam, sua relação com os serviços e profissionais de saúde. Os vídeos também trazem conselhos a outros jovens para desmistificar o que significa viver com HIV.

Deu Positivo, e Agora?

A continuidade da estratégia de promoção da plataforma online *Deu Positivo, e Agora?*, lançada em 2018 pelo UNAIDS, em parceria com UNESCO e Veduca, também foi um dos destaques entre ações com juventude em 2019. Por meio de um acordo de parceria, o projeto foi promovido nas plataformas da Agência de Notícias da AIDS por meio de banners informativos, entrevistas e artigos relacionados aos seus objetivos, envolvendo algumas das pessoas participantes da iniciativa. Em fevereiro, uma parceria do UNAIDS com a Revista Rio Gay Life também permitiu a divulgação da iniciativa para milhares de foliões na capital fluminense durante as festividades de Carnaval.



Além desta divulgação, a iniciativa *Deu Positivo, e Agora?* também teve papel de destaque na 19ª Feira Cultural LGBTI realizada em junho, na capital paulista, às vésperas da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Estima-se que cerca de 20.000 pessoas compareceram ao evento na Praça da República, região central da cidade. Durante as mais de dez horas de feira, vídeos promovendo o projeto foram exibidos no telão do palco principal. Uma equipe do UNAIDS, apoiada por voluntários parceiros do programa USP Diversidade, estiveram em um estande distribuindo materiais educativos e exibindo os vídeos da plataforma.

Em setembro, o projeto ganhou o apoio da drag queen e cantora Pabllo Vittar graças a uma parceria com a artista e a gravadora Sony Music. Por meio de suas redes sociais, ela falou sobre a importância da prevenção do HIV e do fim do estigma e da discriminação ao mesmo tempo em que convidava seus 10 milhões de seguidores para conhecer a página do projeto. Pabllo reforçou a mensagem de que a plataforma oferece, em uma única página na internet, informações seguras, de credibilidade e acolhedoras para pessoas que acabam de fazer seu teste de HIV e de descobrir que sua sorologia é positiva.

Com todas estas ações ao longo de 2019, impulsionadas pela grande influência de Pabllo Vittar nas redes sociais, e o apoio de outros influenciadores, a página registrou um aumento de 240% no número de novos usuários (para 14.500 em um ano), de 224% no número de sessões (para 18.900) e de 174% no número de páginas visualizadas (para 37.301).

Capacitação de jovens ativistas em Curitiba e Recife

A capacitação da juventude ativista esteve no foco da parceria entre o UNAIDS e a ONG Grupo Dignidade, em Curitiba, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que trabalha há décadas com temas relacionados aos direitos da população LGBTI+ e a questão da prevenção do HIV.

Ao longo do ano, dezenas de pessoas participaram dos cursos *Empoderamento de Jovens para Advocacy, Prevenção e Assistência às Pessoas com HIV*. O curso contou com quatro eixos principais: empoderamento e autoestima; políticas públicas, história social e aspectos gerais do HIV/AIDS; PEP, PrEP e prevenção combinada; e *advocacy*, controle social e comunicação.

O primeiro módulo do curso *Youth Empowerment* (Empoderamento Juvenil), que teve como objetivo empoderar jovens para trabalhar com prevenção e assistência às pessoas vivendo com HIV, aconteceu em julho, um dia depois da realização da IV Marcha Pela Diversidade, na capital paranaense, marcando os 50 anos da Rebelião de Stonewall.

O diretor interino do UNAIDS, Cleiton Euzébio de Lima, esteve presente em uma das oficinas para falar sobre o trabalho do Programa Conjunto e contextualizar os jovens em relação ao cenário atual da epidemia de AIDS.

Em Recife, o UNAIDS apoiou a ONG Gestos em um projeto de fortalecimento do Grupo de Trabalho de Jovens Vivendo com HIV da Gestos, no Espaço de Saúde para Jovens e Adolescentes criado pela instituição. O espaço funciona na sede da ONG e garante acompanhamento de enfermagem e psicologia, além de incluir

diversas atividades de formação de pares lideradas pelos próprios jovens que compõem o GT. Ao longo de 2019, mais de 15 ações foram realizadas por meio da iniciativa, alcançando um público de mais de 500 jovens de 18 a 24 anos com mensagens e informações sobre prevenção combinada do HIV.

2.2 Apoio ao fortalecimento das redes de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS

Apoiar o envolvimento ativo de pessoas vivendo com HIV na resposta à AIDS é um dos objetivos mais importantes do UNAIDS. No Brasil, o escritório de país tem trabalhado de maneira próxima às quatro redes nacionais de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS, buscando apoiar o fortalecimento de suas capacidades de incidência política e *advocacy* para o aprimoramento das políticas de saúde e promoção dos direitos humanos.

O GIPA ou o 'maior envolvimento de pessoas vivendo com HIV/AIDS' é um princípio que visa realizar os direitos e responsabilidades das pessoas que vivem com HIV, incluindo o direito à participação nos processos de tomada de decisão que afetam suas vidas. O GIPA visa melhorar a qualidade e a eficácia da resposta à AIDS e é fundamental para seu progresso e sua sustentabilidade.

Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+)

Em 2019, o UNAIDS apoiou a realização 8º Encontro Nacional da RNP+, que aconteceu em setembro, em São Paulo, reunindo dezenas de ativistas das cinco regiões do país. A cada dois anos, a RNP+ Brasil se reúne para analisar as conquistas alcançadas pelo movimento, discutir o panorama geral da epidemia e rever seus desafios.

Durante o encontro, a RNP+Brasil lançou a publicação do estudo baseado na sociometria da RNP+. Coordenado pelo ativista e professor Jorge Beloqui, o estudo foi financiado pelo UNAIDS no Brasil e trouxe os dados sociométricos dos membros da RNP+ relativos aos anos de 2015 e 2017. O GIV (Grupo de Incentivo à Vida) foi parceiro da RNP+ na administração dos recursos financeiros recebidos do UNAIDS.

Intitulado *Brasil: Violência e Discriminação em Pessoas Vivendo com HIV/AIDS – A perspectiva dos membros da RNP+*, o estudo traz dados relativos à violência e à discriminação sofridas pelas pessoas vivendo com HIV e AIDS (PVHA) ligadas à rede, bem como dados de adesão ao tratamento sob os mais diversos recortes e cruzamentos. Estes dados foram coletados entre os membros da RNP+ em 2015 e em 2017, através de formulário online construído no FormSUS.

O documento também contou com a consultoria de texto de Gabriela Junqueira Calazans e revisão ortográfica e gramatical de Paulo Giacomini.

Movimento Nacional de Cidadãs Positivas (MNCP)

O MNCP desenvolveu várias atividades com apoio do UNAIDS em 2019. O ano começou com o apoio para a reunião do colegiado do MNCP em Brasília, no escritório do UNAIDS, para um dia de planejamento estratégico anual das ações da rede para 2019 e um dia de capacitação do colegiado por meio de uma oficina de comunicação.

No primeiro dia do encontro, que foi realizado de forma independente contando apenas com a presença de nove das 10 integrantes do colegiado do MNCP, o grupo definiu prioridades, elencou os principais desafios e oportunidades e traçou seus objetivos para o ano.

"Precisamos estar organizadas e fortalecidas para incidir efetivamente nas questões de HIV, levando em conta as especificidades das mulheres", destacou Silvia Aloia, secretária executiva do MNCP. "Essa parceria com o UNAIDS, cedendo o espaço para nosso encontro e mobilizando as participantes da reunião, é muito importante para nos ajudar a cumprir nossa missão."

No segundo dia, o grupo se reuniu com a equipe de comunicação do UNAIDS para uma oficina dedicada ao tema. Antes do encontro, as integrantes do colegiado do MNCP foram consultadas sobre quais eram suas prioridades e necessidades em termos de comunicação. "Nosso objetivo foi o de responder a uma demanda precisa sobre as carências do grupo, tanto em termos técnicos quanto de produção de conteúdo para plataformas online, um ponto essencial para os movimentos sociais nos dias de hoje", explicou Daniel de Castro, assessor de comunicação do UNAIDS no Brasil.

Durante este encontro, conforme a demanda levantada pelo colegiado, foram abordados temas relacionados a comunicação interna, operacionalização e condução de reuniões, agendas e comunicados, passando também por questões externas envolvendo, por exemplo, o uso de redes sociais para incidência política e mobilização social.

Constituído em 1999, o MNCP é formado por mulheres vivendo com HIV e AIDS. Sua missão é promover ações para o fortalecimento integral destas mulheres, com foco no acesso à informação e na garantia dos Direitos Humanos. O Movimento também atua no estabelecimento de atuações estratégicas contra todas as formas de discriminação.

Ainda em 2019, a rede de mulheres vivendo com HIV também se empenhou no projeto de concepção, criação e lançamento de seu primeiro website. O principal objetivo foi contar com uma plataforma online capaz de servir de repositório para documentos públicos, para engajamento e cadastro de novas mulheres que desejarem se filiar ao MNCP, além de contar suas histórias para que a sociedade conheça a importância da causa que elas defendem.

Também com o apoio do UNAIDS, o projeto foi construído com a participação e consulta do colegiado, que também recebeu diversas sessões de treinamento para conhecer a plataforma de gestão e produção de conteúdo.

Outras ações com redes de mulheres vivendo com HIV

MAIO

| O MNCP São Paulo se reuniu para apresentar atividades realizadas nos últimos meses, fazer um plano de ação para o segundo semestre, prestar contas e definir as próximas atividades. Nesta reunião, também foi feita uma revisão de partes da Carta de Princípios do movimento com o objetivo de diminuir conflitos internos. Além disso, foram debatidos diversos outros pontos, como participação em congressos, incidência política em Brasília e capacitação em comunicação. Participaram representantes do MNCP de Franca, Campinas, Santos, Catanduva, Presidente Prudente, Mauá, Sorocaba e Ubatuba. O encontro contou também com a participação da consultora do UNAIDS em São Paulo.

JUNHO

| O UNAIDS ministrou uma oficina de comunicação para as representantes do MNCP de São Paulo com objetivo de fortalecer as capacidades na área e apoiar o movimento na construção de maior incidência no debate local e nacional sobre a epidemia. O encontro aconteceu um dia depois da reunião de planejamento do grupo, na capital paulista, quando foram definidos os nomes de representantes para espaços de articulação e decisões políticas e feito o alinhamento de estratégias para fortalecimento do MNCP-SP.

NOVEMBRO

| A última reunião do ano do MNCP-SP serviu para uma análise das atividades realizadas nos municípios representados no estado de São Paulo ao longo de 2019. O grupo também elaborou um planejamento para as capacitações em incidência política e para a estratégia de manutenção das ações em 2020, considerando a redução no orçamento do grupo. A consultora do UNAIDS em São Paulo, Silvia Almeida, mulher vivendo com HIV, foi uma das participantes, ao lado de representantes do MNCP em Santos / Guarujá, São Bernardo, Presidente Prudente, Catanduva, Sorocaba, São Paulo e Campinas.

Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV e AIDS (RNAJVHA)

Nos dias 9 e 10 de abril, os membros do colegiado da RNAJVHA se reuniram em Brasília, na Casa da ONU, para desenvolver seu novo planejamento estratégico para o período 2019-2020. Esse encontro aconteceu com o apoio do UNAIDS e da UNESCO como fruto de uma articulação da Rede de Jovens.

O objetivo da RNAJVHA com esse encontro foi desenvolver novos mecanismos para ampliar o diálogo e a inserção do trabalho de promoção de saúde integral a adolescentes e jovens vivendo com HIV e AIDS. Este trabalho busca também fortalecer as bases de representação da rede pelos estados e municípios brasileiros.

No primeiro dia do encontro, o grupo se concentrou no exercício de planejamento estratégico situacional para desenvolver uma proposta concreta de plano de ação de curto, médio e longo prazo. Através de uma retrospectiva sobre as lições aprendidas ao longo de sua trajetória, o grupo debateu propostas de aprimoramento na ampliação do diálogo e participação de jovens na resposta ao HIV e AIDS no Brasil.

No segundo dia, o colegiado trabalhou a comunicação como ferramenta para o engajamento de jovens às ações deste coletivo em âmbito nacional. Além disso, ampliou o debate sobre a importância da comunicação na formulação de estratégias capazes de promover questões como o senso de pertencimento e o respeito às diversidades.

A RNAJVHA é um coletivo de atuação nacional voltado para o acolhimento e defesa dos direitos de adolescentes e jovens vivendo com HIV e AIDS. Criada em 2006, durante o I Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV e AIDS, no Rio de Janeiro, a rede é coordenada por um colegiado de 10 membros (titulares e suplentes) eleitos a cada dois anos.

Participaram do encontro Yura Espindola, Márcio Ricardo da Cruz, Ermeson Correia, Giovane Oss Noal, Rafael Myranda e Leonardo Moura, membros do colegiado atual da RNAJVHA.

Outras ações com redes de jovens vivendo com HIV

ABRIL

| Promovido pelo Grupo de Trabalho Adolescências e Juventudes do Fórum das ONG/AIDS do Estado de São Paulo (FOAESP), em parceria com a Rede Nacional de Comunidades Saudáveis, o CEDAPS e o Programa Estadual de IST/AIDS de São Paulo, o encontro aconteceu no dia 11 de abril, na capital paulista. O evento, que contou com a participação do UNAIDS, teve como objetivo debater os aspectos de ativismo e as políticas públicas nas áreas de HIV, AIDS e IST.

SETEMBRO

| A Coordenação Estadual do Programa IST/Aids (Infecções Sexualmente Transmissíveis) de São Paulo realizou o **I Encontro Estadual Juventudes e HIV/AIDS** nos dias 1 e 2 de setembro, com objetivo de discutir a garantia do direito à saúde, o fim do preconceito, a promoção da participação juvenil e a humanização nos serviços de saúde, como elementos importantes para a prevenção. Apoiaram a ação o UNAIDS, DCCI do Ministério da Saúde, Programa Estadual da Saúde do Adolescente do Estado de São Paulo, Coordenação de Políticas para Juventude (SMDHC) da capital, UNFPA, UNICEF, UNESCO, RNP+ e CONDEPE.

OUTUBRO

| A Rede Minas de Jovens Vivendo com HIV e AIDS celebrou seus dois anos de trabalho com a organização de um primeiro seminário do grupo, com foco na capacitação de jovens residentes em Minas Gerais. O UNAIDS apoiou o encontro, participando com oficinas de capacitação e facilitando alguns diálogos.

Rede Nacional de Mulheres Travestis e Transexuais e Homens Trans Vivendo com HIV/AIDS (RNTTHP)

A RNTTHP é a mais recente rede nacional de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS criada no Brasil. Em 2019, o UNAIDS ofereceu apoio técnico e participou do I Encontro Nacional da rede, realizado em Recife, de 1º a 4 de dezembro.

O Encontro teve como tema *Gerenciamento de Comportamento de Risco visando as Novas Estratégias de Prevenção Combinada relacionada às ISTs, ao HIV, à AIDS e às Hepatites Virais*. Durante os quatro dias de evento, reuniram-se ativistas das cinco regiões do país com a proposta de estabelecer um diálogo horizontal e propositivo sobre as novas tecnologias de prevenção no campo do HIV.

"É emocionante ver a qualidade técnica de um encontro promovido RNTTHP. As discussões acerca da saúde, cidadania e justiça relacionadas às populações de travestis e transexuais foram bastante propositivas", disse Ariadne Ribeiro, assessora para apoio comunitário do UNAIDS no Brasil.

O encontro também foi marcado por apresentações artísticas, lideradas pela ativista Aghata Lima. "Estas apresentações são a marca registrada da comunidade trans e travesti que, ao longo da história, expurgavam suas dores e dramas através do lipsink (dublagem) para depois ganhar a vida nas avenidas perigosas das capitais brasileiras", conta a assessora do UNAIDS.

A representante nacional da RNTTHP, Cleonice Araújo, também participou de atividades organizadas pelo UNAIDS durante o processo de implementação do estudo *Índice de Estigma e Discriminação em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS 2019*, incluindo a participação, em outubro, na reunião de avaliação de entrevistadores e entrevistadoras que atuaram na pesquisa e, em dezembro, no evento lançamento realizado em Brasília.

HOMENAGEM DO GT UNAIDS ÀS REDES

No dia 10 de dezembro, em celebração ao **Dia Internacional dos Direitos Humanos**, o Grupo Temático Ampliado sobre HIV/AIDS (GT UNAIDS) prestou uma homenagem a cada uma das quatro redes nacionais de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS: RNP+, MNCP, RNAJVHA e RNTTHP. No encerramento da reunião do GT UNAIDS, representantes de cada uma das redes receberam uma placa com a seguinte inscrição:

"No Dia Internacional dos Direitos Humanos, o escritório do UNAIDS no Brasil reconhece e destaca a importância do trabalho desenvolvido pela rede na resposta ao HIV/AIDS no Brasil, em especial na defesa dos direitos humanos das pessoas vivendo com HIV/AIDS e das populações mais afetadas pela epidemia, e no enfrentamento ao estigma e à discriminação".

2.3 Integrando direitos LGBTI+ e HIV

Em 2019, o relatório global do UNAIDS trouxe evidências de que a maioria das novas infecções por HIV em todo o mundo aconteceu entre as principais populações-chave e seus parceiros sexuais. As populações-chave constituem uma pequena proporção da população em geral, mas correm um risco extremamente alto de contrair o HIV.

Os dados disponíveis sugerem que o risco de aquisição do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens foi 22 vezes maior em 2018 do que entre todos os homens adultos. Da mesma forma, o risco de infecção por HIV é 21 vezes maior para profissionais do sexo do que para adultos entre 15 e 49 anos e 12 vezes maior para mulheres trans do que para adultos da mesma faixa etária.

No Brasil, dados recentes do Ministério da Saúde também comprovaram uma prevalência do HIV muito maior nestas populações (cerca de 5% entre trabalhadoras sexuais, 18% entre gays e HSH, e até 30% entre travestis e mulheres trans) do que entre a população em geral (0,4%).

Lançada em 2018 pelo Ministério da Saúde, com apoio da Equipe Conjunta do UNAIDS, a *Agenda estratégica para ampliação do acesso e cuidado integral das populações-chaves em HIV, hepatites virais e outras infecções sexualmente transmissíveis* é um documento que busca responder à forma desproporcional como a epidemia de HIV afeta estas populações. Segundo a publicação, esse desequilíbrio é resultado de múltiplos fatores, dentre os quais as condições estruturais observadas em contextos de extrema vulnerabilidade (situações de violência, pobreza, machismo, sexismo, racismo, estigma, discriminação e criminalização), que contribuem para ampliar as barreiras de acesso à cidadania e aos serviços de saúde.

Neste contexto, o UNAIDS buscou, em 2019, fortalecer as ações de conscientização da população LGBTI+ sobre a epidemia de HIV, os recursos disponíveis para a prevenção do HIV e para os cuidados essenciais de saúde, e também sobre o engajamento desta população na construção de sua própria narrativa em relação à epidemia.

Paradas LGBTI e HIV

Entre os dias 18 e 23 de junho, a equipe do UNAIDS Brasil esteve em São Paulo para participar de atividades relacionadas às festividades do Orgulho LGBTI+, celebrações que acontecem mundialmente em torno do dia 28 de junho. Uma das ações de destaque foi a participação na 19ª Feira Cultural LGBT, organizada pela Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo (APOGLBT-SP) na Praça da República, centro da cidade. A Feira integrou o calendário de atividades em torno da 23ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

Na tenda do UNAIDS, pessoas que passaram pela Feira puderam assistir aos vídeos do Deu Positivo, E Agora? e conferir materiais sobre HIV, prevenção combinada e direitos das pessoas vivendo com HIV no Brasil. Voluntários e voluntárias mobilizados em parceria com o programa USP Diversidade também distribuíram os materiais e divulgaram o projeto durante a Feira.

Além dos materiais, no palco de atrações da Feira, apresentadores passaram mensagens de prevenção e Zero Discriminação. Também foram exibidos teasers do projeto *Deu Positivo, e Agora?* no telão do palco durante todo o dia.

A Feira Cultural LGBTI+ ocupou toda a extensão da Praça da República, reunindo tendas comerciais com produtos de segmentos variados, como moda, acessórios, livros, artes plásticas e música. Equipes da prefeitura e do governo estadual de São Paulo estiveram presentes oferecendo serviços de testagem para o HIV, bem como diversos materiais e informações sobre direitos humanos. Também foi montado um setor específico para divulgação dos trabalhos de Organizações Não Governamentais (ONGs) e outras organizações que apoiam a causa LGBTI+ no Brasil. A estimativa é de que 20 mil pessoas tenham participado da Feira.

"Esta foi a primeira vez que o UNAIDS Brasil participou da Feira e ficamos muito felizes com a oportunidade de contribuir com o evento, levando informações sobre o HIV em uma linguagem direta, acessível e sem discriminação. A juventude LGBTI+, que é uma população prioritária para a resposta à epidemia, esteve em peso na Feira", disse Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil. "Tiveram ali a oportunidade de acessar serviços de testagem e prevenção do HIV, e conhecer inúmeras iniciativas de promoção da saúde e zero discriminação."

Pelo segundo ano consecutivo, o UNAIDS também apoiou o Encontro Brasileiro de Organizações de Paradas LGBT em São Paulo, organizado pela APOGLBT-SP. Durante o Encontro, os participantes tiveram a oportunidade de pensar em estratégias de visibilidade para ações de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), especialmente o HIV, durante as Paradas, criando uma agenda de atuação e cooperação entre as organizações, trocando experiências e definindo estratégias de fortalecimento dos direitos da população LGBT, entre outras iniciativas.

Já no domingo, dia 23 de junho, dia da 23ª Parada do Orgulho LGBTI+, o UNAIDS foi um dos apoiadores do Camarote Solidário, organizado pela Agência de Notícias da AIDS. Cerca de 600 pessoas, entre artistas, ativistas, gestores, personalidades e políticos passaram pelo Camarote, que foi instalado no Parque Mário Covas. O prefeito Bruno Covas esteve presente e conheceu também o projeto *Deu Positivo, E Agora?*.

Ainda com foco no apoio ao desenvolvimento de ações de prevenção em Paradas, o UNAIDS apoiou o projeto *P de Parada, P de Prevenção*. A iniciativa produziu spots sobre diversos temas de prevenção combinada e que poderão ser utilizados por organizações de Paradas LGBTI+ de todo o Brasil.

HIV/AIDS SERÁ O TEMA DA PARADA DO ORGULHO LGBTI+ DE SÃO PAULO EM 2021

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) felicitou a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, ONG responsável pela maior parada LGBT do mundo, pela adoção do tema HIV/AIDS para sua 25ª edição, em 2021.

Tratar o HIV e a AIDS como tema central na maior parada LGBT do mundo é de extrema importância.

"Há mais de 20 anos, a Parada LGBT de São Paulo tem mostrado ao Brasil e ao mundo que nossa orientação sexual e identidade de gênero são motivo de orgulho e não de vergonha. Ao abordar o tema HIV/AIDS, a Parada contribuirá também com uma mensagem poderosa de que viver com HIV/AIDS não deve ser motivo para se esconder, para ter vergonha e para discriminação", escreveu o diretor interino do UNAIDS, Cleiton Euzébio de Lima, em uma carta enviada à Associação da Parada do Orgulho LGBT do Estado de São Paulo, no dia 12 de dezembro de 2019, como forma de demonstrar apoio à adoção do tema para o evento.

Para o UNAIDS, a confirmação do tema HIV/AIDS para a Parada de 2021 representa uma oportunidade excelente para fortalecer e ampliar o trabalho conjunto do movimento formado por redes de pessoas vivendo com HIV/AIDS, coletivos, organizações não governamentais e outras entidades que trabalham diretamente com as interseccionalidades envolvidas nos temas LGBT e HIV/AIDS.

Ao felicitar o cineasta André Canto—diretor do documentário *Carta para Além dos Muros* e do projeto #PrecisamosFalarSobreIsso, com foco em HIV/AIDS—, responsável pela defesa do tema nas reuniões de novembro e dezembro de 2019, felicitamos também o esforço conjunto de outras 15 instituições, organizações, redes e coletivos que, assim como o UNAIDS, apoiaram este processo: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+), Rede de Jovens São Paulo Positivo, Fórum das ONG/Aids do Estado de São Paulo (FOAESP), Grupo de Incentivo à Vida (GIV), Grupo Pela Vidda-SP, Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), Coletivo Contágio, Fundo Positivo, Programa de Estadual DST/Aids de São Paulo, Coletivo Loka de Efavirenz, Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas do Estado de São Paulo (MNCP-SP), Rede Nacional de Mulheres Travestis e Transexuais e Homens Trans Vivendo e Convivendo com HIV/AIDS (RNTTHP), AIDS Healthcare Foundation Brasil (AHF Brasil) e Movimento Paulistano de Luta contra a Aids (MOPAIDS).

Ativismo LGBTI na resposta ao HIV

Ao longo de 2019, o UNAIDS apoiou e participou de inúmeros eventos organizados por redes e organizações LGBTI+ com o objetivo de fortalecer a integração das temáticas do HIV e dos direitos da população LGBTI+.

Em Curitiba, o UNAIDS apoiou a realização do I Congresso Internacional LGBTI+, realizado pela Aliança Nacional LGBTI+, GayLatino, Universidade Federal do Paraná entre outros parceiros. O Congresso teve como objetivo promover a conexão e a construção de relacionamentos entre empresas, organizações sem fins lucrativos e estudiosos para as questões LGBTI+, com foco na discussão de diversos temas importantes para esta população, incluindo questões relacionadas a saúde e prevenção do HIV.

O Assessor de Comunicação do UNAIDS Daniel de Castro participou do Congresso e recebeu, em nome do UNAIDS e do Sistema Nações Unidas, o *Prêmio Internacional LGBTI+: Stonewall 50 Anos* como reconhecimento pelas iniciativas Zero Discriminação, Livres & Iguais, e pelo lançamento dos Padrões de Conduta para o Comércio: enfrentando a discriminação contra LGBTI / Parceria pela Igualdade LGBTI Global.

"É uma honra poder representar o UNAIDS e o Sistema das Nações Unidas nesta cerimônia de reconhecimento do trabalho feito por tantas entidades, pessoas e organizações na defesa e promoção dos direitos de pessoas LGBTI+", disse Castro ao receber a homenagem. "Como parte da família da ONU e em nome de toda a equipe do UNAIDS, aproveito a oportunidade para fazer aqui um convite: que a comunidade LGBTI+ entenda a importância de se apropriar do debate em torno do HIV e de todas as questões que, até os dias de hoje, colocam muitas e muitos de nós em situação de vulnerabilidade a esta epidemia. Precisamos falar sobre isso e construir, de forma colaborativa, a agenda de Zero Discriminação de que necessitamos para acabar com o preconceito e o estigma."

Ao longo de 2019, o UNAIDS também apoiou e participou de atividades realizadas por organizações de mulheres trans, travestis e homens trans com o objetivo de fortalecer as capacidades de *advocacy* dessas organizações.

Em outubro, o UNAIDS apoiou a realização do Workshop Regional Sudeste da RedTransBrasil. O Encontro teve como principais objetivos: discutir questões sobre saúde pública e ações de prevenção em IST/HIV/AIDS e Hepatites com travestis e transexuais; analisar a importância do nome social no campo da saúde e da educação, levando a reflexão que o nome civil ainda não é uma realidade em todo território brasileiro; analisar a vulnerabilidade de pessoas trans em situação de privação de liberdade; e analisar as vulnerabilidades acrescida das pessoas trans na terceira idade e em situação de rua.

A assessora para apoio comunitário do UNAIDS, Ariadne Ribeiro, participou do encontro fazendo uma apresentação sobre sobre a análise das estratégias de saúde pública para prevenção e assistência às IST/HIV/AIDS.

"A representatividade necessária não vai apenas tornar os serviços mais acolhedores para a população trans. Vai, sobretudo, possibilitar aos profissionais de saúde uma convivência mais próxima, para que essa convivência possa contribuir para eliminação dos preconceitos, da fetichização e da naturalização da discriminação", disse Ariadne. "Nossas metas de zero nova infecção, zero discriminação e zero morte relacionada à AIDS somente serão atingidas se contarmos efetivamente com o protagonismo da comunidade."

O UNAIDS também participou do Workshop Regional Sul da RedTrans, realizado em novembro, em Curitiba. Nesta ocasião, Ariadne participou do painel *Análise da realidade de Pessoas Trans e as estratégias de saúde pública para prevenção e assistência às IST/HIV/Aids*.

Outros eventos

JULHO

| O UNAIDS participou, na cidade de Juazeiro do Norte (CE), do **Seminário Regional de Prevenção Combinada do HIV para Jovens Gays e HSH**.

SETEMBRO

| O UNAIDS participou, em Brasília (DF), do **IV Seminário sobre Diminuição das Vulnerabilidades da População LGBTI+**, organizado pelo Centro Paranaense da Cidadania (CEPAC)

Prevenção em festas gays e HSH

Em 2019, o UNAIDS deu continuidade ao seu trabalho de levar informação sobre prevenção combinada do HIV e zero discriminação a festas voltadas para o público LGBTI+.

Pelo quarto ano consecutivo, o UNAIDS Brasil se uniu aos organizadores do Festival Hell & Heaven e à DKT Brasil, dona da marca de preservativos Prudence, para promover mensagens sobre prevenção e zero discriminação, além da distribuição de milhares de preservativos. O Festival é o maior do gênero da América Latina e reuniu mais de 3 mil participantes nos dias 14 a 17 de novembro de 2019.

Em Brasília, o UNAIDS fez uma parceria com a Festa Lust para a promoção de mensagens sobre prevenção combinada, com foco na PrEP. No dia anterior à festa, a consultora do UNAIDS, Ayune Bezerra, participou de uma roda de conversa sobre PrEP. O UNAIDS também doou preservativos e folders de prevenção que foram disponibilizados durante o evento.

"Realizar ações de prevenção ao HIV e de promoção de mensagens sobre i = i (indetectável é igual a intransmissível) em parceria com organizadores de festas traz uma mensagem importante de que é possível falar sobre estes temas de uma maneira lúdica e mesmo divertida, e ainda contribuem para a diminuição do estigma e da discriminação relacionados ao HIV, algo que ainda está, infelizmente, muito presente dentro da comunidade LGBTI+", afirmou o diretor interino do UNAIDS, Cleiton Euzébio de Lima.

EIXO

3

ZERO DISCRIMINAÇÃO

A discriminação é ruim para as comunidades, ruim para a economia e ruim para o futuro e para as oportunidades a que cada pessoa tem direito ao longo de sua vida. O UNAIDS defende que ninguém seja discriminado ou discriminada por causa de seu estado sorológico para o HIV, idade, sexo, identidade de gênero, orientação sexual, deficiência, raça, etnia, idioma, localização geográfica ou situação migratória, ou por qualquer outro motivo.

Infelizmente, contudo, a discriminação continua a minar os esforços para alcançar um mundo mais justo e equitativo. As pessoas enfrentam discriminação todos os dias com base em quem são e no que fazem.

No contexto da saúde, o acesso aos serviços essenciais para prevenção e tratamento do HIV também se vê muitas vezes prejudicado pela discriminação. Em todo o mundo, uma em cada cinco pessoas vivendo com HIV já relatou ter evitado ir a uma clínica ou hospital local porque temer estigma ou discriminação, simplesmente por viverem com HIV.

O UNAIDS, por meio de sua initiativa Zero Discriminação, busca desafiar as pessoas para que reconheçam a discriminação onde quer que ela aconteça na vida cotidiana, para que sejamos capazes de tomar medidas para impedir que ela aconteça.

3.1 Índice de Estigma Brasil 2019

O Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS é uma ferramenta para detectar e medir a mudança de tendências em relação ao estigma e à discriminação relacionados ao HIV, a partir da perspectiva das pessoas vivendo com HIV e com AIDS.

Iniciado em 2008, o índice é uma iniciativa conjunta da Rede Global de Pessoas Vivendo com HIV (GNP+), Comunidade Internacional de Mulheres Vivendo com HIV/AIDS (ICW), Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF) e o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS).

O Índice de Estigma é uma pesquisa de abordagem mista descritiva, transversal, que visa a adaptação e aplicação da pesquisa internacional por entrevistadores e entrevistadoras vivendo com HIV ou vivendo com AIDS.

Desde sua criação, em 2008, o estudo já foi aplicado em mais de 100 países ultrapassando a marca de 100 mil pessoas entrevistadas. Pela primeira vez, em 2019, a pesquisa foi aplicada no Brasil, como fruto de uma parceria entre o UNAIDS e diversas organizações e instituições: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+); Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas (MNCP); Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV e AIDS (RNAJVHA); Rede Nacional de Mulheres Travestis e Transexuais e Homens Trans vivendo e convivendo com HIV/AIDS (RNTTHP); ONG Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil; e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Esta versão brasileira, cuja amostra final foi constituída por histórias e memórias de 1.784 pessoas vivendo com HIV/AIDS, foi executada em sete capitais: Manaus (AM), Brasília (DF), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), Recife (PE), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Considerou-se o nível de confiança de 99% e o limite de confiança de 5%. O estudo seguiu os princípios GIPA (sigla em inglês para Princípio do Maior Envolvimento das Pessoas que Vivem com HIV/AIDS) e MIPA (sigla em inglês para Envolvimento Significativo das Pessoas que Vivem com HIV/AIDS), que amparam a proposta internacional de que as entrevistas sejam feitas por pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Os dois últimos treinamentos para pessoas entrevistadoras do Índice de Estigma aconteceram em 2019 em Brasília (DF) e em São Paulo (SP). Ao todo, 60 pessoas participaram das capacitações em sete capitais brasileiras para: Recife (PE), Salvador (BA), Manaus (AM), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS). Em outubro de 2019, o grupo de entrevistadores e representantes das redes de pessoas vivendo com HIV se reuniram em Brasília para discutir os resultados da pesquisa antes do lançamento de dezembro.

Índice de Estigma

A maioria das pessoas que vivem com HIV e das pessoas que vivem com AIDS no Brasil já passou por pelo menos alguma situação de discriminação ao longo de suas vidas. É o que indicou o estudo inédito no Brasil, realizado com quase 2.000 pessoas vivendo com HIV, em sete capitais brasileiras, entre abril e agosto de 2019. De acordo com a pesquisa, 64,1% das pessoas entrevistadas já sofreram alguma forma de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS. Comentários discriminatórios ou especulativos já afetaram 46,3% delas, enquanto 41% do grupo diz ter sido alvo de comentários feitos por membros da própria família.

O levantamento também evidencia que muitas destas pessoas já passaram por outras situações de discriminação, incluindo assédio verbal (25,3%), perda de fonte de renda ou emprego (19,6%) e até mesmo agressões físicas (6,0%).

Os resultados da pesquisa foram lançados no dia 10 de dezembro, durante a reunião do Grupo Temático Ampliado sobre HIV/AIDS (GT UNAIDS), em sua última reunião anual realizada da sede da OPAS/OMS, em Brasília.

"O UNAIDS tem destacado, a partir de estudos em todo o mundo, que o estigma e a discriminação estão entre as principais barreiras para o acesso a serviços de prevenção e testagem para o HIV. Em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS, a discriminação tem se demonstrado como um dos grandes obstáculos para o início e adesão ao tratamento, além de ter um impacto negativo nas relações sociais nos âmbitos familiar, comunitário, de trabalho, entre outros", destacou Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil. "Os dados desse estudo trazem um retrato importante e preocupante das situações de discriminação cotidianas a que estão expostas as pessoas que vivem com HIV/AIDS no Brasil."

Dados principais

Em sua maioria, as quase 2.000 pessoas que participaram da pesquisa são negras e vivem com HIV, em média, há dez anos. Dados recentes sobre a epidemia de HIV no Brasil, divulgados pelo Ministério da Saúde no Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2019, mostram que o número de óbitos por causas relacionadas à AIDS cresceu 22,5% entre a população negra na última década enquanto a tendência mostra-se inversa entre a população branca: queda de 22,2%. Considerada a proporção de pessoas negras respondentes nesta pesquisa do Índice de Estigma, este estudo surge como uma importante fonte de referência para a análise de possíveis causas sociais subjacentes para estas tendências verificadas no país.

Outro dado que se destaca do estudo é que mais de 30% dos participantes declararam estar desempregados no momento da pesquisa e quase metade enfrentaram, nos últimos 12 meses, dificuldades momentâneas ou frequentes para atender às suas necessidades básicas de alimentação, moradia ou vestuário.

Apesar de termos completado quase quatro décadas de epidemia e de termos alcançado muitos avanços tecnológicos e biomédicos na resposta ao HIV, para 81% das pessoas entrevistadas ainda é muito difícil revelar que vivem com HIV. Em geral, as pessoas responderam que não têm boas experiências ao revelar sua condição positiva para o HIV a quem não é próximo. Vizinhos e vizinhas foram as pessoas que, com mais frequência (24,6%), souberam dessa condição sem o consentimento das pessoas vivendo com HIV. Cenário semelhante foi relatado entre colegas de escola (18,2%), professores e demais profissionais do ambiente escolar (15,3%).

"Aprendi nesses anos de soropositividade a nunca revelar o meu estado de saúde sem ter a absoluta confiança na outra pessoa", respondeu por escrito uma das entrevistadas—mulher cisgênero, indígena, heterossexual, 34 anos. "Decepções, discriminações, preconceitos e outras formas de machucar psicologicamente, quando contei sem ter essa segurança e confiança, deixaram marcas profundas que nunca cicatrizaram."

Muitas pessoas preferem falar abertamente sobre seu estado sorológico positivo para o HIV somente com parceiros e parceiras fixas (80,4%). Contudo, este dado revela também o outro lado da moeda: ainda hoje, quase 20% das pessoas que vivem com HIV ou que vivem com AIDS não conseguem revelar a parceiros e parceiras fixas a sua condição por medo do estigma e da discriminação.

As diversas formas de estigma e discriminação que afetam pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS incluem, entre suas consequências mais frequentes, o assédio moral, a exclusão social, a agressão física e a perda do emprego—mesmo com o arcabouço legal já existente no país para proteger estas pessoas, reforçado pela lei 12.984/2014, que tornou crime punível com reclusão e multa atos de discriminação contra pessoas vivendo com HIV ou com AIDS.

O medo de sofrer discriminação e a culpa por estar vivendo com HIV ou vivendo com AIDS são sentimentos frequentes entre as pessoas que participaram desta pesquisa. Estes dados do estudo demonstram que viver com HIV produz percepções e sentimentos que não afetam apenas a relação com os outros, mas também consigo mesmo. Um(a) em cada 3 respondentes declararam ter vergonha de ser soropositivo(a) para o HIV e se sentirem culpados por sua condição de saúde.

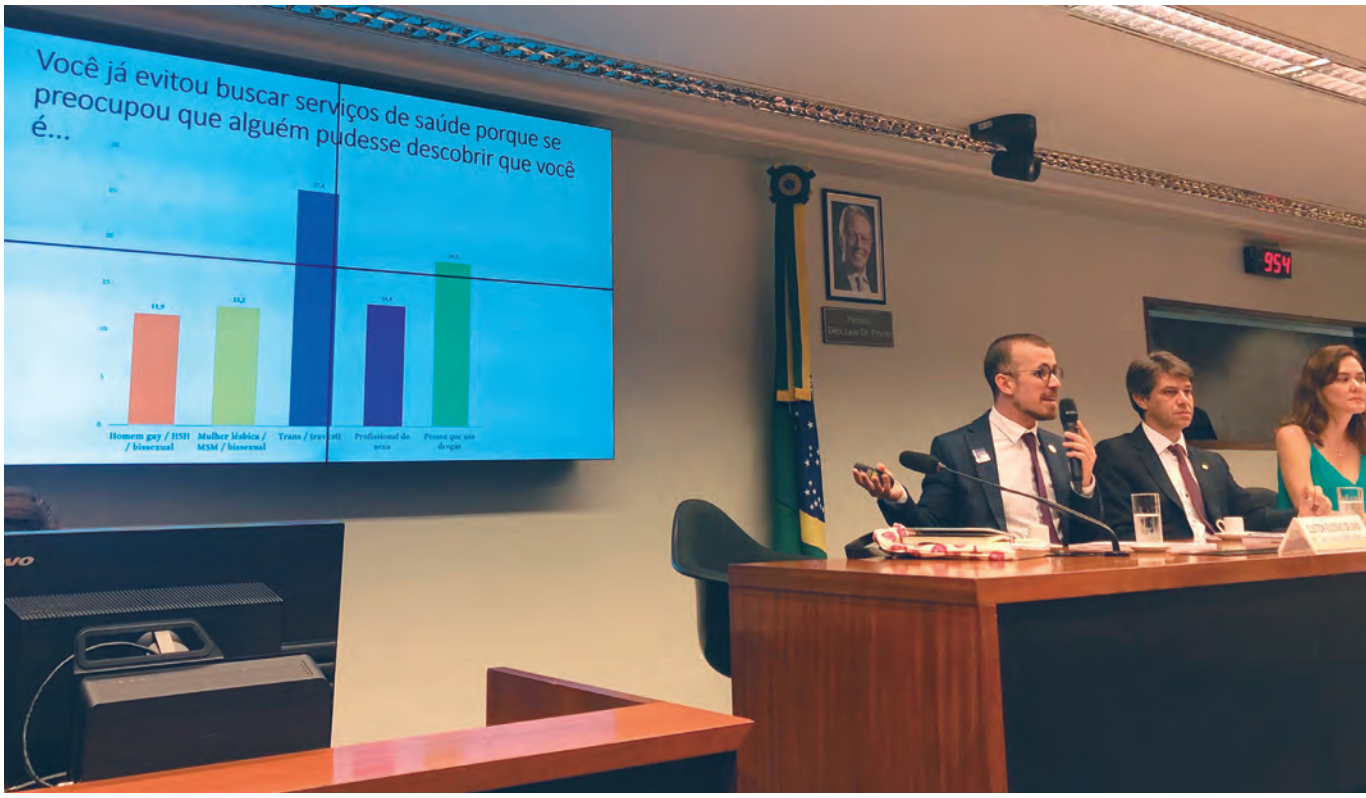
Um dado bastante preocupante do estudo, é o de que quase metade dos respondentes (47,9%) declararam ter sido diagnosticados com algum problema de saúde mental nos últimos 12 meses. Esse dado coloca luz sobre a urgência da expansão e do aprimoramento dos serviços e políticas de atenção à saúde mental das pessoas que vivem com HIV/AIDS.

Desdobramentos

A Frente Parlamentar Mista de Enfrentamento às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), ao HIV/Aids e às hepatites virais, por meio da Audiência da Comissão de Seguridade Social e Família, convidou o UNAIDS Brasil para apresentar os dados do Índice de Estigma Brasil 2019 na Câmara dos Deputados, no dia 11 de dezembro. Participaram do encontro deputados, autoridades, representantes do movimento social, entre outros. O estudo também contou com evento de lançamento e debate em Recife, entre os dias 15 e 16 de dezembro organizado pela ONG Gestos.

A pesquisa contará com desdobramentos e análises mais aprofundadas para 2020, com foco específico em populações-chave, em cidades e outros recortes.

"Temos uma grande tarefa pela frente e grandes desafios. Os dados nos dão evidências de que precisamos colocar como prioridade o enfrentamento do estigma e discriminação. Precisamos tirar a AIDS do escuro. Além dos serviços de saúde precisamos de justiça e educação para o enfrentamento da discriminação. É só o começo desse processo", evidenciou o diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima.



ARTIGO DE OPINIÃO: INFORMAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Ao longo de mais de uma década trabalhando no campo do HIV, entre os inúmeros relatos de experiências de discriminação que já escutei de pessoas vivendo com HIV/AIDS, um dos que mais me marcaram foi a de um ativista reconhecido e respeitado nacionalmente por sua longa trajetória de atuação em defesa dos direitos das pessoas afetadas pela epidemia. Ele confidenciou, durante uma reunião, que, em sua própria casa, sua mãe ainda mantinha separado seus pratos, talheres e copos. A partir dessa única história, você conseguiria imaginar as possíveis situações de discriminação vivenciadas pelos mais de 900 mil brasileiros e brasileiras que vivem com HIV/AIDS hoje?

Sendo impossível escutar todas essas pessoas, e dada a importância de termos indicadores sobre este tema – afinal conhecer o problema é o primeiro passo para enfrentá-lo – o UNAIDS apoiou a realização de um estudo inédito no país: o Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS. Ao longo de 4 meses, 26 pessoas vivendo com HIV/AIDS trabalharam como entrevistadores e entrevistadoras, e escutaram as histórias e experiências de discriminação de outras 1.800 pessoas vivendo na mesma condição em sete capitais brasileiras.

Com esta iniciativa – que foi possível somente graças à soma dos esforços das quatro redes nacionais de pessoas vivendo com HIV/AIDS (RNP+, MNPC, RNAJVHA e RNTTHP) e instituições parceiras, como o PNUD, a ONG Gestos e a PUC-RS –, esperamos dar uma contribuição importante para ampliação do debate de sociedade em torno do HIV e da AIDS, principalmente no que diz respeito ao entendimento das construções e dos impactos nefastos que o estigma e a discriminação ainda impõem às pessoas afetadas pelo HIV no Brasil.

Neste ano, o UNAIDS celebrou o Dia Mundial contra a AIDS relembrando e homenageando o papel dos ativistas e comunidades na resposta à epidemia do HIV. Como afirmou a diretora executiva global do UNAIDS Winnie Byanyima, "sem a liderança comunitária, 24 milhões de pessoas não estariam em tratamento hoje. Sem as comunidades lideradas por mulheres vivendo com HIV e afetadas pelo vírus, não estaríamos perto de acabar com novas infecções pelo HIV entre crianças. Diante das adversidades, comunidades de homens gays, de profissionais do sexo e pessoas que usam drogas se organizaram para reivindicar seu direito à saúde como cidadãos e cidadãs iguais".

No Brasil, é fundamental também reconhecer o papel histórico da luta das pessoas que vivem com HIV/AIDS para o alcance de todas as conquistas que tivemos nas últimas décadas, incluindo o tratamento gratuito e universal. Desde os primeiros anos da epidemia, ativistas transformavam sentenças de morte em laços de solidariedade e engajamento na luta por políticas públicas de prevenção, testagem e tratamento, bem como para a defesa e promoção dos direitos humanos das pessoas que vivem com HIV/AIDS e das populações historicamente mais afetadas.

Os dados do Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS infelizmente nos mostram que a luta contra o estigma e a discriminação ainda está longe de ser vencida. Por conta do estigma e da discriminação, muitas pessoas vivendo com HIV/AIDS têm medo de falar abertamente sobre sua sorologia, até mesmo com familiares mais próximos. Com medo de sofrer discriminação, muitas pessoas deixam de buscar ou abandonam o tratamento, e podem morrer por causas relacionadas à AIDS. Talvez você possa achar que não conheça nenhuma pessoa vivendo com HIV, mas elas estão entre nós, são parte da nossa família, são vizinhos e vizinhas, colegas de escola ou de trabalho.

Vencer o estigma e a discriminação relacionados ao HIV/AIDS não será uma tarefa fácil. Precisaremos de mais e melhores políticas públicas intersetoriais. Precisaremos de mais financiamento para projetos e iniciativas comunitárias. E, talvez, o mais importante: precisaremos que cada pessoa faça sua parte, substituindo medo por informação e a discriminação por empatia e solidariedade. Como já nos ensinava Herbert Daniel, ainda no início da epidemia, "diante do preconceito e do medo, a informação e a solidariedade têm sido cada vez mais oferecidas como a única resposta verdadeiramente eficiente ao avanço da AIDS."

Artigo de opinião assinado por *Cleiton Euzébio de Lima, diretor interino do UNAIDS no Brasil, publicado no jornal Correio Braziliense em 12/12/2019*

3.2 Agenda para Zero Discriminação na Saúde

O conceito de "Zero Discriminação nos Serviços de Saúde" reflete o crescente reconhecimento da necessidade de abordar o estigma e a discriminação, inclusive nos serviços de saúde, como um requisito fundamental para alcançar as metas de Aceleração da Resposta ao HIV estabelecidas para 2020 e cumprir a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, sem deixar ninguém para trás.

A discriminação nos serviços de saúde viola muitos dos direitos humanos mais fundamentais que são protegidos por tratados internacionais e por leis e constituições nacionais. A discriminação geralmente é motivada pelo estigma– crenças, sentimentos e atitudes negativas em relação às pessoas que vivem com HIV ou populações-chave e populações mais vulneráveis ao vírus.

Este tipo de discriminação costuma ser generalizado em todo o mundo e assume várias formas. Frequentemente, é direcionado a algumas das pessoas mais marginalizadas e estigmatizadas da sociedade, incluindo pessoas vivendo com HIV e populações-chave, muitas das quais enfrentam formas de discriminação cruzadas com base em idade, sexo, raça ou etnia, estado de saúde física ou mental, deficiência, orientação sexual ou identidade de gênero, nacionalidade, situação de asilo ou migração ou antecedentes criminais.

Ela também pode afetar os profissionais de saúde, seja pela falta de respeito aos direitos destes trabalhadores e, até mesmo, pela simples percepção de que, por trabalharem com HIV, eles também estejam vivendo com o vírus.

A solução desses desafios requer a implementação e a ampliação de ações multissetoriais direcionadas, coordenadas e informadas por evidências, para eliminar a discriminação nos serviços de saúde como um todo.

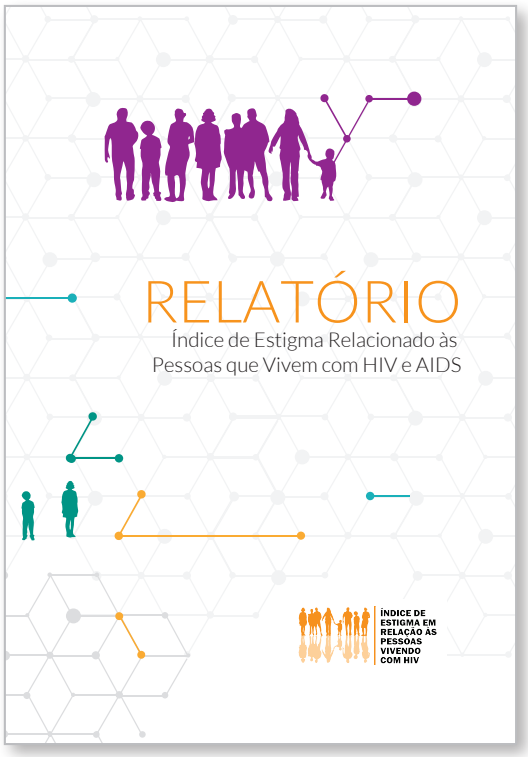
Lançamento do relatório 'Seminário Zero Discriminação nos Serviços de Saúde'

O Relatório *Seminário Zero Discriminação nos Serviços de Saúde* foi lançado no dia 10 de dezembro, durante a última reunião do GT UNAIDS, na sede da OPAS/OMS, em Brasília. O relatório é resultado de um amplo processo consultivo realizado pelo UNAIDS em parceria com o DCCI.

O processo de construção do relatório incluiu a organização de sete edições dos chamados Diálogos para a Zero Discriminação nos Serviços de Saúde. Durante quase dois meses, foram percorridas as cinco regiões do Brasil e, através destes diálogos, foi realizado um processo significativo de escuta aprofundada de mais de 70 pessoas—gays e outros homens que fazem sexo com homens, travestis e transexuais, pessoas que usam álcool e outras drogas, trabalhadoras do sexo, pessoas privadas de liberdade e pessoas vivendo com HIV. Além disso, considerando suas experiências e necessidades específicas, foi realizado um diálogo com jovens vivendo com HIV de transmissão vertical. E ainda, para escutar o "outro lado", foi realizado uma sessão de diálogo com estudantes e profissionais da área de saúde. Importante destacar que cada população foi ouvida separadamente. Os resultados desta rodada de Diálogos foram apresentados no Seminário Zero Discriminação nos Serviços de Saúde, realizado nos dias 2 e 3 de outubro de 2018 pelo UNAIDS e o DCCI, em parceria com o Programa USP Diversidade, da Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Mais de 70 representantes da

sociedade civil, universidade, profissionais e gestores de saúde, reuniram-se no Museu de Arte Contemporânea da USP para amplificar as vozes dos diálogos e dar seguimento à tarefa de construção dos padrões de um serviço de saúde Zero Discriminação no Brasil. O Seminário serviu como um verdadeiro laboratório de ideias, construído com base na mesma metodologia dos Diálogos, ou seja, lançando mão de perguntas que estimulassem um debate propositivo e uma troca constante de reflexões, visões e perspectivas.

O Relatório *Seminário Zero Discriminação nos Serviços de Saúde* apresenta análises de especialistas sobre o impacto da discriminação nos serviços de saúde, a descrição detalhada de cinco boas práticas identificadas no SUS de prestação de serviços de saúde com zero discriminação, e como parte principal, um conjunto de recomendações práticas para a construção de serviços de saúde zero discriminação no Brasil organizadas em seis áreas: gestão; infraestrutura, formação continuada para profissionais da saúde, participação da sociedade civil, comunicação, e monitoramento e avaliação.



3.3 Parceria com USP Diversidade

Em uma cerimônia realizada no dia 28 de fevereiro, na Sala do Conselho Universitário, a USP–por meio do Programa USP Diversidade–e o UNAIDS assinaram um acordo de cooperação com o objetivo de desenvolver ações em parceria na área de promoção da igualdade e dos direitos humanos. O evento contou com a presença de dirigentes da Universidade e do UNAIDS, pesquisadores e representantes das áreas de saúde, direitos humanos e cidadania.

"A USP apoia o desenvolvimento de políticas públicas que levem à igualdade não apenas no caminho da AIDS, mas na luta pela igualdade de gênero também. Temos como ambição formar não apenas profissionais, mas pessoas que possam levar mensagem de cidadania e acolhimento à população", afirmou a pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária, Maria Aparecida Moreira Machado.

A diretora do UNAIDS, Georgiana Braga-Orillard, alertou para a necessidade da realização de campanhas de conscientização e prevenção contra o HIV mais adequadas aos jovens. "As universidades estão muito mais próximas dos jovens e isso é muito importante para compreendermos melhor essa geração", disse Georgiana. "Precisamos trazer as ideias da academia para o desenvolvimento de pesquisas novas. Apesar de o Brasil conseguir, por meio do SUS, fornecer medicamento de ponta, métodos de prevenção, toda a parte médica, científica e de saúde, ainda precisamos investir muito na questão da discriminação."

A assinatura do acordo de cooperação aconteceu no âmbito das celebrações de 1º de março, Dia Mundial de Zero Discriminação, instituído pela ONU em 2013. O acordo de cooperação intensificou uma parceria que já vinha se estabelecendo entre as duas instituições por meio de diversas ações. Além de cursos de extensão, o documento prevê a realização de eventos e encontros

para a discussão dos temas que ambas instituições têm em comum e para a trocas de experiências.

"A USP tem uma constante atuação na busca da excelência, não apenas nos trabalhos de transmissão de conhecimento, mas sobretudo nas relações culturais e sociais que resultam na postura cidadã de nossos discentes, docentes e funcionários", disse a professora Ana Paula Morais Fernandes, coordenadora do USP Diversidade. "A parceria com o UNAIDS denota um esforço conjunto e propicia ações como cursos e demais atividades culturais e extensionistas com foco nos compromissos relativos ao respeito universal com os direitos humanos."

Campanha de Prevenção #partiuprevenção

Em 2019, o Programa USP Diversidade lançou também a campanha #partiuprevenção em todos os Campus da Universidade de São Paulo, em parceria com o UNAIDS e o CRT-DST/AIDS do Programa Estadual para Prevenção, Controle Diagnóstico e Tratamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no Estado de São Paulo.

A campanha teve foco na disponibilização de preservativos em dispensadores alocados em pontos estratégicos de maior fluxo de universitários, em toda a Universidade. Foram mais de 40 dispensadores de preservativos penianos espalhados nos campi da capital e do interior de São Paulo.

"Este é um dos nossos projetos em parceria com a UNAIDS que tem o objetivo de contribuir para o fim da epidemia de AIDS até 2030, como parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) assumidos pelos Países-membros das Nações Unidas", disse, à época do lançamento da iniciativa, a professora Ana Paula Morais Fernandes, coordenadora do USP Diversidade. "O USP Diversidade tem

como objetivo permanente revigorar nosso compromisso com os Direitos Humanos, a dignidade e o respeito à diversidade por meio do ensino e da educação e contribuir para a formação cidadã do universitário."

Repositório de Educação Integral para a Sexualidade, HIV/AIDS e Diversidade

A desinformação contribui para o estigma e a discriminação, que estão entre os principais obstáculos para a prevenção, tratamento e cuidado em relação ao HIV e à AIDS. Em resposta a este desafio, USP Diversidade, UNAIDS e UNESCO se uniram em 2019 para dar início à criação do Repositório de Educação Integral para Sexualidade, HIV/AIDS e Diversidade.

O repositório consistirá em uma plataforma digital para reunir e disseminar a produção acadêmica (científica, artística e técnica) e outros conteúdos, informados pelas mais recentes evidências científicas, sobre temas relacionados à promoção da saúde sexual e reprodutiva, prevenção do HIV/AIDS, diversidade e direitos humanos. O Repositório terá acesso online, aberto e global, para ampla e livre consulta.

O Repositório abrigará também materiais didático-pedagógicos para serem utilizados por professores da rede pública e privada da educação básica, ensinos fundamental e médio, como ferramenta no cotidiano da sala de aula. Para propiciar ampla abrangência de disseminação, as informações contidas no Repositório estarão disponibilizadas nos idiomas inglês, português e espanhol, e assim terá o potencial de ser utilizada pelos 193 países membros da ONU, em especial para os países do Caribe e América Latina.

Oficinas Zero Discriminação nos Serviços de Saúde

Diversas oficinas Zero Discriminação nos Serviços de Saúde foram realizadas em 2019 em parceria com o Programa USP Diversidade pelos diferentes campi da universidade no estado. Ao longo do ano, quase 100 pessoas passaram pelas formações, incluindo estudantes e profissionais de saúde, mas também pessoas de outras áreas, já que os cursos eram gratuitos e abertos ao público em geral.

"O curso é sempre muito proveitoso para quem participa. As reações à oficina são sempre de admiração pela relevância e pela atualidade das informações que são compartilhadas", explica Silvia Almeida, consultora do UNAIDS em São Paulo, que apoiou as diversas oficinas realizadas no estado. "Mesmo para os profissionais de saúde que participam, o curso traz inúmeras atualizações importantes, como estatísticas atualizadas da epidemia, novas terminologias usadas, outros avanços na área de tratamento e prevenção do HIV, sempre com um foco muito importante em Zero Discriminação."

Mesmo sendo abertos ao público em geral, estas oficinas tiveram como objetivo levar informações a jovens que frequentam a universidade e que estão na faixa etária (entre 19 e 29). Eles fazer parte da camada da população onde a epidemia tem crescido com mais intensidade nos últimos anos.

3.4 Comunicação em HIV e Zero Discriminação

Inspirados no sucesso das primeiras oficinas de "Comunicação e Zero Discriminação em HIV", realizadas em 2018 em parceria com o programa USP Diversidade, o UNAIDS e o UNFPA realizaram, em 2019, uma série de nove workshops para estudantes de comunicação e jornalistas em diversas capitais brasileiras, como parte do Plano Conjunto da ONU sobre AIDS 2019.

Ao todo foram duas sessões em São Paulo (campus USP Leste), duas em Salvador (em parceria com o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, IRDEB, e TVE Bahia, duas em Recife (em parceria com a ONG Gestos), duas no Rio de Janeiro (em parceria com o Sindicato dos Jornalistas do Rio), e uma sessão em Brasília (em parceria com o Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília – LabEcos UnB).

Esses workshops tiveram uma participação média de 20 pessoas por sessão, o que resultou em quase 200 pessoas capacitadas e sensibilizadas por meio da iniciativa. A estratégia das oficinas foi conscientizar as pessoas sobre o estado da arte da cobertura da imprensa a respeito do HIV, os desafios para promover o debate livre de estigma e discriminação entre meios de comunicação e possíveis soluções.

Flávio Gonçalves, diretor geral do IRDEB, ressaltou que, como parceiro das Nações Unidas, o IRDEB inclui na programação da TVE Bahia e da Rádio Educadora FM conteúdos produzidos pelas agências, fundos e programas da ONU pela promoção da Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável. "É muito raro, nos veículos de mídia brasileiros, termos informações sobre saúde na programação. As pessoas estarem bem ou mal informadas sobre HIV depende de nós. Cabe a nós levar as informações de forma correta. Nosso papel é levar informações que

possam acrescentar à vida das pessoas de alguma forma", disse. "Estamos felizes de acolher este tipo de iniciativa aqui em nossa casa, envolvendo também nossas equipes, para que consigamos abordar o tema da melhor forma possível e inspirar outras pessoas."

Para Daniel de Castro, assessor de Comunicação do UNAIDS, a prevenção do HIV e a consolidação dos princípios de zero discriminação e zero estigma passam, inevitavelmente, por um processo de informação, comunicação e educação. "Por isso estamos aqui para falar desse tema, que é negligenciado não só por profissionais da área de Comunicação mas também profissionais de Saúde e gestores públicos. A prevenção passa pelo entendimento, pelo conhecimento, pela divulgação de dados informados por evidência e que são relevantes para o dia a dia, principalmente dos jovens", alerta.

3.5 Arte e HIV

Das famosas e comoventes colchas de retalhos (AIDS quilts) nos Estados Unidos, passando pelos livros de memória na África, pela arte contemporânea de Keith Harring, pela musicalidade de Freddy Mercury e Cazuza e a profundidade da obra de Caio Fernando de Abreu – além de inúmeros outros trabalhos nas mais diversas – é possível dizer que a epidemia de AIDS, desde seu início, sempre exerceu uma grande influência sobre a arte e o mundo artístico. Em contrapartida, a arte também sempre teve um papel fundamental como veículo para o debate e a conscientização da sociedade a respeito do vírus, da síndrome e dos preconceitos construídos ao seu redor.

Através da arte, o movimento de AIDS tem conseguido expressar suas demandas, angústias e conquistas, abrindo espaço para uma sensibilização cada vez maior do público externo – e, muitas vezes, alheio à epidemia – provocando o engajamento através do diálogo, da reflexão e da sensibilização a respeito dos principais desafios para o fim da epidemia de AIDS.

O pintor do século XX, Mark Rothko, disse certa vez: "A arte é uma aventura em um mundo desconhecido, que só pode ser explorado por quem estiver disposto a correr riscos." Ao artista cabe esta decisão de se aventurar rumo às camadas ainda não exploradas ou pouco conhecidas desta jornada tão necessária para a ampliação do conhecimento e da vivência em torno do HIV.

Em 2019, o UNAIDS apoiou e incentivou diversas ações artísticas por acreditar que esta estratégia é capaz de agregar estas novas camadas ao debate de sociedade em torno do HIV, da sexualidade, e da eliminação do estigma e da discriminação.

O.X.E.S.

Em abril, o projeto O.X.E.S (termo que, de trás para frente, remete à palavra sexo), concebido pela 'artivista' Adriana Bertini, foi lançado, em São Paulo, com o objetivo de abordar, através da arte contemporânea, a prevenção ao HIV, o tratamento e as barreiras do preconceito e discriminação. Entre os dias 17 de abril e 29 de junho, quase 4 mil pessoas conferiram as 105 obras de arte expostas no Espaço Ophicina, na região de Pinheiros.

A iniciativa envolveu artistas e parceiros importantes como o Doutor Michael Gottlieb, Tim Brown, também conhecido como o Paciente de Berlim, e a cantora Wanessa Camargo, Embaixadora da Boa Vontade do UNAIDS Brasil, que foi clicada pelas lentes do renomado fotógrafo brasileiro Bob Wolfenson para integrar a série de fotografias "O.X.E.S Friends".

"Acredito que a arte encurta os caminhos de comunicação e é capaz de atingir diretamente o coração e a alma das pessoas", disse Wanessa. "Ela faz com que a mensagem chegue com mais rapidez, leveza e sensibilidade às pessoas e é um instrumento fundamental para tratar de temas muitas vezes considerados complexos e difíceis no nosso cotidiano."

A exposição O.X.E.S também contou com uma série de eventos e debates. Um deles, chamado "Artivismo", buscou gerar um diálogo entre artistas, escritores, músicos, promotores de eventos, fotógrafos, youtubers e outras pessoas que atuam em temas como HIV e AIDS, direitos sexuais e reprodutivos, orientação sexual, gênero e diversidade, e impulsionar a criação de uma rede para melhorar o alcance do trabalho destes profissionais.

O UNAIDS participou da discussão, e incentivou a consolidação desta iniciativa, uma vez que muitos dos profissionais "artivistas" também atuam direta e indiretamente com o acolhimento de pessoas que vivem com HIV, apoiam as iniciativas de prevenção e trabalham, através da arte, pelo fim do estigma e da discriminação.

Outra atividade, também impulsionada pela artista Adriana Bertini, foi uma discussão sobre Direitos Humanos, Zero Discriminação e Arthivismo. Este foi um dos eventos que marcaram a pré-parada LGBTI de São Paulo, realizada em junho. Participaram do encontro a jornalista Roseli Tardelli, o médico infectologista Rico Vasconcelos, a ativista Ariadne Ribeiro, a artista plástica Fabiana Gabas Kallas, a curadora Lucrécia Couso e a coordenadora do Programa USP Diversidade Ana Paula Morais, que destacou a importância da parceria entre USP e do UNAIDS para buscar estratégias de ampliação dos espaços de diversidade e de garantia do respeito aos direitos humanos.

TIM BROWN

O norte-americano Timothy Ray Brown, conhecido como "paciente de Berlim", esteve no Brasil em abril deste ano para participar de um simpósio de AIDS e da abertura da exposição de arte contemporânea O.X.E.S, da 'artivista' Adriana Bertini, e que contou com o apoio do UNAIDS.

Brown conversou com o UNAIDS sobre sua relação com o HIV e as razões que o levaram a se posicionar como ativista da causa, principalmente depois de ter sido curado do HIV através de transplantes de medula.

Para chegar à decisão de revelar ao mundo que era o "paciente de Berlim", Brown conta que precisou superar diversas barreiras impostas pelo estigma. A primeira delas, a de "sair do armário" e dizer a todos que era homossexual. "Vivi a questão do estigma quando eu saí do armário e disse a todos que era gay. Na verdade, fui forçado a fazer isso porque um amigo queria que eu ficasse com ele eu preferi sair com outra pessoa", relembra. "Então, eu andava pelos corredores da escola e ouvia as pessoas me chamarem de 'bicha'."

Em relação ao HIV, ele conta que sua primeira vitória veio ao superar um obstáculo interno. "Havia uma percepção minha de que eu não me sentia completamente normal com o HIV. Era estigma internalizado. Mas logo superei isto", conta o norte-americano. "Eu realmente não sentia tanto estigma em Berlim [onde morava quando recebeu o diagnóstico]. Em outras partes da Alemanha, sim, já que não era tão aberto e aceitável. Mas eu sabia que o estigma existia em outros lugares. Foi quando voltei para os Estados Unidos que aprendi que ainda havia muito estigma [em relação às pessoas vivendo com HIV] por lá."

Depois de várias sessões de quimioterapia e dois transplantes de medula—o último em 2008—o "paciente de Berlim" teve muitas dificuldades na recuperação. Sofreu com delírios, quase ficou cego e com paralisia. Levou cerca de seis anos para reaprender a andar e se recuperar.

Outro momento de superação foi quando decidiu contar para o mundo que ele era o "paciente de Berlim". "Demorei alguns anos para sentir que eu estava pronto. Na verdade, fui convidado para ir à Conferência Internacional sobre AIDS, em Viena [em 2010]. E eu meio que queria ir, mas meu ex-parceiro, à época, tinha terminado comigo dizendo que eu não estava pronto", relembra.

Em um artigo, Brown descreveu este processo de forma mais detalhada. "Enquanto estava em recuperação, havia muita conversa sobre meu caso entre cientistas e médicos. Eu não estava pronto para me tornar público, mas, no final de 2010, decidi divulgar meu nome e minha imagem para a mídia. Eu deixei de ser o 'paciente de Berlim' para usar meu nome verdadeiro, Timothy Ray Brown. Eu não queria ser a única pessoa no mundo curada do HIV; eu queria que outros pacientes vivendo com HIV se juntassem ao meu clube."

Em 2012, durante a Conferência Internacional de AIDS de Washington DC, ele lançou a Fundação Timothy Ray Brown para apoiar o trabalho conjunto de cientistas, médicos, instituições e universidades que pesquisam sobre a cura e sobre vacinas contra o HIV. "Há algo chamado de 'culpa pela sobrevivência' [do termo em inglês 'survivel guilt']. Eu tive uma enorme quantidade de 'culpa pela sobrevivência' porque não sou apenas um sobrevivente do HIV, estou curado, ele desapareceu do meu corpo", explica Brown sobre como superou esta última camada de estigma em sua vida para chegar onde está hoje.

"Eu quero que todas as pessoas que vivem com HIV sejam curadas. Não do jeito que eu fui, porque é muito perigoso e muito caro, e é muito difícil encontrar doadores que possuam o mecanismo que gera a mutação necessária. Eu acho que, de alguma maneira, fui escolhido para fazer o que estou fazendo, para estar vivo. Alguns poderes superiores decidiram que eu deveria estar aqui vivo, porque iria levar minha mensagem adiante para ajudar as pessoas."

Carta para Além dos Muros

Um importante apanhado de três décadas de história do HIV e da AIDS no Brasil por meio de relatos de especialistas e ativistas de diversas gerações, conduzido por uma narrativa inspirada no trabalho de Caio Fernando de Abreu. Este é o mote do documentário *Carta para Além dos Muros*, dirigido por André Canto, e que teve sua estreia nacional no dia 26 de setembro.

Através da costura desta complexa colcha de retalhos, o filme investiga e expõe o estigma e a discriminação como produtos de uma sociedade que insiste em manter marginalizadas as pessoas que vivem com HIV, mesmo 30 anos depois do início da epidemia.

O UNAIDS é parceiro institucional na produção do filme e também ofereceu apoio técnico na fase de produção do documentário. Para o diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima, o apoio a produções culturais que abordam o HIV é importante para estimular uma conversa aberta, em toda a sociedade.

"Temos vivido, nos últimos anos, uma revolução no campo da medicina, da ciência e das tecnologias. Hoje a gente precisa que essa revolução se reflita também na área social e de direitos humanos", destacou Lima. "E esses avanços na área social não dependem de uma pílula ou tecnologia, mas especialmente de que todas as pessoas, em todos os lugares, falem mais sobre o HIV e se disponham a aprender mais sobre o tema, sem tabus, sem estigma e ou discriminação. Isso pode ser feito por diversas frentes, e a cultura é uma área que possibilita que esse diálogo alcance um público que muitas vezes não participa da discussão do HIV."

O longa tem cerca de uma hora e meia de duração e reúne depoimentos de mais de 30 pessoas que fazem parte dessa história, como o médico e escritor Drauzio Varella, a mãe do cantor Cazuza, Lucinha Araújo, os ex-ministros da Saúde José Serra e José Gomes Temporão, além de pessoas que vivem com HIV e trabalham para acabar com o estigma, como o cantor Gabriel Estrela e o youtuber Gabriel Comicholi, ambos participantes de projetos anteriores do UNAIDS, como o *#DesafioUNAIDS* (2017) e *Deu Positivo, e Agora?* (2018). O filme também conta com o depoimento da médica que identificou o primeiro caso de AIDS no Brasil, a dermatologista Valéria Petri.

"Ao olhar para o passado, a gente consegue entender esse processo. Tudo foi tratado com tanto sensacionalismo pela imprensa e pela sociedade em geral, que essas imagens ficaram impregnadas nas nossas lembranças", conta o diretor André Canto. "É uma construção social muito difícil de quebrar, mas o objetivo é colaborar com todas as ações realizadas nessa tentativa de enfrentar o estigma e o preconceito."

Precisamos falar sobre isso

O documentário é o primeiro do gênero a refazer a cronologia do HIV e da AIDS no país e encabeça o projeto #PrecisamosFalarSobreIsso, que também conta com uma série documental para a TV e um livro-reportagem, que relatará todo o processo de pesquisa e realização.

CAIO FERNANDO DE ABREU

O documentário é uma homenagem ao renomado escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, que vivia com HIV e, em 1994, revelou publicamente sua sorologia. Ele falou sobre o HIV em uma série de crônicas para sua coluna no jornal "O Estado de S. Paulo", chamada Carta para Além dos Muros. O autor escreveu abertamente sobre o assunto quando foi internado em decorrência de complicações da AIDS. "O nosso filme é uma nova carta, em 2019, porque acredito que esse muro ainda está de pé e a gente precisa atravessá-lo", afirma André Canto.

O escritor brasileiro Caio Fernando Abreu morreu em 1996 por complicações decorrentes da AIDS.

"Olha, estou escrevendo só pra dizer que se você tivesse telefonado hoje eu ia dizer tanta, mas tanta coisa. Talvez mesmo conseguisse dizer tudo aquilo que escondo desde o começo, um pouco por timidez, por vergonha, por falta de oportunidade, mas principalmente porque todos me dizem sempre que sou demais precipitado, que coloco em palavras todo meu processo mental (processo mental: é exatamente assim que eles dizem, e eu acho engraçado) e que isso assusta as pessoas, e que é preciso disfarçar, jogar, esconder, mentir. Eu não queria que fosse assim. Eu queria que tudo fosse muito mais limpo e muito mais claro, mas eles não me deixam, você não me deixa", trecho da primeira crônica Carta para Além dos Muros, de Caio Fernando Abreu, em 1994.

Outras ações sobre HIV nos cinemas

Além de todo o debate levantado em torno das ações de lançamento e divulgação do documentário Carta para Além dos Muros, o UNAIDS apoiou outras ações para levar o debate sobre o HIV para as salas de cinema, pautando também temas de diversidade, com foco em populações-chave. Entre 23 de maio e 6 de junho, Brasília sediou o IV Festival Internacional de Cinema LGBTI, como parte das celebrações do Orgulho LGBTI na capital federal.

O evento foi organizado pelas Embaixadas da Espanha e da Bélgica, com a parceria e apoio do UNAIDS e de diversos centros culturais, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, além das Embaixadas de 14 países, e organizações internacionais.

Além de ser um dos parceiros convidados para a abertura oficial do Festival, o UNAIDS promoveu, no dia 30 de maio, na Aliança Francesa, um cinedebate em torno do webdocumentário Luz, Câmera, Zero Discriminação, produzido como parte de um projeto homônimo de 2018 em parceria com o M.A.C. AIDS Fund e a cidade de São Paulo.

Também foram exibidos, na mesma ocasião, outros quatro curtas-metragens produzidos por travestis e pessoas trans que participaram da formação. O curso de cinco semanas capacitou estas pessoas em técnicas audiovisuais para produzir vídeos, sob sua perspectiva, capazes de confrontar temas em torno do estigma e da discriminação enfrentados por esta população, considerada chave para a resposta à epidemia de HIV.

Ainda como parte das celebrações do Orgulho LGBTI, o webdocumentário Luz, Câmera, Zero Discriminação também foi exibido em uma sessão especial de cinedebate no CINUSP, em uma ação feita em parceria com o CINUSP e o programa USP Diversidade. Intitulada como *Protagonismo Trans e Travesti no Audiovisual*, a ação replicou a mesma lógica de debates, convidando uma das participantes do curso para falar sobre sua experiência na formação, além da vivência como travesti que vive com HIV.

Movimentos Culturais e a Prevenção Combinada

Movimentos culturais como o Festival BixaNagô, que aconteceu em março, também foram importantes para tratar do HIV, principalmente com foco em populações-chave. A iniciativa busca fazer de um festival de música, um espaço para debater política e artes que promovam a diversidade, a criatividade e a potência da comunidade negra, periférica e LGBT.

Entre os destaques do Festival, o Bate-papo Dandara dos Santos, juntou o UNAIDS Brasil, o Fundo PositHiVo, a artista e ativista Micaela Cyrino e Ezio Rosa para falar sobre HIV. O UNAIDS também apoiou a organização do evento através da impressão de materiais gráficos para divulgação.

Em junho, ao redor das celebrações do Orgulho LGBTI, aconteceu a primeira edição do Chama Festival – Trans/Versalidades, que aconteceu no Teatro Oficina, em São Paulo. O Festival buscou aproximar o público transvestigênere e o público aliado (pessoas cis) com rodas de conversa, eventos relacionados à saúde e ao empreendedorismo, performances e shows culturais. O UNAIDS apoiou o evento com a doação de preservativos e materiais sobre prevenção combinada do HIV, além da participação em rodas de debate.

Outro movimento cultural LGBTI+ muito importante e que vem ganhando espaço para tratar de temas como a prevenção e o tratamento do HIV é o da Comunidade BallRoom. O encontro tem como objetivo criar um espaço de troca de afetos, conscientização, politização, acolhimento e acesso aos serviços de prevenção do HIV. Por meio destes encontros, o grupo busca fortalecer uma comunidade onde arte, cultura, dança, criatividade e o senso de família estejam entrelaçados.

O BallRoom, apesar de existir desde os anos 80, ganhou notoriedade recentemente, após o sucesso da série Pose, uma produção original da Netflix. No dia 21 de dezembro, o UNAIDS apoiou o evento de Natal, que aconteceu na periferia do Distrito Federal, com a distribuição de autotestes rápidos, preservativos e material sobre a prevenção combinada. Cerca de 300 pessoas da comunidade LGBTI+ e aliados participaram da ação.

Camisinha poética

A poesia também pode ser uma grande aliada na prevenção ao HIV e às IST. É nisso que acredita João da Cruz Ramos Filho, poeta e criador do projeto "Camisinha Poética", que contou com apoio do UNAIDS em 2019. Uma das ações realizadas por JC Ramos, como gosta de ser chamado, foi a conscientização de pessoas sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) durante as ações do Dia Mundial contra a AIDS, em Itajaí (SC), onde criou o projeto há 22 anos com o objetivo de humanizar o uso do preservativo e fazer com que o assunto deixe de ser tabu, principalmente entre as famílias.

Desde sua criação, a iniciativa já distribuiu mais de um milhão de camisinhas. O apoio do UNAIDS teve foco na impressão das embalagens poéticas, que são usadas na distribuição dos preservativos.

"As relações andam muito no automático. E as poesias servem para quebrar isso também", contou o servidor aposentado e poeta em uma entrevista ao site da Associação Nacional dos Servidores do Judiciário Federal. "No meu livro, tem algumas que fiz especialmente para a minha esposa e acredito que os poemas podem ser um bom ponto de partida para que os casais quebrem o gelo, brinquem, conversem, aproveitem de verdade o momento", defende.

JC Ramos já levou a iniciativa também para o exterior, incluindo Portugal, Espanha e Cuba. O projeto também já foi apresentado no 7º Fórum Social Mundial, realizado em Nairobi, no Quênia, em 2007. "Lá, como aqui, fui muito bem recebido. Todos gostaram e se alegraram muito com o projeto, pois nunca tinham visto uma iniciativa parecida. Não consegui patrocínio para a viagem, fui com meus recursos, mas fiquei muito feliz de ter sido convidado para um evento desse porte", emenda.

A ação *Camisinha poética: humanizando o uso do preservativo*, apoiada pelo UNAIDS em 2019, contou com a impressão de dez mil unidades com poemas sortidos.

PARCERIA COM AGÊNCIA AIDS

O ano de 2019 foi marcado pelo estreitamento da parceria entre o UNAIDS e a Agência de Notícias da AIDS, presidida pela jornalista Roseli Tardelli. Por meio de um acordo de parceria, a Agência AIDS apoiou a difusão do projeto *Deu Positivo, e Agora?* Através da divulgação de banners informativos, de histórias envolvendo pessoas que vivem com HIV e de diversos vídeos com depoimentos sobre o tema.

Além do apoio de longa data na divulgação no site da Agência AIDS de conteúdos sobre HIV publicados nas plataformas do UNAIDS e da ONU Brasil, o UNAIDS participou de várias ações promovidas pela Agência AIDS ao longo do ano, como o *Camarote Solidário*, durante a Parada do Orgulho LGBTI+ de São Paulo, em junho, e o evento *Mais Arte, Menos Aids*, que reuniu artistas, ativistas, gestores e profissionais de saúde, entre os dias 25 de novembro e 1º de dezembro, no Parque Prefeito Mário Covas, em São Paulo, para falar sobre a resposta à AIDS, à discriminação e ao estigma.

Nesta ocasião, no dia 30 de novembro, o diretor interino do UNAIDS no Brasil, Cleiton Euzébio de Lima, participou do bate-papo "Populações-chave e HIV: Estratégias de prevenção para diminuir infecções". Para ele, o sucesso da resposta passa pela eliminação do estigma e da discriminação sobre estas populações.

"Se os heterossexuais fossem uma população mais afetada do que é pela epidemia, talvez o tema da AIDS estivesse mais em debate na mídia. No contexto do Brasil, os dados evidenciam que a epidemia segue crescendo entre jovens homens gays e HSH", alertou. "É importante entender que cada população-chave tem suas particularidades, mas é importante ter o olhar para os mais vulneráveis entre os vulneráveis ao HIV."

EIXO

MONITORAMENTO DA MÍDIA E AMPLIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DO UNAIDS

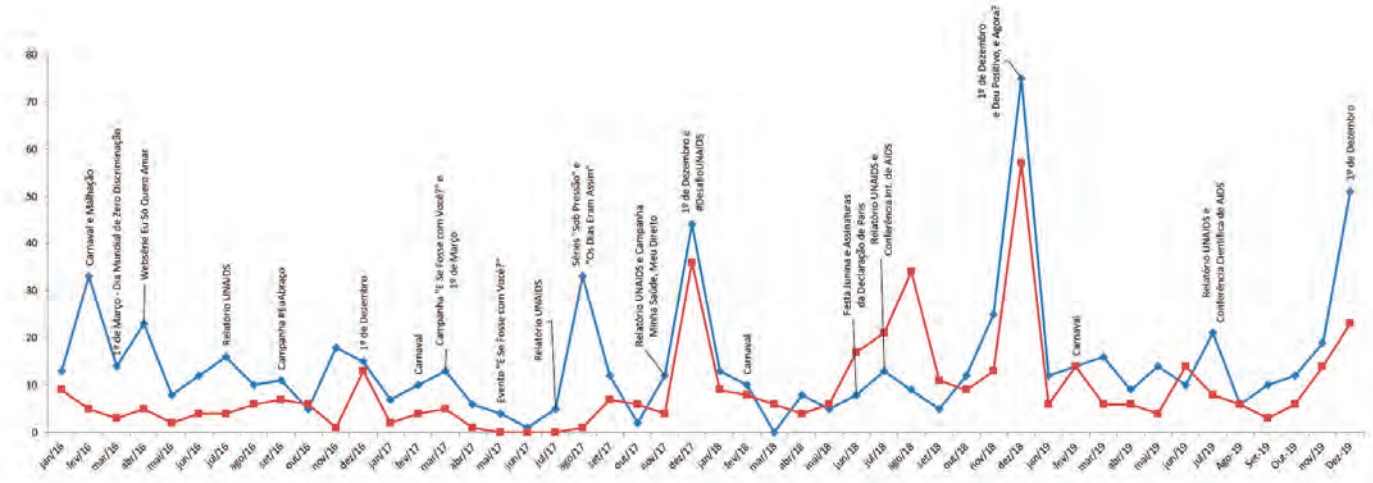
4.1 Clipping UNAIDS

Desde 2015, o UNAIDS Brasil produz um clipping diário de notícias e faz uma classificação qualitativa sistemática de notícias sobre HIV e AIDS captadas nas rondas diárias, separando-as entre negativas e positivas. Mais de 6 mil reportagens já foram coletadas e qualificadas neste sistema. Deste total, 4.201 foram clasificadas como positivas e 1.865 negativas.

São consideradas negativas as notícias de cunho discriminatório, pejorativo, que prestam um desserviço para a resposta à epidemia e que ainda não se adequaram, na visão do UNAIDS, às terminologias recomendadas para o contexto atual de resposta ao HIV e à AIDS. As notícias consideradas positivas são as que, na visão do UNAIDS, contribuem, de uma forma geral, para a resposta à epidemia, prestando um serviço importante à sociedade, trazendo conteúdo factual, preciso, sem discriminação e informado por evidências. Notícias tidas como neutras (que apenas relatam os fatos de forma objetiva e sem cunho discriminatório ou estigmatizante), também são classificadas como positivas.

Em um balanço feito com 5.623 reportagens coletadas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2019, nota-se que há um padrão de pico no número de matérias em períodos relevantes para o tema, como as datas em torno do Carnaval (fevereiro/março) e do Dia Mundial contra a AIDS (novembro/dezembro). Em 2019, também houve um pico de notícias em julho, influenciado, provavelmente pela realização da 10ª Conferência Internacional de AIDS sobre Ciência do HIV, que aconteceu na Cidade do México, e da divulgação do Relatório Global do UNAIDS.

Total (Geral) negativo positivo



É importante destacar que, nestes períodos de grande visibilidade do tema "HIV e AIDS" para a mídia, veículos de TV e Rádio são os que apresentam a maior incidência de matérias classificadas como negativas, quando comparados com veículos da imprensa tradicional (veículos que ainda são impressos ou que já foram impressos em algum momento de sua história) e veículos da nova mídia, genuinamente digitais.

Algumas hipóteses importantes que o levantamento de 2019 trouxe são:

> O número de notícias "positivas" aumentou significativamente quando comparado ao de notícias "negativas", principalmente em momentos de grande pico, como Carnaval e Dia Mundial da AIDS, o que pode demonstrar que houve avanço na maneira como a mídia vem pautando o tema HIV e AIDS desde o inicio do levantamento;

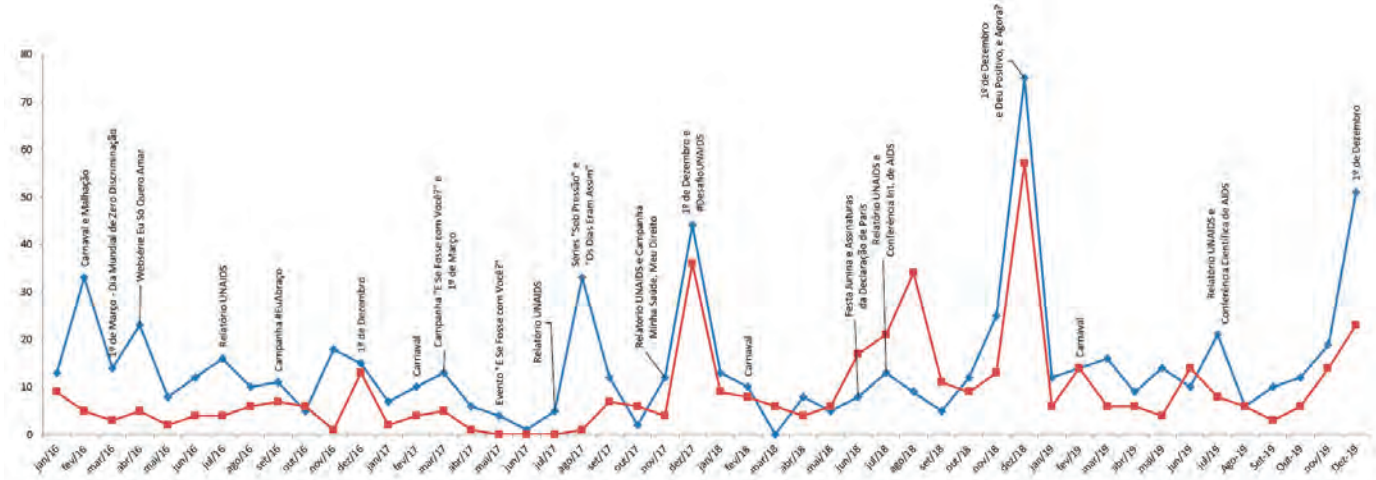
> No ano de 2018, a razão entre notícias "positivas" e "negativas" caiu significativamente quando comparado com 2016 e 2017. Entretanto, em 2019, vemos que a razão voltou a crescer de forma singnificativa (2.7 positivas para cada notícia negativa, considerando todos os veículos);

> Mesmo com o passar dos anos, a construção de matérias em TV e rádio sobre o tema ainda enfrenta grandes desafios no que diz respeito ao uso de padrões e clichês, que contribuem para a estigmatização das pessoas que vivem com HIV e as populações mais vulneráveis ao vírus. Em 2019, apesar de o número de matérias "positivas" ter superado o número de "negativas" (na razão de 1.7 : 1), a razão ainda é muito menor quando comparada com veículos tradicionais (3.6 : 1) e digitais (2.7 : 1);

> Em 2019, a imprensa tradicional apresentou a melhor razão entre matérias "positivas" e "negativas" (3.6 : 1), ultrapassando os veículos digitais, que vinham se destacando com maior número de matérias "positivas" desde o início da análise.

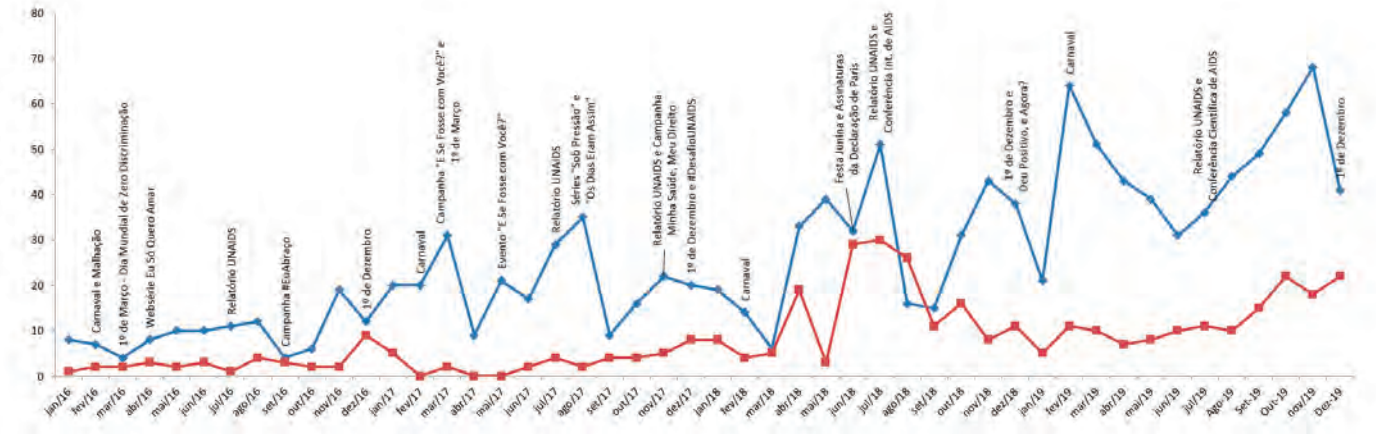
O gráfico abaixo retrata o tratamento dado pela imprensa aos temas relacionados a HIV e AIDS entre janeiro de 2016 e dezembro de 2019.

TV e Rádio



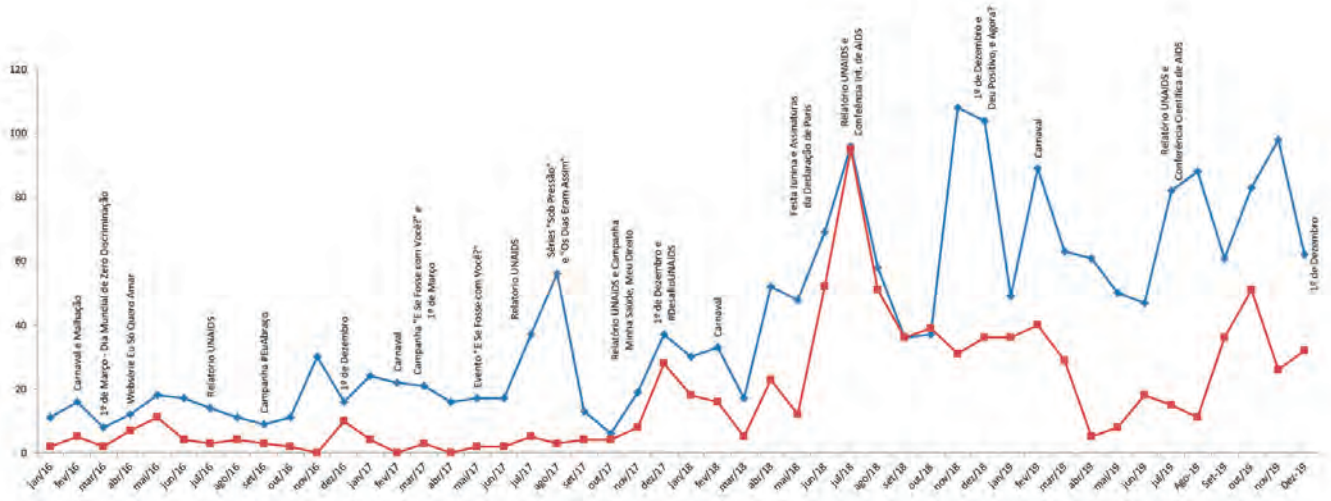
Este levantamento, apesar de ainda não ter caráter estritamente acadêmico para análise de discurso e de representatividade, serve de bússola orientadora para análise de impacto das ações de comunicação do UNAIDS e para iniciativas de sensibilização de jornalistas e da imprensa como um todo, por meio de conversar, oficinas práticas e envio de pautas. Além disso, o levantamento sistemático permite uma visão em perspectiva de longo prazo sobre a evolução do debate de sociedade pautado pela mídia.

Midias Digitais



Este levantamento tem servido também de base importante para as séries de Oficinas de Comunicação em HIV e Zero Discriminação para estudantes e profissionais das áreas de comunicação e saúde.

Mídias Tradicionais (Impresso)



Comunicação Interna

05/03 - Veja - Radar - Por Robson Bonin

Na contramão da abstinência, distribuição de camisinha será recorde

A adoção da política de abstinência sexual da ministra Damares Alves não dialoga com o programa de Aids do Ministério da Saúde. A estimativa do Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do ministério é que este ano sejam distribuídas cerca de 500 milhões de preservativos no país. Esse número será recorde e foi apresentado pelo diretor do departamento, Gerson Pereira, em recente reunião no Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Imprensa

Comunicação Interna

07/05 - Agência de Notícias da AIDS

Unaids e Instituto Barong se unem para distribuição de cestas básicas para pessoas com HIV em situação de vulnerabilidade

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaids) junto ao Instituto Cultural Barong, de São Paulo, criaram o projetoBalaio - Saúde, Inclusão e Comunidade. O objetivo é mitigar os impactos secundários da pandemia de COVID-19 entre as pessoas vivendo com HIV/aids e populações mais afetadas pela epidemia, incluindo pessoas LGBTI+ que vivem na cidade de São Paulo. O projeto terá foco na distribuição de cestas básicas, kits de higiene e botijões de gás para as pessoas em situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica.

Comunicação Interna

14/05 - Agência de Notícias da AIDS

Unaids e Barong juntos pela solidariedade. Projeto Balaio abre cadastro online para quem precisa de alimentos e kits de higiene e limpeza

BALAIO
SAÚDE, INCLUSÃO E COMUNIDADE
CADASTRE-SE!

O Projeto Balaio: saúde, inclusão e comunidade, uma iniciativa realizada em São Paulo pela ONG Barong, com apoio do Unaids, abriu nessa quarta-feira (13) o cadastro online para receber inscrições de pessoas vivendo com HIV/aids e pessoas LGBTI+ que necessitem de apoio com cesta básica de alimentos e kits de higiene e limpeza neste contexto de COVID-19. O projeto tem foco inicial em pessoas que moram na cidade de São Paulo e se encontram em situação de extrema vulnerabilidade. Seu objetivo é mitigar os impactos secundários da pandemia de COVID-19 sobre estas populações.

Saiu também em: OMS Brasil

Comunicação Interna

04/05 - Em Tempo (AM)

Sem medicamento e tratamento, mais de seropositivos na era da Covid-19

Até o momento, não há fortes evidências de que pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHIVA) corram um risco especialmente maior de contrair a Covid-19. Contudo infecções oportunistas que causam insuficiência respiratória e diabetes, por exemplo, podem levar essas pessoas a fazerem parte de grupo de risco. No Amazonas, seropositivos revelam que estão sem medicamentos e com tratamentos interrompidos. (...) A maioria das PVHIVA no Brasil já passou por pelo menos alguma situação de discriminação ao longo de suas vidas. É o que indica um estudo feito com 1.784 pessoas, em sete capitais brasileiras, entre abril e agosto de 2019. Os dados fazem parte do Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS - Brasil, realizado pela primeira vez no país.

Comunicação Interna

26/01 - Reuters

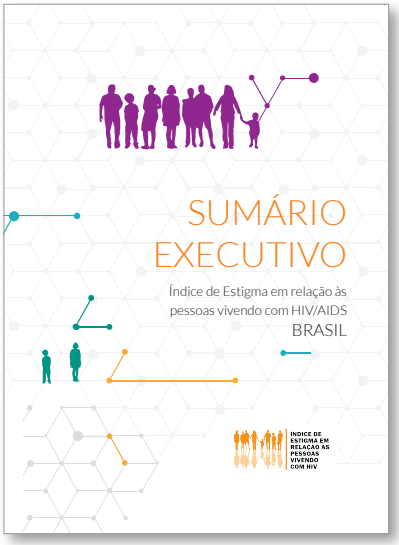
China testa medicamento contra HIV para tratar coronavírus em farmacêutica

A China está testando um medicamento contra o HIV como tratamento para os sintomas do novo coronavírus que está se espalhando rapidamente, disse a farmacêutica AbbVie neste domingo.

Saiu também em: Exame, Terra, UOL, Revista Veja Saúde

4.2 Relatórios e publicações em português

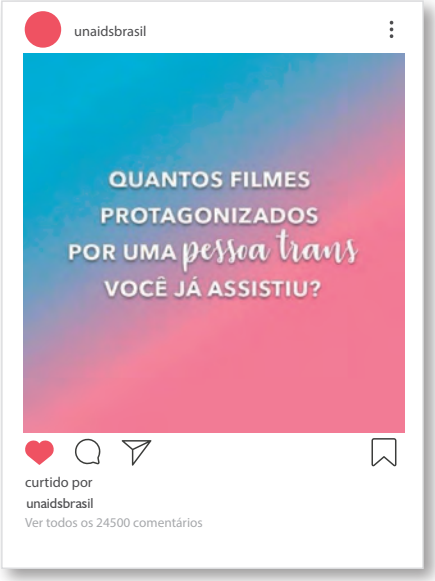
> Use o QR Code para acessar as publicações de 2019 e demais períodos.



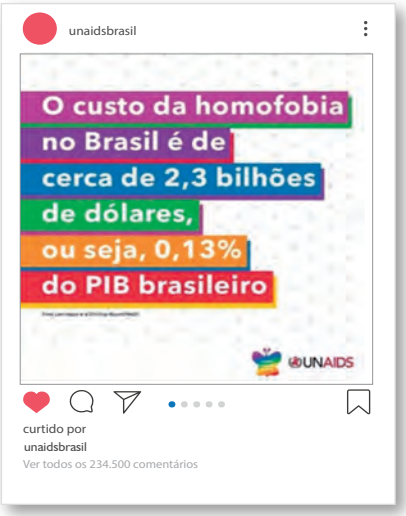
4.3 Plataformas online UNAIDS Brasil

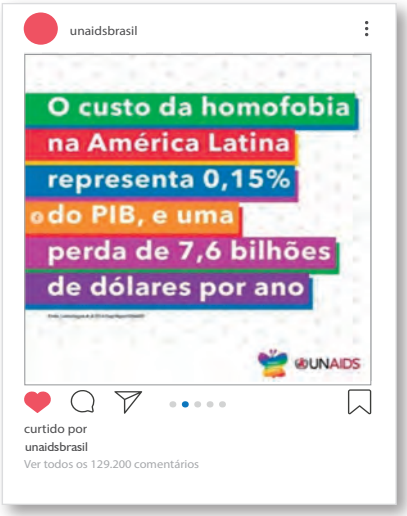
Redes Sociais

No mês de Janeiro, em decorrência das celebrações que marcam o Dia da Visibilidade Trans, o UNAIDS Brasil lançou virtualmente, através de uma série pelas redes sociais, o documentário Luz, Câmera, Zero Discriminação! Fruto de uma parceria com MAC Aids Fund e Coordenação de Políticas LGBTI de São Paulo, o webdocumentário retrata as quatro semanas de formação em audiovisual para 16 pessoas trans, realizado na cidade de São Paulo.



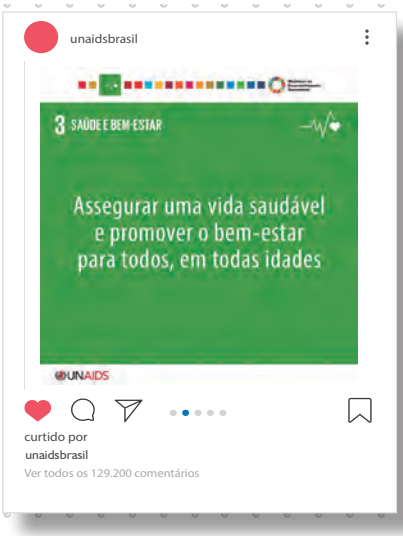
No mês de fevereiro, uma série de cards sobre o custo da homofobia foi publicado nas redes sociais do UNAIDS Brasil. O cálculo é feito a partir da construção de um índice baseado em aspectos de discriminação institucional (legislação) e discriminação social (aceitação da diversidade sexual), e considera perdas relacionadas à produtividade (desemprego, negação de promoção) e também ao impacto na saúde (saúde mental, física, morte prematura por crime de ódio). Segundo o relatório do UNAIDS "Prevention Gap report", esta quantificação do custo da homofobia reforça a importância de leis e políticas inclusivas, como parte dos esforços para melhorar o desenvolvimento econômico e social.

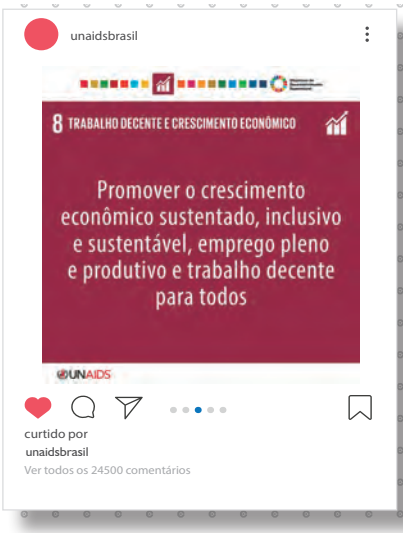


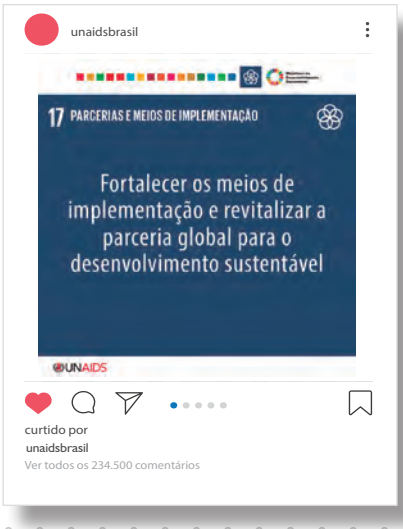


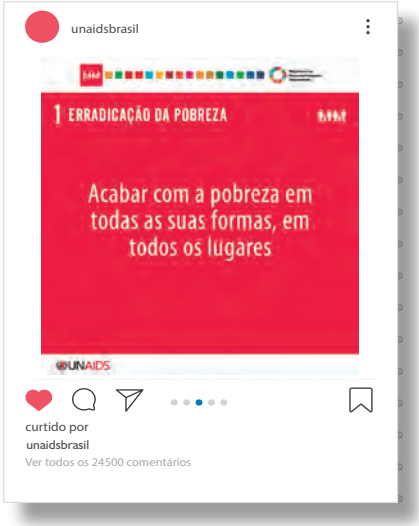
Em 2019, o UNAIDS também continuou a dar apoio à campanha Vidas Negras, desenvolvida conjuntamente com diversas agências, programas e fundos nas Nações Unidas. No mês de abril, o UNAIDS publicou uma série de cards sobre o impacto da Tuberculose na vida das pessoas vivendo com HIV. Cada card abordou um diferente aspecto: financiamento, estigma, vulnerabilidade e mortalidade.

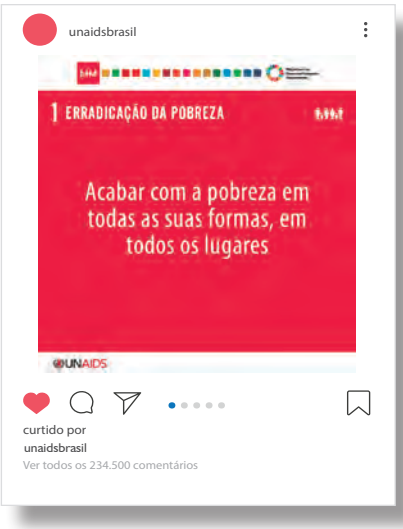
Também no mês de abril, o UNAIDS deu início a uma série de cards referente ao impacto dos ODS em relação ao HIV e AIDS. O primeiro deles tratou do ODS 3, Saúde e Bem-Estar. A série de cards seguiu um cronograma pré-estabelecido pelo grupo de comunicadores da ONU no Brasil, e durou o ano todo.

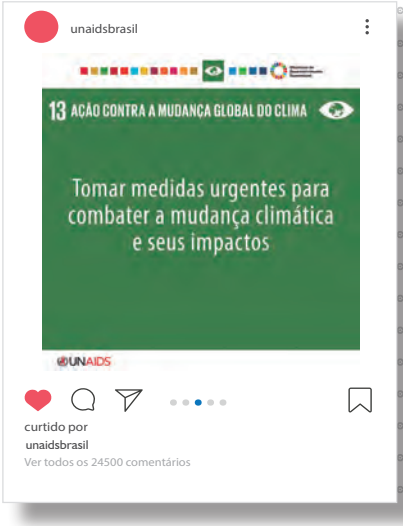










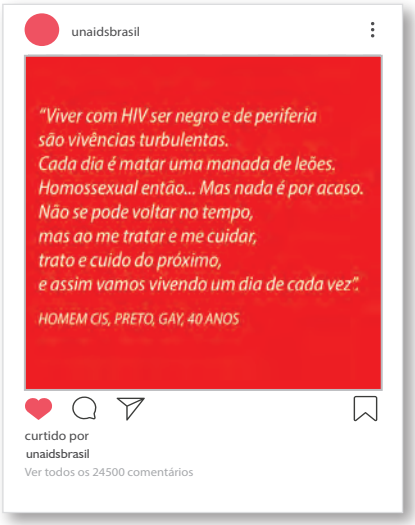


Em reconhecimento ao Mês Internacional do Orgulho LGBTI (maio), e dando continuidade às ações promovidas em Brasília no âmbito do Dia Internacional Contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, missões diplomáticas e centros culturais em Brasília organizaram o IV Festival Internacional de Cinema LGBTI.
A programação incluiu 17 filmes, sendo 4 documentários, em diversos idiomas, que abordaram diversas questões da comunidade LGBTI. O UNAIDS apresentou uma série de curtas realizados pelos alunos do curso de audiovisual "Luz, Câmera, #ZeroDiscriminação!" Após a exibição dos curtas, houve um debate com a presença de participantes do curso.

No contexto da resposta à venezuelanos, o UNAIDS também apoiou o lançamento da plataforma R4V. Esta é uma ação conjunta de diversas agências, fundos e programas da ONU. O UNAIDS também publicou uma série de cards em parceria com o projeto #SeLigaAê, que trabalha questões de IST e sexualidade com jovens de Periferia no Rio de Janeiro. A ação nas redes sociais teve como objetivo abordar diversos aspectos de saúde da população jovem negra, e marcou o dia nacional da Consciência Negra.

Sob o lema "Fale comigo abertamente", a campanha para o Dia Mundial contra a AIDS de 2019, feita em conjunto pelos escritórios regionais para América Latina e Caribe da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Rede Latino Americana de Jovens vivendo com HIV (J+LAC), teve como foco incentivar o diálogo aberto com jovens sobre HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). O objetivo também foi o de sensibilizar profissionais de saúde para que conversem abertamente sobre o tema com este público, sem preconceitos, sem estigma e sem discriminação.

Por conta do lançamento do Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil, o UNAIDS publicou cards com depoimentos de pessoas vivendo com HIV que sofreram discriminação. Os relatos mostram uma dura realidade das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade, ou que fazem parte de populações-chave e grupos marginalizados. O lançamento da pesquisa aconteceu no dia 10 de dezembro e teve transmissão ao vivo através do Instagram e twitter.



Site unaids.org.br

Desempenho em 2019 (comparação com 2018)

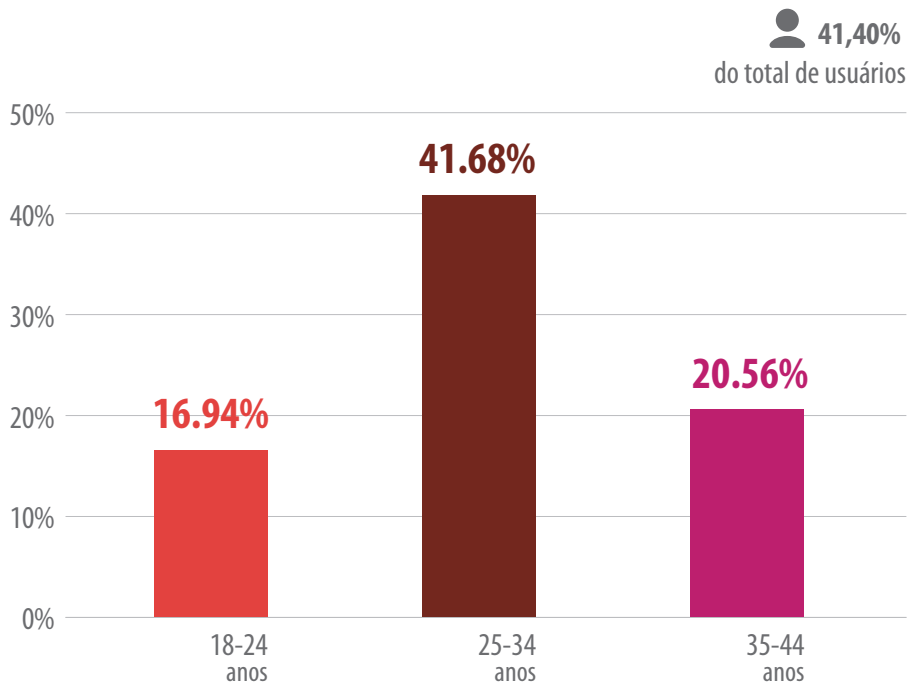
+87,05%
Usuários

+89,04%
Novos usuários

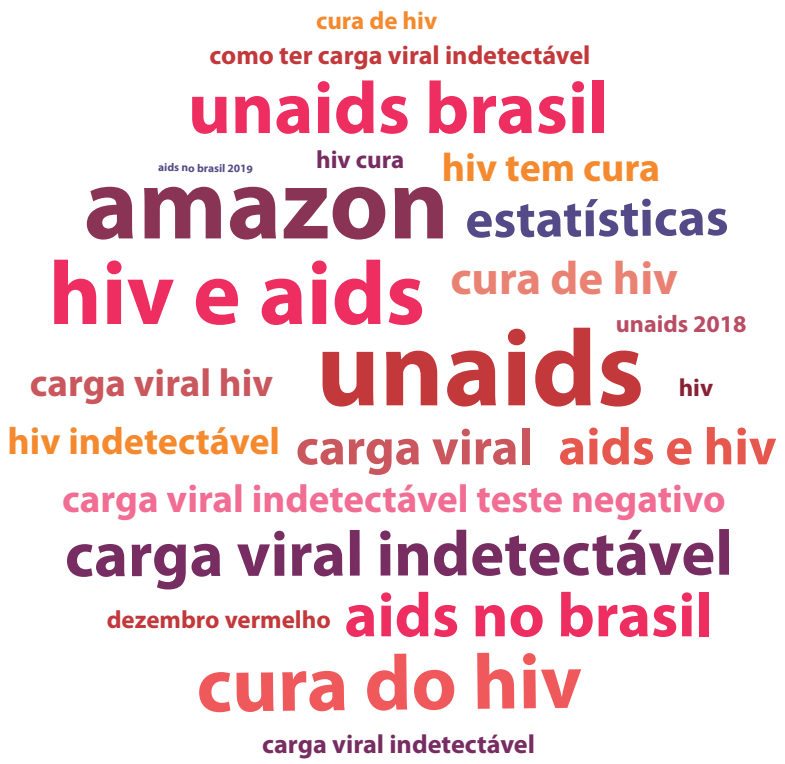
+90,09%
Sessões

+95,42%
Visualizações da página

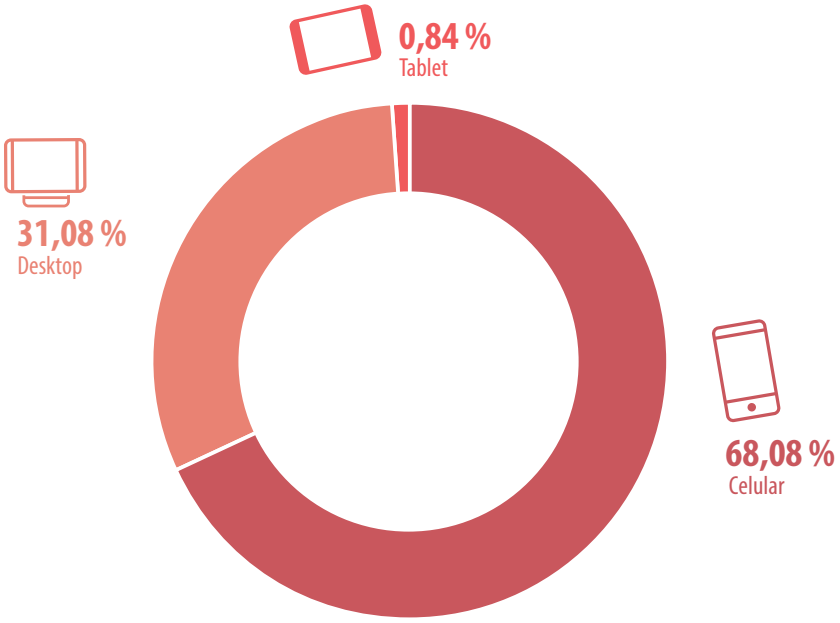
Idade dos Usuários



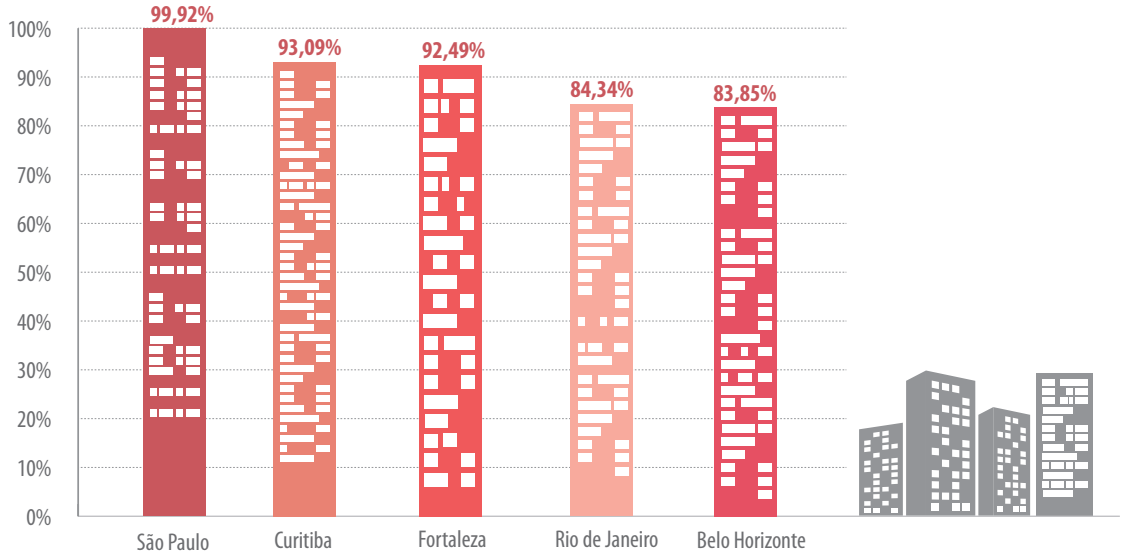
Palavras-chave mais comuns na busca externa (que levam ao site)



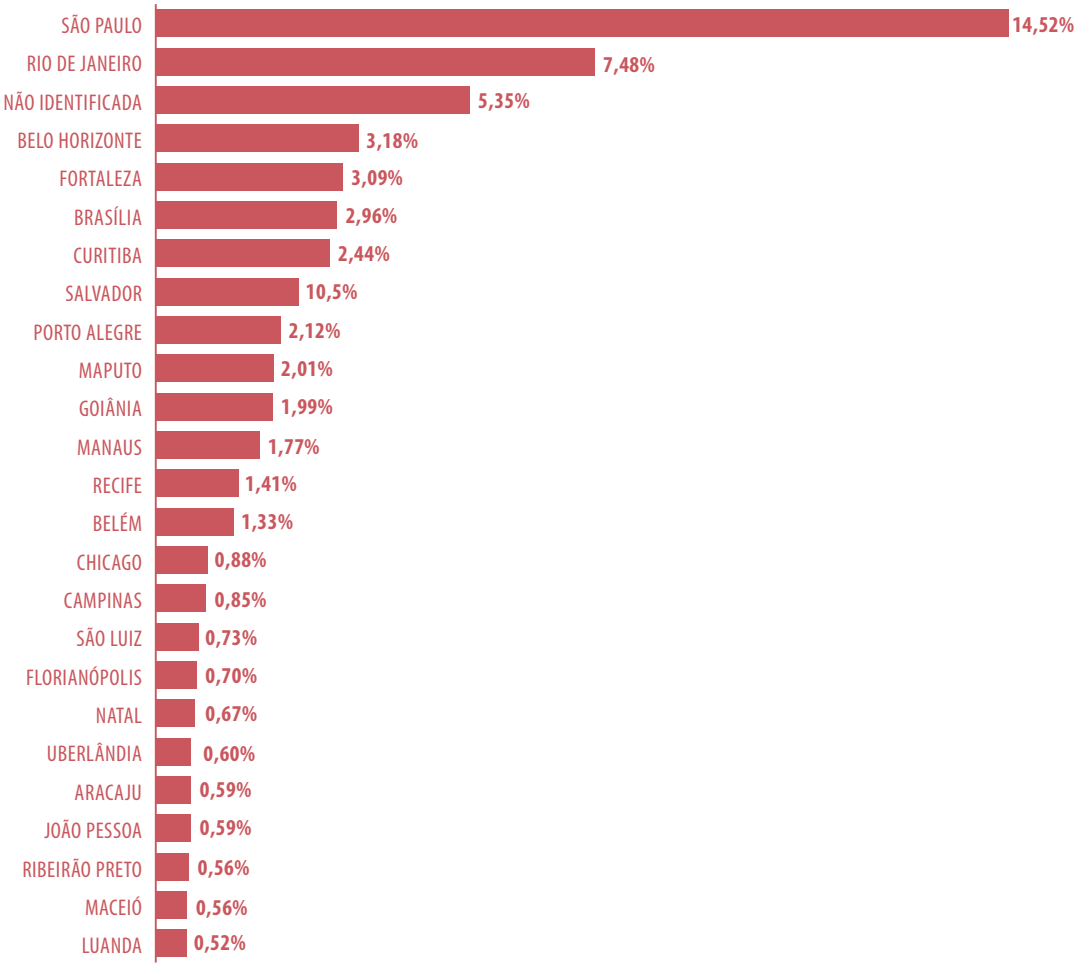
Dispositivos (uso de mobile/desktop em 2019)



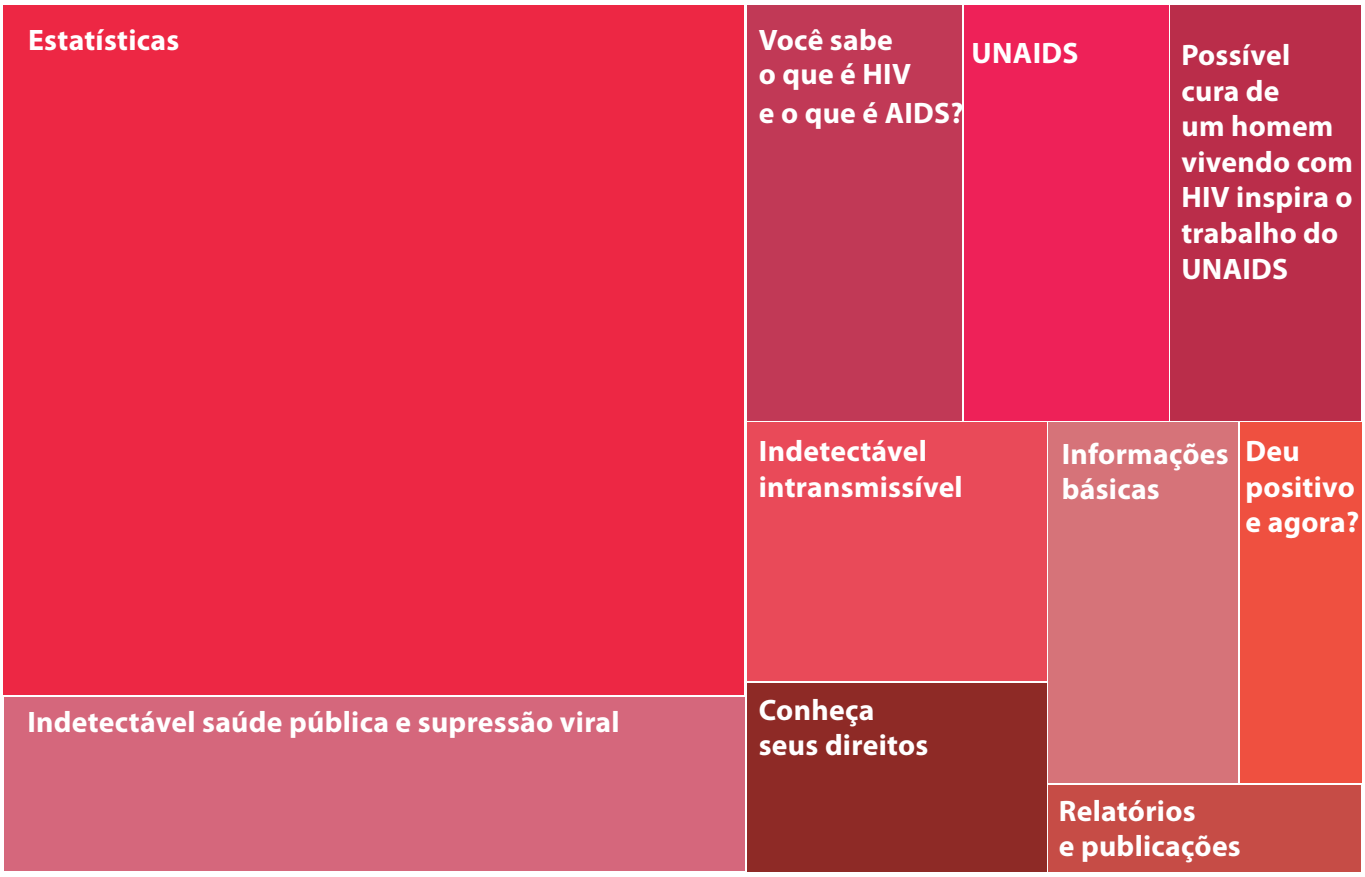
Cidades que mais cresceram em número de usuários
(comparação 2018-2019)



Cidades com mais acessos ao site em 2019 (por usuários)



Páginas mais acessadas no site em 2018 (por pageviews)



SEN Quadra 802 | Conj. C Lt. 17
70.800-400 Brasília - DF